

DM

**Colocação dos Clíticos na Escrita
de Alunos do Ensino Profissional**
Uma análise quantitativa e qualitativa
dos usos em português

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maurília José Nóbrega Fernandes

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

dezembro | 2025

**Colocação dos Clíticos na Escrita
de Alunos do Ensino Profissional**
Uma análise quantitativa e qualitativa
dos usos em português

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maurília José Nóbrega Fernandes

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO

Maria Helena Dias Rebelo

DISSERTAÇÃO

2.º Ciclo em *Linguística: Sociedades e Culturas*

Colocação dos clíticos na escrita de alunos do ensino profissional

Uma análise quantitativa e qualitativa dos usos em português

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Linguística: Sociedades e Culturas, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Helena Dias Rebelo

AGRADECIMENTOS

Esta Dissertação só foi possível concretizá-la devido ao apoio de algumas pessoas e instituições que, ao longo destes 3 anos de estudo, me apoiaram e me formaram para que este trabalho pudesse chegar ao fim. Agradeço, particularmente, a quem vou citar.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Helena Dias Rebelo, que foi a primeira a acreditar no tema desta Dissertação, e por quem tenho grande admiração, respeito e carinho, agradeço-lhe a orientação, o ensino e o apoio. O seu saber, a sua disponibilidade, a sua paciência e a sua resiliência contribuíram incondicionalmente para a realização desta Dissertação. Agradeço todas as horas disponibilizadas, desde o primeiro até ao último dia, para me orientar e ajudar durante todo o percurso percorrido até aqui. Agradeço-lhe o profissionalismo e a atenção, ao impulsionar-me sempre a fazer melhor. Agradeço-lhe, sobretudo, pela empatia e pelas palavras de motivação nos momentos em que duvidei das minhas capacidades. Sem todo este apoio, este trabalho não teria sido possível.

A todos os professores do Mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, aos presentes e aos ausentes, pelos ensinamentos, correções, horas de lecionação e por todo o carinho com que me acolheram neste Mestrado.

À escola de formação profissional, na pessoa da Diretora Pedagógica, e aos alunos das áreas de Saúde, Gestão, Informática e Desenho, que permitiram que usasse os seus textos escritos para compor o *corpus* em análise nesta pesquisa.

Ao meu colega Sérgio Araújo, pelo encorajamento, pela amizade, pela fé neste meu trabalho e pelo tempo que passou a convencer-me de que conseguiria. À minha melhor amiga, Leonissa, e ao companheiro João, pela amizade, pela motivação e pelo encorajamento e, acima de tudo, por sempre acreditarem em mim! A eles, um obrigado especial! Se consegui, foi muito por eles!

Aos meus queridos filhos, Filipa e Gonçalo, por me suportarem e me ouvirem reclamar, com “rabugice”, pela paciência que tiveram, quando dizia que não os podia acompanhar, nem ajudar porque tinha a Dissertação para concluir. Foram sempre compreensíveis e incentivaram-me a prosseguir até finalizar este trabalho de investigação. Agradeço-lhes do fundo do coração!

RESUMO

Esta Dissertação tem por objetivo principal o estudo da colocação dos pronomes pessoais clíticos em frases, que é um processo também conhecido por “cliticização”, ou seja, “ato ou efeito de substituir um elemento por um clítico ou pronome pessoal átono (sem acentuação)”, podendo haver “liberdade posicional” (cf. Eduardo Raposo *et al.*, *Gramática do Português*, 2013). Seguindo algumas regras da gramática portuguesa, relativamente à colocação deste tipo de pronome, consideram-se a ordem e a posição na frase segundo o verbo, havendo três possibilidades: a próclise (colocação do pronome antes do verbo), a mesóclise (colocação do pronome no interior do verbo) e a ênclise (colocação do pronome depois do verbo). Por ser de grande importância, quer para a escrita, quer para a oralidade, o conhecimento da colocação dos pronomes clíticos em frases, esta Dissertação pretende demonstrar até que ponto essa colocação é adequadamente aplicada no âmbito do ensino, neste caso particular, do ensino profissional, pelo que este trabalho incide sobre o estudo da escrita de alunos desse nível de ensino, nomeadamente dos 1.º e 2.º anos. Os dados dos informantes foram obtidos anonimamente, mas com o consentimento dos envolvidos, nesses dois anos letivos consecutivos, para apurar usos relativamente à colocação dos pronomes pessoais clíticos. Em síntese, observa-se a aplicação/ posição do pronome pessoal clítico (próclise, mesóclise e ênclise) e a frequência com que ocorre o seu uso, na escrita de jovens alunos do ensino profissional, que não estão habituados a pensar em questões linguísticas, no seu desempenho quotidiano.

Palavras-chave:

Ensino profissional, Morfologia, verbo, Sintaxe, frase, colocação pronominal

ABSTRACT:

The main purpose of this Dissertation is to study the placement of clitic personal pronouns in sentences, a process also known as ‘cliticization’, i.e. ‘the act or effect of replacing an element with a clitic or unstressed personal pronoun (without accentuation), which may involve ‘positional freedom’ (cf. Eduardo Raposo et al., *Gramática do Português*, 2013). Following some rules of Portuguese grammar regarding the placement of this type of pronoun, the order and position in the sentence are considered according to the verb, with three possibilities: proclisis (placement of the pronoun before the verb), mesoclis (placement of the pronoun within the verb) and enclisis (placement of the pronoun after the verb). As knowledge of the placement of clitic pronouns in sentences is of great importance for both writing and speaking, this Dissertation aims to demonstrate the extent to which this placement is adequately applied in the field of education, in this case, vocational education. This work therefore focuses on the study of the writing of students at this level of education, namely those in the 1st and 2nd years, in 2022-2023 and 2023-2024. The data from the informants was obtained anonymously, but with the consent of them, in these two consecutive academic years, to determine usage in relation to the placement of clitic personal pronouns. In summary, we observe the application/position of the clitic personal pronoun (proclisis, mesoclis and enclisis) and the frequency with which it is used in the writing of young vocational education students, who are not familiar with thinking about linguistic issues in their daily performance.

Key-words:

Vocational education, Morphology, verb, Syntax, sentence, pronominal placement

ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo/Abstract

Introdução 7

1. Relação dos informantes com a gramática 10

1.1. Informantes 10

1.2. Ensino e aprendizagem da gramática 11

1.3. Metodologia e *corpus* 12

2. Tipologia dos clíticos: uma abordagem geral 16

2.1. Subclasse dos pronomes 17

2.1.1. Formas dos pronomes pessoais 19

2.1.2. Pronomes pessoais: átonos clíticos 21

2.2. Flexão dos pronomes pessoais 23

2.3. Valores dos pronomes pessoais 25

2.3.1. Pronomes reflexivos 27

2.3.2. Pronomes recíprocos 28

2.4. Colocação dos pronomes pessoais 29

2.4.1. Usos gramaticais: ênclise, mesóclise e próclise 30

3. Usos dos clíticos em textos livres: análises qualitativa e quantitativa 38

3.1. Análise do pronome *se* 38

3.2. Análise dos pronomes *lhe(s)* 62

3.3. Análise dos restantes pronomes (*me, nos, o, a,...*)..... 66

3.4. A variação do uso dos clíticos na escrita livre 73

4. Descrição geral dos resultados 77

4.1. Comparação dos dados obtidos 77

4.2. Propostas de intervenção 91

Conclusão 93

Referências bibliográficas e Webgrafia	97
Apêndice: <i>corpus</i>	99
Lista de abreviaturas	107

Índice de quadros

Quadro 1 – Subclasse dos pronomes	19
Quadro 2 – Distribuição dos pronomes pessoais no português padrão	21
Quadro 3 – Função sintática dos pronomes	24
Quadro 4 – Distribuição dos clíticos não-reflexos e reflexos	26

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Pronomes pessoais clíticos	39
Gráfico 2 – Função sintática do C.D. (complemento direto)	65
Gráfico 3 – Pronome <i>se</i> – quantidade de ocorrências na posição proclítica ...	77
Gráfico 4 – Pronome <i>se</i> – quantidade de ocorrências na posição enclítica	78
Gráfico 5 – Número de ocorrências com <i>se</i>	79
Gráfico 6 – Usos das ocorrências <i>se</i> em posição proclítica	79
Gráfico 7 – Colocação pronominal enclítica do pronome <i>se</i>	80
Gráfico 8 - Colocação do pronome <i>se</i> em frases com conjunção <i>que</i>	81
Gráfico 9 – Colocação do pronome <i>se</i> em inícios de oração	81
Gráfico 10 – Colocação do pronome <i>se</i> em orações afirmativas	82
Gráfico 11 – Uso do pronome <i>se</i> em orações coordenadas	82
Gráfico 12 – Colocação dos pronomes <i>lhe(s)</i>	83
Gráfico 13 – Colocação proclítica dos pronomes <i>lhe(s)</i>	83
Gráfico 14 – Usos enclíticos dos pronomes <i>lhe(s)</i>	84
Gráfico 15 – Posição do pronome <i>nos</i>	84
Gráfico 16 – Usos proclíticos do pronome <i>nos</i>	85
Gráfico 17 – Usos enclíticos do pronome <i>nos</i>	85
Gráfico 18 – Colocação dos pronomes <i>a/o/as/os</i>	86
Gráfico 19 – Posição proclítica dos pronomes <i>a/o/as/os</i>	87
Gráfico 20 – Posição enclítica dos pronomes <i>a/o/as/os</i>	87
Gráfico 21 – Colocação do pronome <i>me</i>	88

Gráfico 22 – Posição proclítica de <i>me</i>	88
Gráfico 23 – Posição enclítica de <i>me</i>	89
Gráfico 24 – Total da colocação dos pronomes	89

INTRODUÇÃO

A adequada colocação e a ordem em frases dos pronomes clíticos no Português Europeu (PE) têm sido um assunto que tem merecido a atenção não só de quem está diretamente ligado ao ensino, como também dos linguistas, assim como das pessoas da comunidade em geral. Ao longo dos últimos anos, e com a rápida evolução da tecnologia, cada vez mais acessível a todos, a preocupação em escrever e falar “bem” a sua própria língua está longe de ser uma realidade, principalmente nos jovens. Com a acelerada evolução das coisas e o contínuo *stress*, a maioria dos jovens e/ou estudantes já não se dedica à leitura de um livro, nem à consulta ou à pesquisa de conhecimento e informação em manuais, dicionários e gramáticas, pois, cada vez mais, o acesso à Internet é facilitado, bastando, simplesmente, procurar e copiar toda a informação de que os falantes necessitam. Por esta razão, e por outras mais, nota-se, no dia a dia das pessoas, uma grande dificuldade no falar e, principalmente, no escrever, quer no meio profissional, quer no meio académico, quer ainda no seu quotidiano.

Por este motivo, e por ser cada vez mais frequente a falta de conhecimento linguístico, esta Dissertação tentará demonstrar, através de um estudo realizado no âmbito do ensino profissional, até que ponto os alunos que frequentam este tipo de ensino usam e aplicam os pronomes pessoais clíticos, analisando aleatoriamente, para tal, alguns textos, isto é, alguns segmentos frásicos desses textos, escritos por eles. Daí a questão que se põe, quando se trabalham temáticas desta área: quem é que ainda não se deparou com uma dúvida em colocar o pronome no lugar considerado, gramaticalmente, correto, relativamente ao verbo? Provavelmente, uma grande maioria já encontrou problemas desta natureza! De facto, muitas das vezes em que se escreve ou se fala, depara-se com as questões: “Onde colocar o pronome? Antes....depois ou a meio da forma verbal?” Estas e outras dúvidas relacionadas com a posição adequada dos pronomes clíticos são uma situação e um problema muito comum. Será, provavelmente, mais comum do que se imagina. Seguindo estas questões, e de forma a tentar trazer alguma luz para reflexão sobre a problemática, neste trabalho será, antes de mais, definido o que são “pronomes” e o que são “pronomes pessoais clíticos”, também designados como “átonos”.

Quanto à estruturação deste trabalho, foi pensado e dividido em quatro capítulos, de acordo com a temática linguística a estudar que reside, sobretudo, na posição dos pronomes pessoais clíticos na frase, ou melhor, em excertos frásicos, de forma a analisar e perceber o seu uso. Assim, estrutura-se da seguinte forma: capítulo 1) Relação dos informantes com a

gramática; capítulo 2) Tipologia dos clíticos: uma abordagem geral; capítulo 3) Uso dos clíticos em textos livres: análises qualitativa e quantitativa e capítulo 4) Descrição geral dos resultados. A organização, como é evidente, inicia-se com uma introdução e, logicamente, finaliza-se com uma conclusão, seguindo-se as referências bibliográficas, com a indicação da Webgrafia consultada, o apêndice, que inclui o *corpus* a estudar, e a lista de abreviaturas utilizadas durante toda esta pesquisa.

Na introdução, é feita uma contextualização, na qual é apresentado e explicado, sumariamente, este estudo e o *corpus* que o compõe. De uma forma geral, nesta parte, é mencionado em que consiste e em que se baseia este trabalho. No capítulo um, relativo aos informantes, são feitas a sua apresentação e a sua caracterização, dando a conhecer a quantidade de alunos que participam nesta pesquisa, a idade, o género, o curso e o ano letivo que frequentam. É abordado a sua relação com a gramática, cabendo, ainda, neste ponto, falar sobre o seu ensino e a aprendizagem da mesma. É feita uma breve referência aos conhecimentos dos alunos relativamente aos tipos de pronomes a estudar, assim como, a sua colocação nas frases. Ainda neste capítulo, é definido o que é o “ensino profissional”, de forma a enquadrar a temática a estudar. Os manuais utilizados e os respetivos conteúdos programáticos são mencionados ainda neste capítulo. No capítulo dois, é elaborada uma sistematização do tema central sobre os pronomes pessoais clíticos. Procura-se saber quais são esses pronomes e quais são as regras de colocação nas frases. É feita, de forma específica, uma análise qualitativa e quantitativa dos dados utilizados em todo este processo, incluindo a variação do uso dos clíticos na escrita livre. Seguidamente, no capítulo três, são analisadas as produções escritas dos informantes, que servem de base à constituição do *corpus*, e a aplicação dos pronomes pessoais clíticos, nesses mesmos textos. Procede-se à análise do *corpus* de acordo com uma organização e estruturação por pronome. É estudado, primeiramente, o pronome *se*, depois os pronomes *lhe/lhes* e, por último, os pronomes *me*, *nos*, *o/os* e *a/as*, assim como a variação do uso destes pronomes na escrita livre. Este capítulo trata o material linguístico recolhido. No quarto capítulo, são dados a conhecer os resultados apurados ao longo desta pesquisa. Inclui-se a comparação qualitativa e percentual dos dados obtidos e as propostas de intervenção, que servem para demonstrar o uso dos pronomes clíticos nos diversos tipos de frases e nas diferentes posições em relação à forma verbal.

Para uma melhor explicitação, todo este estudo é baseado na consulta bibliográfica e fundamentado nos dados recolhidos. Para tal, utilizou-se uma diversificação bibliográfica, pesquisada ao longo da preparação deste trabalho, em bibliotecas e *online*. As temáticas e a

base de investigação dessa bibliografia estão relacionadas com a área da Morfologia e da Sintaxe da gramática portuguesa, mais especificamente, com os pronomes pessoais átonos e a sua colocação nas orações, envolvendo toda uma dinâmica frásica. As referências vão desde estudos parciais a trabalhos científicos e obras de investigadores e linguistas, não só portugueses, incluindo brasileiros, como também estrangeiros. Grande parte da bibliografia usada funciona como base para o desenvolvimento deste trabalho. Apresenta estudos relacionados com a colocação dos diversos pronomes pessoais átonos, como também investigações sobre questões linguísticas de variação geográfica, respetivos informantes e dados dentro das vertentes morfológica e sintática.

Como base de consulta e explicitação, neste estudo, são utilizadas três gramáticas de português. São consideradas normativas: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha & Cintra, 17.^a edição, 2002; *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mateus *et al.*, 2003, e a *Gramática do Português*, Volume II, de Eduardo Raposo *et al.*, 2013.

Na primeira, é consultado o capítulo 11 “Pronomes”, que tem como subtítulos os “pronomes pessoais”, o “emprego dos pronomes oblíquos, formas tónicas e formas átonas” e, dentro destes subcapítulos, consulta-se a parte dedicada à colocação dos pronomes átonos, que indica e explica as regras de utilização e a posição dos pronomes pessoais, junto a uma forma verbal. Na gramática de Mateus *et al.*, 2003, é estudado o capítulo 20 “Tipologia e Distribuição das Expressões Nominais”, dentro do qual se explicam as propriedades gerais caracterizadoras dos pronomes clíticos e das posições enclítica, proclítica e mesoclítica, assim como a subida do clítico. Na gramática de Eduardo Raposo *et al.*, 2013, é consultado o capítulo 42 “Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos”, que explica o uso destes pronomes nos diversos tipos de orações, quer principais, quer subordinadas, finitas e de infinitivo, assim como, orações com verbos compostos, gerundivos e com o particípio passado.

As três gramáticas indicadas fundamentam os conteúdos a ter em conta, sobretudo numa temática relacionada com o ensino, como a que está a ser tratada. Permitem recolher informação basilar para elucidar o tema. Além disso, servem, igualmente, para observar com maior cuidado o *corpus* que é alvo de análise. Constituem referências essenciais, a par de outros títulos consultados. Dá-se conta do assunto nos capítulos da Dissertação.

1. RELAÇÃO DOS INFORMANTES COM A GRAMÁTICA

De forma a ter uma melhor perceção deste trabalho escrito e do *corpus* que o compõe, é feita uma apresentação dos informantes, nomeadamente, as suas idades, o seu género, o ano letivo a considerar e os cursos que frequentam quando são recolhidos os dados. Todos eles contribuíram para esta investigação, com os seus textos escritos, cujas frases (ou melhor, excertos frásicos) com ocorrências de pronomes pessoais átonos são analisadas, primeiramente, por tipo de pronome e, seguidamente, pela sua colocação nas orações por meio da sua ligação à forma verbal. Os resultados são apresentados percentualmente, através de gráficos, aquando da observação dos mesmos.

Os informantes deste estudo são alunos que, ao longo da sua vida escolar, tiveram conhecimento da aplicação das diversas regras gramaticais que compõem a gramática normativa portuguesa. Contudo, não estão vocacionados para o estudo sistemático da língua portuguesa. Pela experiência profissional que se tem, observa-se que pouco se preocupam com a língua e a gramática.

1.1. Informantes

Os informantes desta pesquisa são alunos do ensino profissional, mais concretamente dos cursos de 1.º e 2.º anos (10.º e 11.º anos, respetivamente), de uma Escola Profissional da Região Autónoma da Madeira, dos cursos de Auxiliar de Saúde (SAU), 1.º e 2.º anos, Gestão (GES), 1.º ano, Design de Comunicação Gráfica (COM), 1.º ano, Programador de Informática (INF), 1.º e 2.º anos e Desenho Digital 3D (DES), 2.º ano. Por serem estudantes do ensino profissional, correspondente ao nível do ensino secundário, são jovens cujas idades variam entre os 15 e os 19 anos, com algumas exceções de alunos que, entretanto, já fizeram 20 anos.

Entende-se por “ensino profissional” os Cursos Profissionais que correspondem ao nível secundário, com uma grande ligação ao mundo profissional, e uma aprendizagem mais prática, em “que se desenvolvem competências sociais, científicas e profissionais necessárias ao exercício de uma atividade profissional. São cursos que conferem dupla certificação, ou seja, os alunos são certificados com o ensino secundário (certificação escolar) e obtêm a qualificação de nível 4 (certificação profissional) do Quadro Nacional de Qualificações”, como está indicado em https://www.anqep.gov.pt/np4/cursos_profissionais.html. De acordo com os próprios interesses, as áreas de estudo e de trabalho, as aprendizagens destes cursos preparam os jovens para uma inserção, mais fácil e qualificada, no mercado do trabalho, valorizando, assim, o

desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão e permitindo acesso ao ensino superior. Estes cursos destinam-se aos alunos que concluíram o 3.º ciclo do ensino básico ou possuem uma formação equivalente; procuram um ensino mais prático e voltado para a área profissional. Em Portugal, as escolas profissionais foram criadas em 1989, como uma alternativa para os jovens que tinham terminado o 3.º ciclo de estudos (9.º ano), como se lê na explicação do site <https://www.dgeste.mec.pt/>.

Na escola onde se recolhe os dados, no 1.º ano letivo, estão inscritos 59 estudantes, sendo que 26 são estudantes do género feminino e os restantes 33 do género masculino. Relativamente ao 2.º ano, são 53 os estudantes, sendo 22 alunas e 31 alunos.

Ao todo, são 112 estudantes deste tipo de ensino que participam e contribuem para a obtenção destes resultados. Estes jovens não são todos de nacionalidade portuguesa. Neste estudo, encontram-se, no conjunto dos informantes, as nacionalidades venezuelanas e brasileiras, sendo, no entanto, muito poucos estes casos. Alguns deles já estão em Portugal, mais concretamente na Região Autónoma da Madeira (RAM), há alguns anos. Quanto à sua residência, a grande maioria dos 112 alunos que configuram os informantes do presente estudo vive no concelho do Funchal e no de Santa Cruz. Os restantes são alunos cuja residência é nos concelhos de Câmara de Lobos, Ribeira Brava e Ponta do Sol.

1.2. Ensino e aprendizagem da gramática

Pela experiência docente que se tem, é comum os alunos, não só os do ensino profissional e secundário, como também, os dos outros ciclos, não gostarem ou não se sentirem à vontade com o estudo da gramática, a resolução de exercícios gramaticais e a aplicação das normas gramaticais, pois, a maior parte dos estudantes a quem se pergunta se gosta ou não de português, mais concretamente da parte da gramática, responde que não gosta, que não percebe e que é algo difícil e complicado de estudar, pelo que nem perde tempo a tentar perceber o mínimo dessa área de estudo. Será, por isso, expectável e compreensível se, após a análise das ocorrências e o apuramento de resultados, se verificar que uma grande percentagem de alunos não utiliza adequadamente, segundo o que está padronizado, os pronomes pessoais clíticos na escrita. Esta hipótese impõe-se face às opiniões que os alunos vão expressando. No nível de ensino profissional, todavia, os alunos já têm algum conhecimento da gramática, principalmente das regras da colocação pronominal, pois esta é uma matéria que abrange o programa dos alunos nos ciclos anteriores, aumentando a exigência e o grau de dificuldade ao

longo dos anos letivos seguintes, pelo que, no ensino do nível secundário, a grande maioria das regras já estão incluídas no estudo e na aprendizagem normal destes jovens.

Os manuais adotados pela escola profissional que estes alunos frequentam, para os respetivos anos escolares, é *Português*, módulos 1, 2, 3, referente ao 1.º ano do ensino profissional, de Anabela Vieira, Pedro Silva, Elsa Cardoso e Sofia Rente, do ano de 2016. Para o 2.º ano é *Português*, módulos 4, 5, 6, de Sílvia Magalhães, Pedro Silva, Elsa Cardoso e Sofia Rente, de 2018. Englobam os conteúdos programáticos o estudo da língua, desde a antiguidade, até aos nossos dias. Assim, especifica-se: no 1.º ano, fazem parte integrante do estudo da gramática a origem e a evolução do português – processos fonológicos; lexicologia: os arcaísmos, os neologismos; processos irregulares de formação de palavras; etimologia: palavras divergentes e palavras convergentes; étimos e seus valores semânticos; coesão textual; sintaxe: predicativo do complemento direto, complemento do nome e complemento do adjetivo; classe das palavras; recursos expressivos; conectores discursivos; funções sintáticas; subordinação, conjunções subordinativas, a divisão e classificação de orações; processos fonológicos e coerência textual. No 2.º ano, os alunos têm como conteúdos programáticos gramaticais a Dêixis: pessoal, temporal e espacial; a coesão e a coerência textuais e modalidades de reprodução do discurso: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Em nenhum destes dois anos os alunos estudam explicitamente os clíticos e a sua colocação. Contudo, é uma temática estudada nos anos anteriores e pressupõe-se que já a dominam.

Tenta-se, através deste estudo e dos seus resultados, aferir o nível de conhecimento da gramática quanto aos pronomes clíticos e dos seus diversos usos nos jovens que estão atualmente a frequentar o ensino profissional, nas áreas de Saúde (SAU), Informática, (INF) Gestão (GES), Comunicação Gráfica (COM) e Desenho Digital (DES).

1.3. Metodologia e *corpus*

Para a realização desta pesquisa, foi selecionado o tema a estudar em função de uma problemática presente no Ensino Profissional, já que os alunos não demonstram interesse pela gramática e pelo funcionamento da língua, revelando problemas com o uso dos clíticos. Inicialmente, quanto ao tema para a Dissertação, houve alguma dúvida na escolha: cultura, literatura ou gramática. Após a análise de todas estas opções, foi escolhida a área da gramática, por ser a que demonstrou ter maior pertinência de estudo/pesquisa em função dos informantes. Resolvida esta fase, foi necessário selecionar a(s) área(s) de estudo, pelo que, após alguma ponderação, foram selecionadas a área da Sintaxe, para observar construções de segmentos

frásicos, e a da Morfologia¹. Como indicado anteriormente, de entre os inúmeros campos existentes na gramática portuguesa para investigação, optou-se pelo estudo dos pronomes, mais concretamente, dos pronomes pessoais clíticos, ou seja, aqueles cuja posição aparece junto a uma forma verbal, sendo dependente dela. A gramática portuguesa indica que existem três posições pronominais, relativamente ao verbo. Assim, o pronome pessoal clítico poderá aparecer antes do verbo, colocação chamada proclítica; no meio da forma verbal, como é o caso do futuro e do condicional, à qual se dá o nome de mesóclise e, por fim, a posição pós-verbal, conhecida como ênclise.

Após a escolha da temática linguística, pensou-se na constituição do *corpus*. Foi estabelecido que este seria formado através de partes de textos escritos por alunos que estivessem a frequentar os anos letivos respetivos do ensino profissional, cuja faixa etária se situa entre os 15 e os 19 anos. Assim, começou-se por recolher, aleatoriamente, 112 produções escritas, redigidas por 112 alunos do ensino profissional. Após esta recolha, feita em contexto escolar e durante as aulas normais dos alunos, iniciou-se a leitura e a análise de todos estes textos, de forma a seleccionar, transcrever e organizar sequências relativas ao uso dos pronomes clíticos. Os segmentos frásicos onde figuram os pronomes clíticos formam o *corpus* a analisar (cf. Apêndice).

Os excertos frásicos que formam o *corpus* desta pesquisa, foram transcritos como os alunos os escreveram nos seus textos, pelo que haverá alguns erros de ortografia, gramaticais e de coerência textual. Não se corrigem. Procurou-se manter a expressão escrita original, evitando a reescrita e a reformulação, de modo a dar visibilidade à expressão escrita dos alunos. Para a recolha de uma amostra significativa de usos destinada a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos, o processo de recolha foi, logicamente, dividido em dois momentos. Em primeiro lugar, envolveu um exercício de escrita livre, a partir de uma motivação temática geral, a fim de testar o conhecimento e a aprendizagem dos alunos do ensino profissional. Seguidamente, passou-se para a recolha, a análise e a demonstração de resultados, comprovados com a leitura de gráficos e apuramento das respetivas percentagens.

De forma a organizar, mais fácil e compreensivelmente o *corpus*, foi atribuído a cada referência pronominal um código com indicação do número de texto/aluno daquela turma, curso e ano que o aluno está a frequentar: Saúde 1.º ano, Saúde 2.º ano, Informática 1.º ano,

¹ A análise deste estudo baseia-se na área da Morfologia e não na área da Classe de Palavras, pois, pretende-se estudar não somente o tipo de palavras ou classe a que pertencem, neste caso, os pronomes pessoais, mas sim, e também, a sua função e formação dentro de uma oração, o seu uso e, no caso do pronome *se*, as suas diversas aceções, junto a uma forma verbal.

Informática 2.º ano, Gestão 1.º Ano, Design e Comunicação Gráfica 1.º ano e Desenho Digital 3D 2.º ano; género do informante e número de frase/oração com ocorrência, naquele texto. Veja-se, o seguinte exemplo explicativo: 1SAU2F3 – isto indica que o texto/aluno é o primeiro (1) do curso de Saúde (SAU) de 2.º ano (2); é de uma aluna (Feminino - F) e é a terceira frase ou oração com ocorrência deste pronome neste texto. As frases selecionadas estão agrupadas no *corpus* por curso profissional respetivo, por pronome, como por exemplo, *se, lhe, me, nos*, entre outros, e por tipo de posição pronominal, relativamente ao verbo (próclise, ênclise e mesóclise). O pronome pessoal *se* é estruturado por tipo de flexão pronominal (reflexivo, recíproco, expletivo, impessoal, passivo e intrínseco) de forma a facilitar a leitura, a compreensão e a análise do *corpus*.

Depois de todas as frases transcritas, agrupadas e listadas sequencialmente, procedeu-se à sua análise, selecionando e definindo, por ordem, os parâmetros de estudo, nomeadamente, qual o primeiro pronome a estudar, qual a primeira posição pronominal a colocar e que gráficos utilizar. Embora tenham sido 112 alunos a produzir 112 textos, há 126 transcrições frásicas, compostas por 163 ocorrências de clíticos. Por cada curso e por cada ano letivo são analisadas e estudadas as ocorrências dos pronomes clíticos de acordo com a sua posição e ordem: antes do verbo (próclise), a meio do verbo (mesóclise) e após o verbo (ênclise). O primeiro pronome clítico analisado foi “*se*”, identificando-o e caracterizando-o como reflexivo, recíproco, apassivador, indeterminado ou impessoal, intrínseco e expletivo. O segundo pronome pessoal estudado foi “*lhe*”/“*lhes*” (singular/ plural). Por fim, observaram-se os restantes pronomes pessoais, nas diversas posições, números e flexões (*me/nos/o/a/os/as/lo/los/la/las*). Definido este processo de trabalho, procedeu-se ao estudo das ocorrências existentes no *corpus*, selecionando-as e analisando-as por turma, explicitando as ocorrências com base na bibliografia consultada e de acordo com as regras e os usos normativos da língua portuguesa.

Relativamente ao *corpus* que serve de base a esta Dissertação e à sua constituição, foram, como se explicou, selecionados, aleatoriamente, 112 textos escritos por 112 alunos do ensino profissional, dos cursos de 1.º e 2.º anos (10.º e 11.º anos), de uma escola profissional, situada na RAM, sendo 48 textos de raparigas e os outros 64 de rapazes. Estes textos, por tratarem de assuntos que fazem parte do programa de estudo referente ao primeiro período escolar, foram recolhidos em dezembro de 2023 e versam sobre temáticas semelhantes.

Do 1.º ano letivo, obteve-se 59 textos escritos: 26 de alunas e os restantes 33 de alunos. Estes textos dizem respeito ao 1.º módulo “Idade Média: Lírica Trovadoresca e Crónicas”, módulo que, além do estudo das cantigas de amor, de amigo, de escárnio e maldizer, inclui

também a leitura dos capítulos XI, CXV e CXLVIII da “Crónica de D. João I”, de Fernão Lopes. A produção escrita utilizada para este estudo refere-se a uma síntese, género textual abordado ao longo do módulo, sobre a publicidade e o consumismo, pelo que as frases seleccionadas poderão ser repetitivas, quer na estrutura, quer no contexto.

Relativamente aos textos do 2.º ano, foram analisadas 53 produções escritas, sendo 22 de alunas e 31 de alunos. Fazem referência ao módulo 4 “Texto Argumentativo e Dramático”, no qual foi estudado o *Sermão de Santo António aos Peixes*, de António Vieira, e a obra de Almeida Garrett *Frei Luís de Sousa*. A produção escrita analisada no âmbito desta investigação refere-se a um texto de opinião sobre a matéria estudada ao longo do módulo, pelo que o contexto das frases poderá ser diferenciado, ao contrário das frases seleccionadas para o 1.º ano.

Ao todo, foram analisados 112 textos, 126 frases/orações, com um total de 163 ocorrências de pronomes clíticos, pois, num texto escrito de um único aluno pode, eventualmente, aparecer mais do que uma ocorrência clítica, pelo que o número de ocorrências e frases/orações² é superior ao número de alunos. Evidentemente, nos materiais recolhidos, também aconteceu haver textos e frases sem pronomes clíticos. Foram excluídos do presente estudo, por essa razão.

Do 1.º ano (10.º ano), são analisados 20 textos da turma de Programador de Informática (INF1) (1 feminino e 19 masculinos); 14 da turma de Auxiliar de Saúde (SAU1) (12 femininos e 2 masculinos); 7 do curso de Design e Comunicação Gráfica (COM1) (2 femininos e 5 masculinos) e 18 do curso de Gestão (GES1) (11 femininos e 7 masculinos). Relativamente ao 2.º ano (11.º ano), são analisados 16 textos do curso de Programador de Informática (INF2) (1 feminino e 15 masculinos); 19 de Auxiliar de Saúde (SAU2) (3 masculinos e 16 femininos) e 18 de Desenho Digital 3D (COM2) (5 femininos e 13 masculinos).

Recolhido o material linguístico para a análise, pretende-se demonstrar os resultados quantitativos. Para tal, elaboram-se gráficos que ajudarão a perceber e a fundamentar as análises feitas, comparando percentualmente os dados obtidos. Além destes gráficos, aparecem quadros exemplificativos e explicativos, devidamente identificados, de forma a separar estas duas formas de resultados: os dados quantitativos, por um lado, e os dados qualitativos, por outro. Antes de explorar os dados, no capítulo seguinte (capítulo 2), faz-se uma síntese da temática com o apoio de bibliografia, sistematizando os conteúdos essenciais, nomeadamente, subclasse, flexão, valores e colocação dos pronomes pessoais clíticos.

² Ao longo desta Dissertação, por vezes, é usado os termos oração (ões), frase (s) e segmento(s) frásico(s) referindo-se todos à mesma situação.

2. TIPOLOGIA DOS CLÍTICOS: UMA ABORDAGEM GERAL

A gramática portuguesa, para adequado uso das suas normas e regras, requer conhecimento, permitindo a sua aplicação. Como já explicado anteriormente, esta Dissertação baseia-se no estudo dos pronomes pessoais, mais particularmente, nos pronomes átonos e na sua colocação clítica, ou seja, a sua posição junto à forma verbal, simples ou composta, cuja caracterização e identificação irão variar em função dos contextos sintáticos que ocorrem na estrutura frásica.

Antes de se proceder à explicitação dos vários tipos de pronomes clíticos em uso na gramática portuguesa, define-se o que são pronomes clíticos e o que se entende por sintaxe e morfologia, de modo a compreender melhor as diversas áreas da gramática normativa, que se considera de grande importância para a análise desta Dissertação.

Assim, e segundo a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus *et al.* (2003, 826), os pronomes clíticos são pronomes pessoais que também podem ser

designados de pronomes átonos ou clíticos especiais. Os pronomes pessoais denotam a pessoa gramatical das entidades participativas no acto comunicativo. Os pronomes clíticos, por sua vez, correspondem às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos.

Quanto à sintaxe e à morfologia, por se entender que são de grande importância para a análise desta Dissertação, o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, *on-line*, caracteriza por sintaxe, linguisticamente, a “parte da gramática que estuda a estrutura ou construção das frases e o seu encadeamento no discurso; construção e encadeamento das frases” e a morfologia, como sendo a área da gramática relativa ao “estudo normativo ou descritivo da estrutura e categoria gramatical das palavras, integrando as variações de forma, com destaque para os fenómenos da flexão, da derivação por afixação e da composição”. Portanto, o assunto dos pronomes clíticos relaciona-se com a sintaxe e com a morfologia. O estudo e a análise destes pronomes são um assunto que há muito ocupa os linguistas, por ser um tópico de alguma complexidade.

Ao analisarmos as três gramáticas já referidas e que serviram de apoio a este trabalho, verifica-se que, na gramática de Cunha & Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2005), são dedicadas 40 páginas ao assunto, através do capítulo 11

“Pronomes”, que se inicia na página 277 e finaliza na página 317. Estes linguistas começam por explicar os pronomes substantivos e os pronomes adjetivos; passando para os pronomes pessoais e as suas variadas formas, oblíquo, reflexivo e recíproco, referenciando a temática do emprego dos pronomes retos e a das formas de tratamento. Relativamente aos pronomes oblíquos, é dedicado um ponto ao seu emprego, quer nas formas tónicas, quer nas formas átonas, finalizando com a análise das posições enclítica, mesoclítica e proclítica.

Analisando a gramática de Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (2003), verifica-se que dedica à temática dos pronomes cerca de 48 páginas, da 816 à 819 e da 826 à 868, através do capítulo 20 “Tipologia e Distribuição das Expressões Nominais”, mais concretamente os subcapítulos 20.3 “Distribuição dos pronomes”; 20.5 “Tipologia dos pronomes clíticos” e 20.6 “Padrões de colocação dos pronomes clíticos”, analisando e explicando a distribuição dos pronomes; a tipologia e os padrões de colocação dos mesmos. Serve-se de alguns quadros para os exemplificar e demonstrar, de forma mais objetiva, nomeadamente, os reflexivos, os não reflexivos, os retos, os átonos e os tónicos.

Quanto à gramática de Raposo *et al.*, *Gramática do Português* (2013), abordam, igualmente, esta temática, dedicando 71 páginas ao seu estudo, começando na página 2231 e finalizando na página 2302. Assim, no capítulo 42 “Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos”, cujo estudo é feito por Ana Maria Martins, observa-se a análise desta colocação em orações principais, com um só verbo (frases simples), com ênclise, mesóclise, próclise, em frases negativas, afirmativas; em orações subordinadas finitas, com infinitivo simples, flexionado; estruturas com gerúndio; complexos verbais com particípio passado, com dois ou mais verbos não finitos e, por fim, em orações coordenadas.

Importa nesta pesquisa, considerando estas gramáticas e outras referências bibliográficas, apresentar sumariamente as classes, as subclasses e as formas. Retoma-se a flexão pronominal; dá-se conta dos valores dos pronomes pessoais e explicita-se o que está estabelecido sobre a sua colocação nas frases/ orações.

2.1. Subclasse dos pronomes

Quanto à subclasse, os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos, relativos e indefinidos, conforme o quadro 1, da página seguinte. Neste quadro, pretende-se sistematizar esta informação. Este assunto é abordado por Rocha Lima, na sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011, 156-164), que identifica e define os pronomes pessoais como sendo:

palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las. A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se *eu*, com o plural *nós*; a segunda, *tu*, que é a com que se fala, com o plural *vós*; a terceira, que é a pessoa ou coisa de que se fala, é *ele* ou *ela*, com os plurais respectivos *eles* ou *elas*.

e variam em número, gênero, pessoa e caso. Os pronomes possessivos são “palavras que fazem referência às pessoas do discurso, apresentando-as como possuidoras de alguma coisa”. Concordam em gênero e número com o nome que substituem. Quanto aos pronomes demonstrativos, Rocha Lima diz serem “palavras que assinalam a posição dos objetos designados, relativamente às pessoas do discurso”. Indicam proximidade ou distanciamento não só no espaço, mas também no tempo (exemplo: “*este ano*”). Os pronomes interrogativos são os pronomes “indefinidos *que, quem, qual, quanto,*” quando usados numa pergunta, lembrando que uma interrogação pode ser feita direta ou indiretamente. Quanto aos pronomes indefinidos e aos pronomes relativos, Rocha Lima classifica os primeiros como sendo “palavras que se aplicam à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.” Alguns destes elementos linguísticos estão isolados na frase, ou seja, sem nome, denominando-se “pronomes” enquanto outros vêm acompanhados de um nome, com o qual concordam em número e em gênero, neste caso, diz-se que são “determinantes”. Quanto aos segundos, os relativos, são “palavras que reproduzem, numa oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior”. São pronomes que não têm poder próprio e representam o seu antecedente na oração. Porque o assunto das subclasses se liga ao tema dos pronomes clíticos, que interessa, aqui considerar, apresentam-se exemplos dos vários tipos de pronomes (cf. quadro 1).

Pronomes: palavras que substituem os nomes				
Subclasses				
Pronomes	<u>Pessoais :</u>	eu, tu, ele, se, me, o, a, os, as,...		
	<u>Possessivos:</u>	meu, tua, vosso, seus,...		
	<u>Demonstrativos:</u>	este, essa, aquele,...		
	<u>Indefinidos:</u>	certo, nenhum, algum, todo,...		
	<u>Interrogativos:</u>	quanto, quais, quem,...		
	<u>Relativos:</u>	que, o qual, cujo		

Quadro. 1 – Subclasse dos pronomes

Fonte: elaboração própria, informação a partir da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011, 156 e seguintes)

Como mencionado no quadro 1, um pronome é uma palavra que substitui um nome, a fim de evitar repetição de palavras, tornando um texto ou um ato comunicativo mais coerente, compreensível e acessível ao leitor e/ou ouvinte. Em português, esta classe de palavras é dividida em seis grandes grupos, classificando-os como subclasses. Os pronomes são categorias que têm significação, essencialmente ocasional, como afirma Rocha Lima (2011, 156). São determinados pelo conjunto de situações específicas: *eu* – situação de quem fala; *meu* – situação de posse da pessoa que fala; *este* – situação de proximidade em relação à pessoa que fala. Verifica-se, por conseguinte, que a gramática da língua portuguesa usufrui de uma grande variedade de pronomes, permitindo adaptabilidade e eficácia na escrita e na oralidade.

2.1.1. Formas dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais em português podem ter forma átona ou tónica. De entre eles, destacam-se os pronomes clíticos, também conhecidos por pronomes átonos ou “palavra átona”, ou seja, pronomes cuja regência se dá junto a uma forma verbal. São caracterizados como um item lexical que, foneticamente, não é acentuado, ao contrário dos pronomes tónicos, cuja fonética é acentuada. Este processo de não acentuação do clítico faz com que o mesmo dependa de uma palavra adjacente, à qual se liga e a que se dá o nome de *palavra hospedeira* ou,

simplesmente, *hospedeiro* do clítico. Ao processo de ligação do clítico ao seu hospedeiro, dá-se o nome de *cliticização*, entendido como o ato ou efeito de substituir por um clítico ou pronome pessoal átono (sem acentuação) e com “liberdade posicional” (contrário aos afixos). Este processo é uma forma de tornar este pronome átono numa palavra prosódica ou com acento prosódico, *Gramática do Português* (2013, 2231 e 2232). Veja-se, a propósito, o quadro 2.

Em geral, na língua portuguesa, o pronome sujeito é omitido quando é constituído por *eu, tu, nós* e *vós*. Em regra, o aparecimento do pronome sujeito dá-se quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais, exemplos: “Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...”; “Há entre nós um abismo: tu o abriste; eu precipitei-me nele” (Bechara, 2009, 208).

De acordo com a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2002), os pronomes “desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Servem, pois, para representar um substantivo, para acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado”.

Relativamente ao seu uso, em Ferreira, António *et al*, 2017, é definido o que se sintetiza no quadro 2 e que se regista na seguinte citação:

As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um desses pronomes pessoais retos correspondem um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento, e pode apresentar-se em forma átona ou tónica. Ao contrário das formas átonas, *as tónicas vêm sempre presas a uma preposição*.

Assim, pode verificar-se a identificação e a distribuição dos pronomes pessoais no português (cf. quadro 2), nomeadamente, no caso reto (função sintática de sujeito da oração – *eu, tu, ele,...*) e no caso oblíquo – átonos (complementos direto e indireto) e tónicos (complemento oblíquo e agente da passiva). Dependendo da função gramatical que desempenham numa oração, podem ser classificados como mostra o quadro 2.

Caso Reto	Caso Oblíquo	
Átono	Átonos	Tónicos
eu	me	mim, comigo
tu	te	ti, contigo
ele/ela	o, a, lhe, se	si, consigo, ele/ela
nós	nos	connosco, nós
vós	vos	convosco, vós
eles/elas	os, as, lhes, se	si, consigo, eles/elas

Quadro. 2 – Distribuição dos pronomes pessoais no português padrão
 Fonte: *Pelos Mares da Língua Portuguesa 3* (2017, 981)

Segundo a gramática tradicional, a colocação dos pronomes pessoais nas frases depende do contexto e da função sintática que ocupam. Estas funções estão relacionadas com as denominadas variações em caso, isto é, mudam conforme a função sintática que desempenham na oração, que pode ser de sujeito (caso nominativo); de complemento direto (caso acusativo); de complemento indireto (caso dativo) e de complemento oblíquo ou agente da passiva (caso oblíquo), como está explicitado na *Gramática Prática de Português* (2020, 193).

2.1.2. Pronomes pessoais: átonos clíticos

Os pronomes pessoais clíticos, objeto de estudo deste trabalho, são também conhecidos como pronomes átonos. Assim, os pronomes pessoais são aqueles que denotam a pessoa gramatical, participante no ato da comunicação (locutor, ouvinte e entidade acerca da qual se fala, considerada como “não pessoa”). Os pronomes clíticos correspondem às formas átonas dos pronomes pessoais que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos. Partilham, ainda, com outras classes gramaticais, como as preposições e os artigos, a propriedade de serem átonos e, por isso, dependentes dos seus hospedeiros - itens lexicais com acentuação própria (Mateus *et al.*, 2003, 826-828).

Esta classe de pronomes é classificada consoante a sua posição relativamente à forma verbal. Em português, são considerados pronomes clíticos: *me, nos, te, vos, o, a, lhe, os, as, lhes, se*, como já se explicitou. Podem, como apresentado acima no quadro 2, serem usados em diversas formas e/ou funções sintáticas (Cunha & Cintra, 2002, 314):

- a) Complemento direto: *o, a, os, as*;

- b) Complemento indireto: *lhe, lhes*;
- c) Complemento direto e/ou indireto: *me, te, nos, vos*.

A função sintática mais comum é a de complemento direto, seguida da de complemento indireto. Citando Cunha & Cintra, entende-se por “complemento direto ou objeto direto” o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, encontra-se ligado diretamente ao verbo, sem preposição, e indica o *ser* para o qual se dirige a ação (verbo). Pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra ou expressão substantivada e oração substantiva. Chama-se a atenção para o facto de que, na constituição do objeto direto, poderem estar mais do que um substantivo ou mais do que um dos seus equivalentes (154-155). Quanto ao “complemento indireto”³ ou “objeto indireto”, estes linguistas definem-no como sendo o complemento de um verbo transitivo indireto, ou seja, que se liga ao verbo por meio de uma preposição, podendo ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra ou expressão substantivada e oração substantiva. Este objeto pode ser constituído por mais do que um substantivo ou mais de um dos seus constituintes (157-158).

Conforme já referido, chama-se “pronome enclítico” àquele que aparece depois do verbo (ex.: *cala-te*); proclítico, antes do verbo (ex.: não *te* *calas*) ou mesoclítico, aquele cuja posição se dá a meio da forma verbal (ex.: *calar-te-ás*). Esta última classificação é utilizada somente nas formas verbais do futuro do presente ou do designado futuro do pretérito, ou seja, condicional (obrigatoriedade), como afirmam Cunha & Cintra (2002, 323). Existe concordância, como não poderia deixar de ser, entre Bechara, Cunha & Cintra e Rocha Lima relativamente a esta última posição pronominal, em frases com verbos simples, na medida em que concluem que a estas formas verbais não se pospõe o pronome átono, como neste exemplo: “Eu *me* *calarei*”. É o que acontece no PB (Português do Brasil), já que estas gramáticas são de autores brasileiros, observe-se (Cristiane Fonseca, 2008, 79). A colocação mesoclítica é também um assunto abordado por Mateus *et al.* (2003, 865-867) na medida em que afirmam que, no português moderno, existem ainda alguns traços de uma gramática antiga, sendo um desses a colocação mesoclítica encarada como uma alternativa à ênclise, nas formas do futuro e do condicional, exigida no português europeu padrão, cujas formas eram analisadas como formas analíticas, constituídas pelo infinitivo do verbo principal e pelo auxiliar *haver* no presente e no imperfeito do indicativo:

³ O objeto indireto representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* e *se* (reflexivo) não vêm precedidos de preposição.

Exemplo: “E enton dar-*lhe*’ia Deus lumes de seus olhos.”

No entanto, já nessa fase da história do estudo da língua, parecia haver uma nova análise das formas analíticas do futuro e do condicional como formas sintéticas, registrando-se imensos casos de ênclise, com verbos irregulares:

Exemplo: “querrei-vo *lh*’eu responder.

“ende creceria e faria-se maior.”

Para estes autores, esta variação livre entre ênclise e mesóclise passa, no português europeu de padrão moderno, a posição complementar entre a ênclise (nas formas verbais que não são nem o futuro do indicativo, nem o do condicional) e a mesóclise. Dados de aquisição, em geral nas produções populares das gerações mais novas, revelam que a ênclise está a invadir os contextos da mesóclise:

Exemplo: “Telefonarei-*te* mais vezes” (Mateus *et al*, 2003, 866)

2.2. Flexão dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais⁴ apresentam flexão em pessoa (1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas), em número (singular e plural) e em género (feminino e masculino). Este último dá-se somente nas estruturas referentes às 3.^{as} pessoas, para singular e plural. Além desta flexão, os pronomes pessoais mostram variações em caso, isto é, mudam de forma conforme a função sintática que ocupam dentro de uma frase/ oração, pelo que podem ter, como já indicado, função de:

- a) sujeito (caso nominativo)
- b) complemento direto (caso acusativo);
- c) complemento indireto (caso dativo);
- d) complemento oblíquo ou agente da passiva (caso oblíquo).

Estas formas casuais, que eram típicas do sistema nominal do latim, são separadas e distinguidas em quatro tipos, consoante a função gramatical que desempenham dentro da oração: as formas nominativas, usadas como função sintática de sujeito; as acusativas, usadas como complemento direto; as dativas, usadas como complemento indireto e as oblíquas, usadas como complemento de uma preposição – complemento oblíquo e complemento agente da passiva. Considera-se, como fazendo parte das formas tónicas, os casos nominativo e oblíquo; e como formas átonas, ou seja, clíticas, os casos acusativo e dativo. Citando Rocha Lima (2011, 157), os pronomes com função sintática de sujeito chamam-se de “subjativos ou retos”. Os que

⁴ Para este estudo, serão somente analisadas as características dos pronomes pessoais (átonos).

desempenham o papel de complemento do verbo, denominam-se de “objetivos ou oblíquos”. O quadro 3 sistematiza alguma informação relativa ao assunto.

PRONOMES PESSOAIS					
Pessoa	Funções sintáticas				
	Sujeito (caso nominativo)	Complemento direto (caso acusativo)	Complemento indireto (caso dativo)	Complemento oblíquo (caso oblíquo)	Complemento agente da passiva (caso oblíquo)
singular					
1ª	eu	me	me	mim, comigo	mim
2ª	tu	te	te	ti, contigo	ti
3ª	ele/ela	o/a, se	lhe	si, ele/ela, consigo	si, ele/ela
Plural					
1ª	nós	nos	nos	nós, connosco	nós
2ª	vós	vos	vos	vós, convosco	vós
3ª	eles/elas	os/ as, se	lhes	si, eles/elas, consigo	si, eles/elas
	formas tónicas	formas átonas		formas tónicas	

Quadro 3 – Função sintática dos pronomes

Fonte: *Gramática do Português* (2013, 897 e 902)

Observa-se, através deste quadro 3, que os pronomes *se*, *o(s)* e *a(s)* são formas do complemento direto, sendo que *se* é a forma característica da reflexividade nas 3.ªs pessoas do singular e do plural. Com função de complemento indireto, distingue-se os *lhe/lhes* – 3.ªs. pessoas do singular e do plural. As restantes formas destes complementos são iguais para os respetivos pronomes pessoais. As formas *mim*, *comigo*, *contigo*, *vós*, *nós*, *convosco*, *consigo*... desempenham funções de complemento oblíquo e de agente da passiva, como formas tónicas, e aparecem nas frases sempre precedidos de uma preposição. É esta preposição que vai dar a estes pronomes a acentuação tónica e a sua utilização é necessária na oração. No caso dos pronomes *comigo*, *contigo*, *consigo*, *connosco* e *convosco*, situações especiais, deu-se a combinação da preposição *com* com os respetivos pronomes oblíquos, resultando nestas formas tónicas. Esta norma é mencionada na gramática de Bechara (2009, 197,198), na qual afirma que “as tónicas vêm sempre presas a preposição”. Caso essa preposição seja

com, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco* e não: *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *connosco* e *convosco*, quando estes pronomes tónicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*,

próprios, todos, outros, ambos, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente.

Cada linha do quadro 3 chama-se linha pronominal, ou seja, o conjunto de formas com a mesma pessoa gramatical e número (singular/plural), variando somente a sua função sintática (Raposo, 2013 897, 898). Além destas regras de variação morfológica, os pronomes da 3.^a pessoa, singular e plural, com função de sujeito e de complemento direto, variam também em género, conforme exposto no quadro 3.

2.3. Valores dos pronomes pessoais

Todos os termos utilizados com estes pronomes — átono, clítico, reflexivo ou reflexo, recíproco, inerente, impessoal e passivo— correspondem a classificações e valores afetos aos pronomes pessoais, tendo em consideração critérios linguísticos variados. Já se abordou, anteriormente, a definição dos pronomes pessoais átonos e clíticos.

Relativamente ao valor reflexivo, estes pronomes apresentam-se nas formas *me, te, se, nos, vos, si, comigo, contigo, consigo, connosco e convosco*, que reforçam a ideia de *a mim, a ti, a si próprio, ao mesmo....* Quanto ao valor recíproco, este apresenta-se através dos pronomes *nos, vos, se*, reforçados pelas expressões *um ao outro, uns aos outros, entre si*. Estes pronomes servem para dar mais clareza à compreensão e à identificação da reflexividade ou da reciprocidade. No valor inerente, os pronomes surgem através das formas *me, te, se, nos, vos*, não tendo valor nem de reciprocidade, nem de reflexividade. Este valor indica que a ação implícita pelo verbo está diretamente relacionada com o sujeito, que, neste caso, tem de estar determinado na frase, ou seja, explicita o causador que desencadeia a situação ou o contexto expresso pelos verbos que demonstram esse mesmo clítico. Este tipo de clítico não afeta a estrutura do verbo; não pode ser redobrado e, consoante os verbos, ocorre de forma obrigatória ou como opção:

Exemplos: “Tu zangas-te a ti próprio/ por ti próprio sem saber por quê.”

“Tu zangas sem saber por quê” (Mateus *et al.*, 2013, 843–844).

Pelo contrário, o valor que implica um sujeito nulo indeterminado é denominado de valor impessoal e afigura-se através de expressões como *há pessoas que..., há alguém que...* Nestas situações, o sujeito que realiza a ação não é especificado e as frases são de cariz impessoal e interpretadas de uma forma geral. No conjunto dos valores, conta-se ainda o valor passivo, que se utiliza com formas verbais na 3.^a pessoa do plural. Neste tipo de clítico, ao

contrário do valor inerente, a ação do verbo recai sobre o sujeito da frase, pelo que a frase que predomina nesta estrutura é a frase passiva e não a frase ativa, como se vê neste exemplo “Arranjou-se a parede de casa.”, ou seja, a parede é arranjada por alguém (sujeito que pratica a ação), a parede não se arranja a si própria ou sozinha.

Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	<i>Acusativo</i>	<i>Dativo</i>	<i>Acusativo/Dativo</i>
1. ^a singular	me	me	me
2. ^a singular	te	te	te
3. ^a singular	o/a	lhe	se
1. ^a plural	nos	nos	nos
2. ^a plural	vos	vos	vos
3. ^a plural	os/as	lhes	se

Quadro 4 – Distribuição dos clíticos não-reflexos e reflexos

Fonte: *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et al.* 2003, 827)

Este quadro 4 apresenta a tipologia dos pronomes pessoais clíticos, os chamados átonos, cuja posição se dá em função de uma forma verbal. Ao analisar estes pronomes, percebe-se que as terceiras pessoas do singular e do plural são diferentes das restantes, quer nos “reflexos”, quer nos “não reflexos”, pelo que, como explicado por Mateus *et al.* (2003, 827), “os pronomes clíticos não se limitam a denotar a pessoa gramatical, podendo exibir uma função predicativa ou revestir-se de propriedades morfossintáticas características de alguns sufixos derivacionais”. Ainda segundo esta gramática, os pronomes não-reflexos, chamados de “pronominais”, e os reflexos e recíprocos, denominados de “anafóricos”, podem também ser caracterizados como argumentais, uma vez que “ocorrem associados às posições de objeto direto ou indireto dos verbos transitivos ou intransitivos”. Desta forma, Mateus *et al.* (2003) explica que os pronomes podem ser argumentais na medida em que ocorrem associados aos complementos diretos e indiretos e podem substituir ou representar os argumentos da oração ou do verbo, uma vez que aparecem com a função sintática de complementos diretos ou indiretos dessa mesma forma verbal e funcionam, em suma, como um elemento representativo da oração, ligado diretamente ao verbo, completando o sentido da frase e da ação (verbo). Os argumentos podem ser um pronome clítico, na situação em que substitui:

- a) o complemento direto: *me, te, o, a, nos, vos, os, as.*

b) o complemento indireto: *me, te, lhe, nos, vos, lhes*.

2.3.1. – Pronomes reflexivos

Relativamente aos pronomes reflexivos⁵, podem ser caracterizados como sendo os pronomes pessoais átonos que exprimem, simultaneamente, o sujeito e o complemento direto (exemplos: *se, si, consigo, me, te, nos, vos*) – quer no singular, quer no plural. Estes pronomes podem vir inseridos em expressões como: *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc. A gramática de Cunha & Cintra (2002, 293) dá os seguintes exemplos:

Ele vestiu-se rapidamente

Eles falam sempre de *si*.

Segundo Bechara (2009, 197), o pronome oblíquo reflexivo é da mesma pessoa do pronome reto e significa *a mim mesmo, a ti mesmo, etc.*: “**Eu me** vesti rapidamente. **Nós nos** vestimos. **Eles se** vestiram”, ou seja, os pronomes reflexivos exemplificados nestas frases – *me, nos, se* – fazem referência à mesma pessoa do pronome pessoal reto correspondente – *eu, nós, eles* – expressando, desta forma, reflexividade, uma vez que a ação é feita e recebida pela mesma pessoa, ou seja, o sujeito é, simultaneamente, o emissor e o recetor da ação.

No artigo de Costa, J. & Grolla (2017, 183), lê-se que um pronome “reflexo”, ao contrário de um “não reflexo”, é logicamente sempre correferente com o sujeito daquela mesma oração/frase (*O Pedro lavou-se*) e que um pronome forte reflexo, como *si*, pode, em certos contextos, remeter para o interlocutor ou ser correferente com um sujeito mais distante (*O Pedro acha que ninguém confia em si*). No primeiro exemplo “O Pedro lavou-se.”, em que *o Pedro* e o *se* são correferentes, às formas como este *se*, chama-se “anáforas”, enquanto no exemplo “O Pedro lavou-o”, *o Pedro* e o pronome *o* não são correferentes, pelo que às formas como este *o* chama-se “pronome”. Ainda nesse mesmo artigo e numa breve e informal referência à Teoria da Ligação, abordada por estes investigadores no seu artigo *Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão* (2017), em termos gerais, que desde os anos 80, esta Teoria é vista como “o módulo da gramática responsável por descrever e explicar a forma como as anáforas e os pronomes adquirem referência, explicitando os contextos sintáticos que o legitimam.”, cujos princípios ditam que “uma anáfora tem obrigatoriamente o seu antecedente acessível na oração em que se encontra”, assim como “um pronome não pode ter um antecedente acessível na oração em que se encontra”.

⁵ Também chamados de clíticos anafóricos, segundo Mateus *et al.* (2003, 835).

Muitas vezes, nas construções reflexas, pode acontecer um reforço pleonástico do complemento direto, consequência da preposição *a*. É constituído pela preposição do pronome reflexo, com traços de pessoa e número idênticos aos do pronome reflexo átono”, seguido de *próprio* ou *mesmo*, conforme exemplo: “O João feriu-se *a si próprio/ mesmo* para fugir à guerra”.

2.3.2 Pronomes recíprocos

A definição dos pronomes recíprocos aparece explicitada na gramática de Cunha & Cintra (2002, 282) como “As formas do reflexivo nas pessoas do plural (*nos, vos e se*), empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é recíproco.”

“Carlos e eu *nos* abraçamos (um ao outro)

Vós *vos* quereis muito.”

Em Bechara (2009, 197), encontra-se explicado que um pronome oblíquo recíproco “é representado pelos pronomes *nos, vos, se* quando traduzem a ideia de um ao outro, reciprocamente: “**Nós *nos*** cumprimentamos” (um ao outro), ou seja, o pronome oblíquo *nos*, na forma do plural, faz referência à pessoa pronominal plural, neste caso *nós*, que identifica aqueles (sujeitos) que praticam e recebem a ação, neste caso, o ato de cumprimentar, mutuamente, entre dois ou mais sujeitos, onde essa ação é praticada e recebida por cada um desses sujeitos.

Estes pronomes, em português, são usados para indicar que duas ou mais pessoas ou coisas realizam a ação de forma mútua ou recíproca, ou seja, uma ação que é feita de um para o outro, ou de um para os outros. Expressam uma ideia de troca ou interdependência entre os sujeitos da oração. Normalmente, aparecem com verbos transitivos diretos ou indiretos que indicam uma ação realizada por mais de um sujeito. As formas verbais estão no plural, já que, pela lógica, uma ação recíproca implica a participação de mais do que um interveniente. Podem ser usados tanto na afirmativa, como na negativa para indicar que a ação não será recíproca entre os sujeitos envolvidos na frase.

Os restantes valores, impessoal, inerente, apassivante e expletivo, por serem pronomes mais simples e cujas regras são mais objetivas, serão analisados somente no capítulo 3), aquando da transcrição das ocorrências.

2.4 Colocação dos pronomes pessoais

Para melhor se compreenderem a análise e os resultados aferidos neste trabalho, serão, de uma forma resumida, abordados os diferentes usos gramaticais que os pronomes pessoais clíticos abrangem no português europeu (PE). Inicia-se com uma simples definição de cada uma das colocações pronominais – ênclise, mesóclise e próclise – dando exemplos de usos, retirados das gramáticas da língua portuguesa usadas neste trabalho, de forma a explicitar cada uma dessas posições pronominais clíticas.

As regras que ditam a normal colocação dos pronomes clíticos nas frases apresentam, nesta língua, particularidades que os distanciam dos padrões de colocação mais simples de grande parte das línguas românicas (Martins, 2016). Como diz esta autora, neste seu estudo, e numa perspetiva diacrónica, esta variante do português mantém uma base de colocação destes pronomes que, em aspetos essenciais, era partilhada com outras línguas românicas medievais. A complexidade que envolve todo este sistema de colocação de clíticos poderá estar na origem de processos evolutivos, no sentido de simplificação, e que deram origem à diversidade de padrões de colocação que hoje se conhece. Confrontando com Costa & Lobo (2014), estes autores afirmam que o português europeu tem características que são desconhecidas de outras línguas já analisados em estudos anteriores, realizados por eles, e que o faz ser diferente, na medida em que permite, junto com a construção de clíticos, a construção de objeto nulo e manifesta um padrão diferente de colocação de clíticos, nomeadamente, a alternância entre ênclise e próclise em orações finitas.

Sabe-se que o fator morfológico teve, e tem, grande importância e relevância nas regras que ditam a colocação clítica, mas, como diz Martins (2016) “são os fatores de natureza sintática os que se revelam dominantes”. Martins pretende explicar que a colocação clítica é determinada principalmente por fatores sintáticos, ou seja, a estrutura da oração e a presença de palavras específicas (como advérbios, pronomes relativos e conjunções). São estas classes de palavras que indicam a colocação do clítico relativamente à forma verbal. É, pois, fundamental para entender as regras que regem essa mesma colocação no português, não descurando o fator morfológico, pois são os elementos morfológicos que estão diretamente relacionados à forma verbal, à pessoa do sujeito e ao tipo de verbo utilizado, além de interagir com outras características da estrutura da oração.

2.4.1. Usos gramaticais: ênclise, mesóclise e próclise

A posição/ colocação normal e corrente dos pronomes pessoais átonos é depois do verbo (ênclise), ou seja, quando o pronome átono é objeto direto ou indireto do verbo. Contudo, consoante o tipo de frase ou de forma verbal, o pronome pode vir antes ou a meio do respetivo verbo, como são os casos do futuro do presente e do condicional (futuro do pretérito), cujo carácter é obrigatório.

A colocação enclítica ou proclítica, nesta variante do português, é, relativamente, fácil de identificar, através dos fatores que os determinam, principalmente, a oposição entre orações principais e orações finitas, subordinadas, com a oposição entre estruturas oracionais de polaridade afirmativa e negativa. Quanto à mesóclise, é considerada no português europeu contemporâneo própria da língua escrita e de registos formais. Foi uma forma de colocação muito comum nas línguas ibéricas medievais, sobrevivendo, nos nossos dias, apenas nesta língua, distinguindo-se, assim, do galego (Martins, 2016).

Desta forma, no português europeu, e por motivos fonológicos, existem três formas de colocação dos pronomes clíticos nas orações, relativamente à forma verbal em que ocorrem. Explica-se, de seguida, e baseando-se em gramáticas normativas portuguesas e brasileiras, com alguns exemplos para melhor compreensão, as três posições de colocação dos pronomes pessoais clíticos.

A) Construções verbais simples

1) Próclise – antes da forma verbal:

De acordo com a *Nova Gramática de Português Contemporâneo*, de Cunha. & Cintra (2002, 311 e 312), a próclise é preferida nas seguintes situações:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (não, nunca, jamais, ninguém, nada, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

“Não lhes dizia eu? (M. de Sá-Carneiro, CF, 348)

Nunca o vi tão sereno e obstinado. (C. dos Anjos, M, 316)”

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

“Quem me busca a esta hora tardia? (M. Bandeira, PP, 1,406)

Por que te assustas de cada vez? (J. Régio, JA, 98)”

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

“**Que** o vento **te leve** os meus recados de saudade. (F. Namora, RT, 89)

Que Deus **o abençoe!** (B. Santareno, TPM, 18)”

d) nas orações subordinadas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

“**Quando me deitei**, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.

(C. Drummond de Andrade, BV, 20)

Prefiro **que me desdenhem, que me torturem, a que me deixem só.**

(U. Tavares Rodrigues, NR, 115)”

e) com o gerúndio regido da preposição “em”:

“**Em se** ela **anuviando, em a** não **vendo,**

Já se me a luz de tudo anuviava. (J. de Deus, CF, 205)”

Observa-se que a regra da alínea e) não se aplica a Bechara, uma vez que defende que não se pospõe o pronome átono ao verbo, em frases simples, na situação de gerúndio precedido da preposição “em”. Quanto a Rocha Lima, este defende que, neste tipo de oração, é obrigatório a próclise, quando o gerúndio vem precedido da preposição “em”, assim como de advérbio, que o modifique, sem pausa:

“**Em se tratando** de minorar o sofrimento alheio, ...”

“**Não nos provocando** essa grave denúncia...”

Além destas situações, a língua portuguesa, de forma geral, tende à próclise pronominal quando:

a) o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez,* etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

“Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.” (Machado de Assis, OC, 1858)

“**Só depois se senta** no chão a chorar.” (Alves Redol, MB, 255).

b) a oração, disposta em ordem inversa, inicia-se por objeto direto ou predicativo;

“Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.” (Alves Redol, G, 108)

“**A grande notícia te dou** agora.” (E Namora, NM, 162).

c) o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo, tudo, alguém, outro, qualquer*, etc.);

“**Ambos se sentiam** humildes e embaraçados.” (R Namora, TJ, 293)

“**Alguém lhe bate** nas costas.” (A. M. Machado, JT, 208)

Nota: relativamente a esta colocação pronominal, Rocha Lima afirma que é obrigatória a próclise com advérbios e pronomes indefinidos, quando não há pausa:

“**Aqui se** aprende / a defender / a pátria.”

“**Bem me** avisaram / que ele era/ um impulsivo.”

Caso haja pausa, a colocação do pronome passa a enclítica:

“... **aqui, / estuda-se** / e trabalha-se com amor.”

“**Bem, / luta-se** ou não se luta?”

d) nas orações alternativas (*ou....ou, ora....ora, quer...quer*).

“Maria, **ora se atribulava, ora se abonçava**.” (Ó. Ribas, EMT, 18)

II) Ênclise – após a forma verbal

A ênclise ocorre na ausência de “proclisadores” e, como já referido, é a posição normal dos pronomes pessoais átonos. Entende-se por proclisadores ou atratores da próclise as palavras funcionais que induzem à próclise e distribuem-se por diferentes classes sintático-semânticas (operadores de negação frásico e sintagmas negativos são um primeiro grupo de proclisadores⁶). Nesta colocação, o pronome está ligado à forma verbal por um hífen. Caso se trate de um tempo verbal composto, o pronome é colocado após o verbo auxiliar, ligado também por um hífen, *Gramática Prática do Português* (Lopes, M.C.A. et al., 2020, 195):

Ex: “Ele tinha-*lhe* explicado tudo”.

Para Cunha & Cintra, a ênclise é obrigatória quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o infinitivo vem regido da preposição *a*:⁷

⁶ São, também, considerados de proclisadores as conjunções coordenativas correlativas, com um elemento de polaridade negativa (*não só...mas/ como também, nem...nem*) e as conjunções disjuntivas (*ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja*) Mateus et al. (2003, 856).

⁷ Esta regra é também mencionada por Rocha Lima (2011, 546).

“Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.

(R. Barbosa, EDS, 743)”

Sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a próclise e o verbo, pode ocorrer a ênclise:

“**Pouco depois, detiveram-se** de novo.

(Ferreira de Castro, OC, 1403)”

A ênclise é obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

“-Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.

- **Não, apeio-me** aqui...

(Machado de Assis, OC, 1690.)”

De acordo com estes dois estudiosos, (p. 325), não se dá a ênclise nem a próclise com os participípios. Quando o participípio não vem acompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua, regida de preposição:

“**Dada a mim** a explicação, saiu.”

Com os infinitivos soltos, mesmo quando acompanhados por negação, é lícita a próclise ou a ênclise, embora haja tendência para esta última colocação pronominal:

“E ah! Que desejo de **a tomar** nos braços...”

“Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.” (Machado de Assis, OC, 1,807.

Ainda abordando a colocação pronominal, para além destas regras, Rocha Lima (2011, 543) menciona que a posição enclítica se dá:

- Quando o verbo abrir o período ou encetar qualquer das orações que o compõem:

“**Ordeno-lhe** que saia imediatamente”.

Como exceção, as orações intercaladas, nas quais os pronomes aparecem antes do verbo:

“Tão altos exemplos de nobreza, **me disse** o velho diplomata, eram comuns no meu tempo.”

- Nas orações coordenadas sindéticas:

“Ela chegou e perguntou-**me** logo pelo filho”.

III) Mesóclise – a meio da forma verbal:

No caso do futuro e do condicional, o pronome pessoal clítico não pode ocorrer em ênclise (*darei-*lhe* o recado). Nestes casos, o pronome ocorre dentro da própria forma verbal:

“*Escrever-lhe-ia* como ela me pedira que fizesse”

“- Achas que vamos conseguir? - *Ver-se-á*”.

Nas formas de condicional e de futuro, os morfemas -*ei*, -*ás*, -*á*, -*avemos*, -*aveis*, -*ão* e -*ia*, -*ias*, -*ia*, -*íamos*, -*íeis*, -*iam* comportam-se como elementos semilivres. Estes morfemas, em português europeu, têm origens no latim e podem ser considerados "semilivres" porque, apesar de terem formas fixas, podem combinar-se com diferentes radicais verbais. Embora tenham uma forma fixa (terminações -*ei*, -*ás*, -*á*, -*emos*, -*ão* no futuro ou -*ia*, -*ias*, -*ia*, -*íamos*, -*iam* no condicional), estão ligados ao radical do verbo e podem combinar-se de maneira mais flexível com diferentes formas verbais, ou seja, a forma do verbo no futuro ou no condicional pode variar dependendo do radical verbal com o qual ele se conjuga, mas a terminação do futuro e do condicional têm uma estrutura fixa.

“Ele **tê-las-ia** lavado se pudesse.” – “Ele teria lavado **as mãos** se pudesse.” – C.D.

“Ele **explicar-lhe-á** tudo.” – “Ele explicará tudo ao médico.” C.I. (Lopes *et al.*, 2020,196)

Nestes exemplos, verifica-se que a forma verbal principal é conjugada de forma diferente, mas o radical do tempo verbal mantém-se. Isto dá-se devido ao tipo de pronome que a ela está ligado e à sua função sintática, o qual obriga a alterações ao verbo. No primeiro exemplo, o pronome pessoal refere-se a um complemento direto, enquanto no segundo, o pronome pessoal representa um complemento indireto. Reportando-se às regras de colocação pronominal nos tempos verbais do futuro e do condicional, separando o radical do verbo com a desinência verbal (-*ia*, -*á*), o pronome pessoal *a*, neste caso, *as* obriga à alteração da forma verbal condicional (*teria*), retirando o *r* do radical verbal e colocando um *l* antes do pronome, ficando a forma *las*. Quanto ao exemplo com o verbo no futuro (*explicará*), e uma vez que se trata de um pronome com função sintática de complemento indireto *lhe*, a regra não dita alteração para esta situação, pelo que o verbo se mantém igual (*explicar+lhe+á*).

Segundo a *Gramática do Português* de Raposo *et al.* (2013, 2240 e 2241), a mesóclise pode ser considerada morfológicamente uma variante da ênclise, na medida em que manifesta

configurações sintáticas que levam à ênclise. Assim, no campo sintático, encontra-se uma dicotomia entre contextos de próclise, por um lado, e contextos de ênclise/mesóclise, por outro:

“Calar-**me-ei**.”

“Calar-**me-ia**.”

OBS: No entanto, estes linguistas defendem, também, que nestes tempos verbais, existe a opção da colocação proclítica “Eu **me calarei**./ Eu **me calaria**”.

B) Construções com locuções verbais

Segundo Elisabeth Moura, no seu artigo “Normas de Colocação dos Pronomes Clíticos em Português” (2012, 42), os complexos verbais ou locuções verbais são “estruturas que se constituem de mais de um verbo, sendo que o último deles é uma forma não finita (infinitivo, particípio e gerúndio)”, pelo que o outro verbo é um verbo finito, pois é conjugável. Neste artigo, menciona, ainda, que os verbos auxiliares em português são poucos. Os auxiliares de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*⁸, cada um deles com as próprias regras de emprego. Segundo esta autora, os verbos auxiliares em português são os seguintes e conjugam-se: *ir* (+ infinitivo); *ter*, *haver*, *ser*, *estar* (+ particípio); *estar*, *vir*, *ir*, *andar* (+ gerúndio), nas construções passivas; e os modais e aspectuais *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/que*, *haver de/que*, seguidos de infinitivo.

Analisando a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2002, 314 à 316), os autores explicam várias formas de colocação dos pronomes pessoais clíticos nas locuções verbais. Assim, nas estruturas formadas por:

1.º) AUXILIAR + INFINITIVO:

Há quatro possibilidades:

a) *Ênclise ao infinitivo*: “O presidente quer **falar-lhe** ainda hoje.”

b) *Ênclise ao auxiliar*: “O presidente **quer-lhe** falar ainda hoje.”

c) *Próclise ao auxiliar*: “O presidente **lhe quer** falar ainda hoje.”

d) *Próclise ou ênclise ao infinitivo precedido de preposição*:

“Jamais deixei **de ajudar-te**” ou “Jamais deixei **de te ajudar**.”

⁸ Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliariedade, costuma variar de gramática para gramática a quantidade de verbos auxiliares. Sobre este assunto, o estudo mais desenvolvido, a nível de linguística portuguesa, é o de Lúcia Pinheiro Lobato, Cunha & Cintra (2002, 393).

“Começou **a ensinar-lhe** português” ou “Começou **a lhe ensinar** português.”

2.º) AUXILIAR + GERÚNDIO:

São três as posições:

a) *Ênclise ao gerúndio*: “As visitas foram retirando-**se**.”

b) *Ênclise ao auxiliar*: “As visitas foram-**se** retirando.”

c) *Próclise ao auxiliar*: “As visitas **se** foram retirando.”

3.º) AUXILIAR + PARTICÍPIO:

a) *Ênclise ao auxiliar*: “Os alunos tinham-**se** levantado.”

b) *Próclise ao auxiliar*: “Os alunos **se** tinham levantado.”

Ainda no artigo de Elisabeth Silva Moura “Normas de Colocação dos Pronomes Clíticos em Português” (2012, 42), lê-se que os verbos auxiliares não são próprios de transitividade, sendo o verbo principal o que vai selecionar os argumentos verbais. Nas estruturas verbais complexas, se houver mais do que dois verbos, o primeiro aparece conjugado e os outros seguem uma ordem: infinitivo – gerúndio – participípio. Assim, a colocação pronominal nestas estruturas complexas deixa de ter duas variantes, para ter três, quatro ou cinco. Exemplos:

Três variantes:

(a) “Eu *lhe* quero encontrar.” (posição pré-complexo verbal);

(b) “Eu quero-*lhe* encontrar/ Eu quero *lhe* encontrar.” (posição intra complexo verbal);

(c) “Eu quero encontrar-*lhe*.” (posição pós-complexo verbal).

Quatro variantes:

(a) “Eu *lhe* quero encontrar.” (próclise a V1);

(b) “Eu quero-*lhe* encontrar.” (ênclise a V1);

(c) “Eu quero *lhe* encontrar.” (próclise a V2);

(d) “Eu quero encontrar-*lhe*.” (ênclise a V2).

Cinco variantes:

(a) “Eu *lhe* quero encontrar.” (próclise a V1);

(b) “Eu quero-*lhe* encontrar.” (ênclise a V1);

(c) “Eu quero muito *lhe* encontrar.” (próclise a V2);

(d) “Eu quero *lhe* encontrar.” (construção ambígua);

(e) “Eu quero encontrar-*lhe*.” (ênclise a V2)

Neste mesmo artigo (2003, 42-43), a autora afirma que, no geral, existem quatro possibilidades de colocação pronominal: próclise ou ênclise ao verbo auxiliar e próclise ou ênclise ao verbo principal. Estão excluídas destas possibilidades as frases passivas com o verbo “ser” e o particípio; as locuções em que o pronome clítico “se” é indeterminante e a construção formada de auxiliar + particípio. A autora refere, ainda, que, no português do Brasil (PB), a próclise ao verbo principal é uma inovação, concluindo que é o tipo de complexo que vai determinar se existe ênclise ao verbo auxiliar ou não. Exemplos:

- ter/ haver + particípio: “Será que desconfiava que eu havia **me** apoderado ilegalmente das gemas?”

- “Acho que ainda não tinha **se** recomposto, [...]”

Estes dois exemplos mostram que, mesmo com a presença de fatores proclíticos, se deu a próclise ao verbo principal e não ao auxiliar.

Numa análise final, pode-se dizer que o pronome clítico, na variedade europeia, tem propriedades diferentes das de outros pronomes, rege normas e usos próprios e específicos, sendo, por isso, um estudo muito complexo. Normas essas que variam conforme o contexto sintático e a formalidade da linguagem, mas são essenciais para a construção das frases, dando-lhes coerência e coesão textual e gramatical, de forma que a comunicação nesses contextos seja emitida, recebida e compreendida pelos intervenientes da comunicação.

3. USO DOS CLÍTICOS EM TEXTOS LIVRES: ANÁLISES QUALITATIVA E QUANTITATIVA

Para a presente pesquisa, o uso dos clíticos em textos livres, tanto sob uma perspectiva quantitativa, como qualitativa, envolve uma análise, para o estudo e a compreensão de como estes pronomes foram utilizados nos textos escritos pelos alunos do Ensino Profissional, que são o objeto de estudo deste trabalho. Neste ponto da análise, quantitativamente, irá observar-se a frequência com que esses pronomes aparecem nas frases que compõem o *corpus* e como se posicionam nas orações, comparando essa mesma frequência em termos percentuais. Qualitativamente, será feita uma análise mais pormenorizada, a fim de obter resultados e explicações de como e por que razão esses clíticos estão a ser usados daquela forma, de acordo com o sentido da frase e o contexto em que ocorrem, tendo, por base, a concordância entre o clítico e a forma verbal a que se liga. Serão tidos em conta o tipo de frase e os elementos linguísticos de ligação.

Assim, em 3.1. aborda-se o valor do pronome clítico *se*, quantificando as suas evidências. Em 3.2., trata-se dos pronomes *lhe/lhes*, aferindo percentagens de uso. No ponto 3.3., observam-se os pronomes *me*, *nos*, *a(s)*, *o(s)* e as suas flexões, bem como os resultados quantitativos e, por fim, em 3.4., equaciona-se a variação do uso dos clíticos na escrita livre. Deste modo, o capítulo 3 permite ter uma visão geral e pormenorizada dos usos dos clíticos coligidos.

3.1. *Análise do pronome “se”*

Quanto ao estudo do *corpus* aqui apresentado, é, em primeiro lugar, observado o valor do pronome pessoal átono *se*. Deste modo, após quantificação das evidências destacadas, este pronome é o que aparece em maior incidência, com 58%, conforme dados expressos no gráfico 1. Este pronome, como será visto mais adiante, é um pronome multifuncional na língua portuguesa, na medida em que tem várias classificações, desempenhando diversas funções, como reflexivo, recíproco, impessoal, apassivante e intrínseco. A prevalência do uso deste pronome em textos escritos por alunos da vertente profissional pode indicar aspetos de compreensão linguística, como de habituação ou maturação. Estes alunos utilizaram em maior número o pronome *se*, hipoteticamente, pelo facto de ser um dos pronomes com mais diversidade de valores e usos, pois é um pronome que se utiliza muito em contexto informal e

oral. É um pronome que generaliza e indetermina os contextos, servindo para diversas situações, pelo que é dos pronomes que mais cedo se habitua a utilizar.

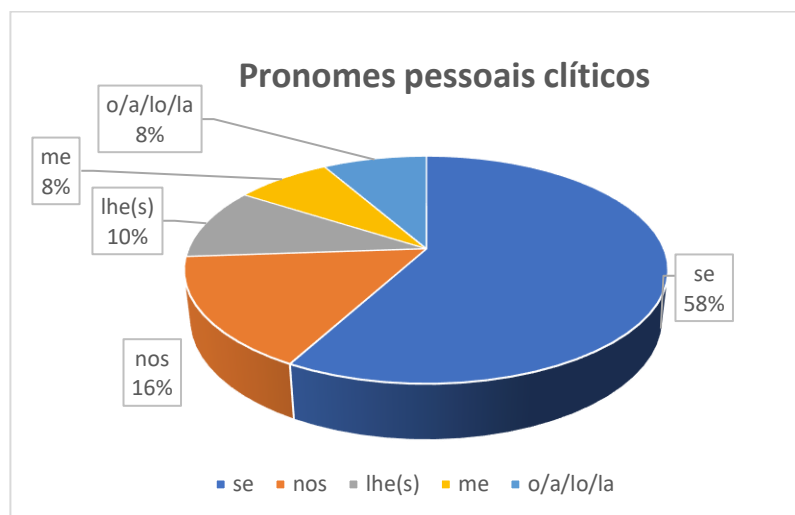


Gráfico 1 - Pronomes pessoais clíticos

Por exemplo, Maria Lobo, na *Gramática do Português* (2013, 2211), menciona que os pronomes pessoais reflexivos e os pronomes pessoais recíprocos são formas anafóricas, ou seja, formas cuja referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente que, além disso, têm de pertencer à mesma oração ou ao sintagma nominal desses mesmos pronomes. Os pronomes reflexos e recíprocos, anafóricos por obrigação, não podem ocorrer sem antecedente.

As construções reflexas e recíprocas são semelhantes em muitos aspetos, como se verifica nestes exemplos de Maria Lobo (2013, 2211) e que serão analisados nos pontos a) e b) deste capítulo:

- 1 A criança lavou-se (a si própria) – construção reflexa
- 2 As crianças lavaram-se (a si próprias). – construção reflexa
- 3 As crianças lavaram-se (umas às outras). – construção recíproca
- 4 A Ana e a Rita lavaram-se (a si próprias). – construção reflexa
- 5 A Ana e a Rita lavaram-se (uma à outra) – construção recíproca

A análise feita por esta autora dita que nestas construções existem duas funções sintático-semânticas na mesma oração, realizadas por expressões nominais que remetem para a mesma entidade ou para os elementos do mesmo conjunto de entidades. Semanticamente, ambas as construções funcionam de modo diferente. Assim, numa construção reflexa, o

referente designado pelo antecedente e pela expressão reflexa participa numa situação com dois papéis diferentes:

- i. Realiza uma ação que incide sobre ele próprio, na qual é, ao mesmo tempo, agente e paciente ou/e agente e destinatário. Logo, sendo correferentes, as duas expressões que o designam têm valores semânticos diferentes, ou seja, papéis temáticos diferentes.
- ii. Por outro lado, numa construção recíproca, estabelecem-se relações complexas entre os membros de um conjunto representado pelo antecedente (Maria Lobo, 2013, 2211).

Ou seja, numa situação reflexa, o sujeito da ação tem dois papéis temáticos diferentes, na medida em que é ele o emissor e, ao mesmo tempo, o recetor daquela ação. Na construção recíproca, a ação é destinada e praticada por vários sujeitos, plural, onde cada um deles tem somente um único papel temático dentro da ação, ou seja, a ação é a mesma, mas praticada entre os diferentes sujeitos, na qual cada um pratica ao outro a ação, nenhum sujeito pode exercer mais do que um papel temático simultaneamente.

a) Construção reflexiva

Segundo Bechara (2009, 148-149), a reflexividade consiste na essência, na “inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal”. Isto quer dizer que a ação feita pelo verbo não passa a outra pessoa, mantém-se realizada pela pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente), faz e recebe a ação.

O pronome pessoal *se* no PE pode aparecer em frases com as seguintes funções:

- a) complemento direto – com valor reflexivo ou recíproco – “Ele feriu-se”
- b) complemento indireto – com valor reflexivo ou recíproco – “Ele arrogou-se o direito.”⁹ Ele(s) reverva(m)-se o direito de intervir
- c) sujeito indeterminado – verbo na 3.^a pessoa do singular – “aqui vive-se bem
- d) partícula apassivante – forma passiva – verbo transitivo direto, 3.^a pessoa do plural – “Vendem-se casas”, ou seja, “casas são vendidas por alguém”.
- e) Partícula expletiva, apenas para dar realce ou ênfase – “Lá *se* acabou tudo”.¹⁰

⁹ *se* com função de dativo – “O emprego do reflexivo *se* com função de dativo, isto é, como complemento indireto, raro nos clássicos, já se vai generalizando, apesar das censuras e dos reparos dos gramáticos.” Rocha Lima (2010, 387)

¹⁰ Segundo a *Moderna Gramática Portuguesa* (1989, 254), e de uma análise sob o português do Brasil (PB), o pronome *se* tem como valores e emprego três funções sintáticas:

- a) Sujeito de infinitivo (com auxiliares causativos, normalmente *deixar*):

Analisando o estudo de Jorge Morais Barbosa (1999), no capítulo denominado “Lêem-se livros? Lê-se livros?”, o autor afirma que construções com este tipo de verbos, os chamados “sistemáticos”, *se* não é independente da escolha do sujeito e não é considerado um pronome, pois é “parte do próprio verbo e, do ponto de vista da sua função sintática, do functivo do mesmo «sujeito»”.

No português antigo, usava-se, normalmente, a passiva pronominal com agente expresso. Atualmente, evita-se tal prática. Daí soar artificial uma construção como a seguinte: “Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores** vernáculos senão como equivalente de amar” (Cunha & Cintra, 2002, 321). Seguindo o estudo destes linguistas, em frases do tipo: “**Vendem-se** casas” e “**Compram-se** imóveis.”, consideram-se *casas* e *imóveis* sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular (2002, 309).

Sabe-se que uma das primeiras regras da concordância é que o sujeito tem de concordar, em número, com o verbo. Assim, e ainda referenciando Jorge Morais Barbosa, para se apurar a reflexividade do pronome *se*, é necessário verificar se o mesmo é correferencial com o sujeito, como nos exemplos acima, ou seja, o sujeito que pratica a ação tem de ser o mesmo que a recebe. Contudo, sabe-se e, como explica ainda este autor, as casas não se vendem a si próprias, isto é, “não podem ser semanticamente agentes”. Nestas situações, há quem veja em *se* “partícula apassivante ou sujeito indeterminado”. Nestes exemplos concretos, e como já referido, apresentam uma concordância com o sujeito. Logo, exclui-se o indeterminado e conclui-se existir o apassivante, pois as “casas” e os “imóveis” podem e são vendidos por alguém.

Retome-se a análise das frases reflexivas, inicialmente exemplificadas por Maria Lobo:

- 1) A criança lavou-se (a si própria) – construção reflexa
- 2) As crianças lavaram-se (a si próprias). – construção reflexa
- 3) A Ana e a Rita lavaram-se (a si próprias). – construção reflexa

Na alínea 1) “A criança lavou-se” (a si própria) – construção reflexa, por exemplo, as duas partes correferentes são o sintagma nominal “a criança” e o pronome reflexo *se*, que indica

“Deixou-se ficar à janela”

b) Objeto direto (com verbo transitivo direto na voz reflexiva”

“Ele se feriu”/ “Eles se cumprimentam”

c) Objeto indireto (com verbo transitivo indireto na voz reflexiva ou com verbo acompanhado de dois complementos):

“Elas se correspondem frequentemente” / “Ele se arroga esta liberdade”

a ação sobre si própria. Cada uma delas desempenha uma função gramatical distinta e tem um papel temático diferente, selecionado pelo verbo “lavar”, respetivamente, sujeito/ agente e complemento direto/paciente, ou seja, é a mesma criança que simultaneamente lava e é lavada por ela própria. Semelhante, mas com o verbo no plural (2) “As crianças lavaram-se” (a si próprias) e com o sujeito plural (4) “A Ana e a Rita lavaram-se” (a si próprias), infere-se, respetivamente, que cada uma das crianças se lavou a si própria e que a Ana lavou a Rita e a Rita lavou a Ana (uma à outra). Deste modo, verifica-se que se emprega um pronome reflexo quando dois argumentos (sujeito ou complemento) de uma oração são correferentes, ou seja, referem-se à mesma entidade, a qual desempenha dois papéis numa única ação, isto quer dizer que a entidade pratica a ação que incide ou termina nela própria. A oração pode representar várias ações, como no caso em que o antecedente é plural, mas em cada uma delas é a mesma pessoa que faz os dois papéis, o de agente, realizado pelo SN sujeito, antecedente, e paciente, realizado pelo pronome reflexo, com função sintática de complemento direto (págs. 2211-2213).

b) Construção recíproca

Além da ocorrência destas etapas, a construção reflexiva engloba, também, a construção recíproca, cujos exemplos serão encontrados nos dados transcritos abaixo. Relembre-se que a interpretação das construções recíprocas exclui as relações em que um determinado membro exerce, simultaneamente, os dois papéis, na mesma ação. Igualmente importante neste tipo de interpretação é que todos os indivíduos envolvidos na ação designada pelo antecedente participem, pelo menos, numa ação, desempenhando um e só um dos papéis (ou é agente ou é paciente), relativamente a outro indivíduo desse mesmo conjunto de ação/ ações. Embora possível, não é necessário que todos eles desempenhem ambos os papéis, em ações distintas. A interpretação das construções recíprocas apenas exige que um indivíduo, selecionado pelo antecedente, desempenhe ambos os papéis, em ações distintas, relativamente a outro indivíduo desse mesmo conjunto, não, necessariamente, o mesmo. Assim, retomando a análise das frases recíprocas, exemplificadas por Maria Lobo:

4) As crianças lavaram-se (umas às outras). – construção recíproca

5) A Ana e a Rita lavaram-se (uma à outra) – construção recíproca

Na alínea 3), “as crianças”, e supõe-se que “as crianças” inclui, por exemplo, a Ana, a Rita e o Zé, a frase seria verdadeira uma vez que elas se lavaram umas às outras. Neste tipo de construção, as entidades pertencem todas ao conjunto representado pelo antecedente, mas

nenhuma delas está associada, simultaneamente, a dois papéis distintos numa só ação. Cada um dos membros do conjunto desempenha um papel único em cada ação, nunca acumulando esses dois papéis, ao mesmo tempo, à mesma subação, contrariamente àquilo que acontece na oração reflexa. Reportando-se à alínea 5) (A Ana e a Rita lavaram-se (uma à outra)), existem duas ações: 1.^a - a Ana lava a Rita e 2.^a - a Rita lava a Ana. Porém, nem a Ana, nem a Rita se lavam a si próprias, como acontece na construção reflexa. Se se considerar a Ana, verifica-se que ela participa numa ação como agente em que lava a Rita e noutra enquanto paciente, em que a Rita a lava, o mesmo acontecendo à Rita, pois, a ação é de dois sujeitos. Se a reciprocidade envolver três sujeitos, as combinações possíveis aumentarão para seis. Perante isto, afere-se que o antecedente de uma oração recíproca tem de ser um SN/ sujeito plural. Assim, supondo a oração na alínea 3) “As crianças lavaram-se” (umas às outras), na qual “as crianças” engloba a Ana, a Rita e o Zé, a frase será considerada verdadeira se: 1.^o – a Ana lavou a Rita e 2.^o - a Rita lavou o Zé, assim, todos os indivíduos participam numa ação, quer como agente, quer como paciente, mas apenas um participa em duas ações, uma como agente e a outra como paciente. Uma outra hipótese para ser verdadeira seria: 1.^o - a Ana lavou a Rita, 2.^o – a Rita lavou a Ana e 3.^o - o Zé lavou a Rita. Em suma, quando o antecedente de um pronome recíproco envolve mais do que duas entidades, não é necessário que cada uma delas esteja relacionada com todas as outras, nem que todas desempenhem dois papéis diferentes em ações diferentes. Uma vez que nas orações recíprocas só se pode encontrar pronomes plurais – *nos*, *vos* e *se* – a entidade envolvida neste tipo de construção é sempre plural, não sendo de forma alguma possível uma interpretação recíproca em entidades singulares, por exemplo, **o rapaz lavou-se um ao outro* (págs. 2211-2213). Apesar destas diferenças de interpretação, os pronomes reflexos e recíprocos ocorrem, muitas vezes, no mesmo tipo de contextos sintáticos, embora haja especificidades próprias de cada uma das classes.

Continuando com a análise destes exemplos, pode verificar-se que nas frases seguintes, na alínea e) “Lá *se* acabou tudo.” o pronome *se* é usado como palavra expletiva, ou seja, realça, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito em relação a si próprio. Como exemplos destes verbos, consideram-se os que implicam movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*. Ao folhear o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, encontra-se o nome “expletivo” como sendo a “palavra ou expressão empregada apenas para ornamento do discurso, com valor genérico de reforço ou ênfase”. Este pronome pode ser usado desta forma, principalmente em orações cuja referência não é clara relativamente a um sujeito ou a um objeto, ou seja, não tem

valor reflexivo, recíproco ou impessoal, sendo, apenas, uma partícula que cumpre uma função sintática, mas não carrega um significado específico. Frases como “As pessoas vivem bem aqui” ou “Vive bem aqui” poderiam ser escritas e consideradas em vez da frase “Vive-se bem aqui”, mas a utilização de *se* torna estas ações mais impessoais e gerais. É um uso comum, principalmente, em contextos formais ou quando o sujeito da ação é generalizado, indefinido ou irrelevante. Gramaticalmente, tem uma função muito importante, pois permite que a frase seja construída de maneira mais fluida e objetiva, sem precisar de especificar um sujeito, uma ação ou uma situação/condição, pois, como diz Eloisa Lopes (2017) em “A ordem e a função do clítico SE no Português Clássico”, o *se* é caracterizado como “índice de indeterminação do sujeito, tradicionalmente, por este ser a representação de um sujeito que não está expresso”. Referenciando Salvador Maria em *Os comportamentos do clítico SE — a norma e o uso o se* indeterminante tem “capacidade referencial autónoma, isto é, não precisa de antecedente”. Por todas estas características de indefinição, indeterminação e de ação autónoma, afigura-se que este pronome é um dos mais usados, quer na escrita, quer na oralidade, pois, conforme referência deste autor a Vasconcelos (2013), estamos perante “um sujeito arbitrário e que equivale a pronomes indefinidos como *alguém*, *ninguém* e *todos* ou a locuções pronominais indefinidas como *toda a gente*”, assim como, sendo um clítico que não tem referência definida nem traços de número e género, é “prosodicamente dependente do hospedeiro verbal”. O pronome *se* é ainda considerado parte integrante, ou seja, obrigatório de certos verbos que geralmente expressam sentimentos ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, e outros mais, a que se dá o nome de “intrínseco”, ou seja, a partícula *se* é indissociável da forma verbal, não é considerada um pronome reflexo, ocupando o espaço da função de “complemento direto”.

Relativamente à natureza do pronome *se*, falar-se-á, nos próximos parágrafos, de *se* como partícula apassivante e como indeterminada. Assim, na análise de “Aqui vive-se bem”, o pronome aparece classificado como indeterminado ou impessoal, quer dizer “incerto, desconhecido”, por não se conhecer quem realiza a ação (o agente) manifestada pelo verbo, considerado transitivo, ou seja, verbo que obriga a um complemento. Nestes casos, não há concordância entre sujeito e verbo e não se consegue identificar um referente para o agente da ação, como “Vende-se andares”. Nesta análise, verifica-se que o sujeito é indeterminado, pois está subentendido, e, quanto ao número, é singular, enquanto “andares” é plural, pelo que não pode ser o sujeito da oração, pois a regra da concordância de sujeito e verbo não o permite. Nesta construção, *se* é identificado como complemento direto de “andares”, pois pode ser

substituído por um pronome. Semanticamente *se*, neste exemplo, cumpre o papel de agente sem referência ou com referência, mas muito vaga, que é quase impossível identificá-la. Também é impossível, no português contemporâneo, colocar outro agente na oração (*vende-se casas pelos construtores*), sendo que *se* é considerado sujeito indeterminado, assim como, “*estuda-se*”, “*baila-se*”. Tem-se um só e o mesmo *se*, mas semanticamente diferentes. Nestes exemplos, o pronome indeterminado usa-se em frases ativas: Sujeito → Verbo → Complemento (direto ou indireto). Pode-se também encontrar este tipo de *se* em frases com verbos intransitivos, cujo complemento direto ou indireto não tem existência, como é o caso de “*Dançou-se muito na festa*”.

De acordo com estes exemplos, *se* como índice de indeterminação de sujeito – anteriormente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, alargou o seu papel aos verbos transitivos diretos, nos quais a interpretação passiva atinge uma interpretação impessoal: “*Vendem-se casas*” = ‘alguém tem casa(s) para vender’ e de ligação “*É-se feliz*”. Nestes casos, e ao mesmo tempo que o verbo não tem sujeito explícito, uma vez que *se* faz concordância com ele, a interpretação será passiva. “*Vende-se casas*” e “*Frita-se ovos*” são frases de emprego ainda “anti literário”, apesar de já haver uma multiplicidade de exemplos. A habituação à linguagem literária requereria que se escrevesse “*vendem-se*”, “*fritam-se*”. No entanto, ambas as sintaxes estão corretas, em diferentes estágios de evolução e em diferentes utilizações do pronome *se*. Como afirma Maria Helena Rebelo, *Problemas de Português* (2017, 125) “Aparentemente, a construção pronominal indefinida é mais rebuscada e foge à rigidez do imperativo. Em suma, a melhor opção seria o infinitivo, anulando, do discurso, qualquer marca do destinatário”, exemplifica: “*Temperar os bifes*” e “*Deitar batatas*”.

Um outro uso deste pronome é como agente apassivante, cuja realização se dá em frases passivas, com verbos transitivos diretos, na 3.^a pessoa do singular ou do plural (*ele/ela, eles/elas*). Neste tipo de frase, o sujeito pode vir antes ou após a forma verbal, que por sua vez concorda, em pessoa e em número com o complemento direto ou sujeito (*Declaram-se vários poemas...*), com o agente dado como implícito. Referenciando o português antigo, como explicado acima, segundo Cunha & Cintra (2002, 308), a passiva pronominal era normalmente usada como agente expreso, como ilustra este passo camoniano:

“Aqui **se escreverão** novas histórias “**Por gentes estrangeiras** que virão” (Lus. VII, 55).

Mesmo não existindo em português qualquer formalidade própria da passiva, recorde-se que, às construções como “*A saia foi vestida*”, “*Os andares foram vendidos*”, “*Os mortos*

são sepultados”, é possível acrescentar-se um complemento realizado *por/pela/pelo...*(...*pela* Maria/ ...*por* todos) ou por *de* (...*amado de* todos/ ...*levado do* diabo), de onde resulta a “passiva expandida”, apelidado assim por Martinet (1985), conforme referenciado na análise de Moraes Barbosa (1999, 20). Frases como “Os mortos enterram-se” e “Andares vendem-se” é de todo excluído o *se* reflexivo pelo sentido semântico que advém, pois nem os mortos se enterram a si próprios, nem os andares se vendem a si próprios, pelo que nestas construções e, uma vez que o sujeito é concordante com o verbo em número, a única razão lógica é interpretar este tipo de frases como apassivante, visto o *se* ter um estatuto de complemento direto. No exemplo “Os feridos são tratados”, dá-se uma possível ambiguidade, na medida em que a interpretação será possível de diversas formas: os feridos são tratados por alguém; os feridos tratam-se a si próprios (possível, mas não muito comum) e os feridos tratam-se uns aos outros. Recorde-se que “a uma organização sintática podem corresponder diferentes organizações argumentais e portanto diferentes sentidos à função sujeito”, correspondendo, na primeira destas paráfrases, o argumento “beneficiário” (sentido passivo) e nas outras duas o de “agente” (sentidos reflexivo e recíproco, respetivamente) (Barbosa, 1999, 21). A passagem da passiva a uma estrutura indeterminada levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo: “Vendem-se casas” (‘casas são vendidas’) ou “Vende-se casas” (‘alguém tem casas para vender’).

Esta vertente do pronome clítico é também mencionada por Maria Helena Rebelo (2017, 124-125) como sendo uma colocação considerada como “a mais complexa, visto que requer, segundo as regras gramaticais vigentes, a concordância em número, exemplos: “temperam-se os bifes” (passiva: os bifes são temperados por alguém), “deitam-se batatas” (passiva: as batatas são deitadas por alguém)”, pelo que estas estruturas frásicas se empregam no plural, segundo a autora.

Aplicando todo o conhecimento exposto na análise do *corpus* a seguir apresentado, o pronome *se* aparece como pronome pessoal átono, quer em posição proclítica e enclítica, quer como reflexivo, recíproco, apassivante, indeterminado, intrínseco e expletivo. Recorre-se à transcrição das frases escritas pelos informantes deste estudo, com a utilização do pronome *se*, cujas ocorrências se quantifica em 96. Neste grupo de análise, separou-se, primeiramente, os excertos frásicos que compõem o *corpus* por posição: proclítica, enclítica e mesoclítica. Relativamente a esta última, não se observa, neste trabalho, transcrições de orações em colocação mesoclítica, uma vez que no *corpus* apresentado não existem exemplos. Verifica-se em cada grupo de análise uma separação por verbo. Cada grupo com o mesmo verbo é separado

do seguinte com um espaço de linha. Por cada ocorrência, o pronome a considerar apresenta-se a negrito, pelo que, por vezes, numa só ocorrência, pode aparecer mais do que um pronome. Nesse caso, o pronome que está a negrito é o pronome a estudar, pelo que, aquele que não se destaca, será analisado noutra grupo. A análise específica das ocorrências só é feita no final de cada posição pronominal. Relativamente ao pronome *se*, para apurar resultados, importa quantificar e analisar a colocação do pronome clítico quanto à sua forma verbal e não os seus valores relativamente à função sintática que ocupa na frase ou oração, pelo que terão carácter meramente informativo.

i) - Posição proclítica

A colocação proclítica na língua portuguesa é uma das formas que se encontra em grande quantidade na comunicação. Ao longo do estudo do *corpus* analisado nesta Dissertação, verifica-se, através das frases abaixo seleccionadas e escritas pelos alunos, que a colocação antes da forma verbal é seleccionada em grande predominância como forma reflexa. Veja-se, no *corpus* abaixo, as diversas escolhas dos informantes deste estudo. Todas as ocorrências que compõem o *corpus* estão referenciadas nesta análise. No final de cada posição, são analisadas as ocorrências que detêm particularidades de análise e atenção. Optou-se por esta organização e disposição, por ser uma forma simples e objetiva, que facilita a análise, tanto por posição, como por tipo de pronome.

PRONOME REFLEXIVO

01_INF1F2_“Em soma, este texto mostra que a sociedade só quer o melhor para si, **se** [b] cegando e consumindo cada vez mais e estas publicidades que são mostradas ao público com frases evocativas”;

04_COM2M2_“caracteriza os homens como pessoas que **se** [b] gabam e que são egoístas”;

06_INF1M2_“A qualidade de um produto já não é suficiente para vendê-lo [c] se não tiver uma boa qualidade, é uma maneira manipuladora de sedução à qual as pessoas **se** [d] entregam para ser bem vistas”

08_SAU1F2_ “Começam a querer comprar sempre mais para *se* [b] mostrar e fazer parte da sociedade. Começam a querer comprar caro só para *se* [c] acharem mais bonitas”;

01_SAU2F2_ “e dois olhos virados para baixo para *se* [b] proteger dos outros inimigos..., este peixe diz-*nos* [c] que devemos *nos* [d] lembrar”;

06_INF2M2_ “tinha acabado de perder o marido na guerra e acaba *se* [b] casando logo após a morte”;

02_COM2F1_ “e como o mesmo também desapareceu após anos *o* [a] procurando e nada dele..., Madalena decide seguir em frente e *se* [b] casa com D. Manuel e com ele tem uma filha, tempo *se* [c] passa”;

PRONOME RECÍPROCO:

08_COM2M1_ “Os peixes andam em cardumes e *se* [a] ajudam, e como podemos ver tem bastantes pessoas que andam em grupo”

08_COM2M3_ “Os peixes sempre *se* [c] ajudam, talvez se alguns humanos comessem de pensar só em si próprios seria melhor.”

08_COM2M2_ “e acaba por ver como alguns peixes são unidos e os humanos egoístas e *se* [b] traem.”

06_INF2M3_ “isso muda completamente a vida dela, deixando-*a* [c] numa vida de tristeza...pois seu marido morto *lhe* [d] tinha prometido que ainda *se* [e] veriam neste mundo, fazendo-*a* [f] pensar que era infiel”

PRONOME APASSIVANTE:

02_INF1M1_ “Assim os produtos deixam de ser meros produtos e passam a ser uma capacidade de *se* [a] encaixar e valer ao consumidor”;

03_INF1M1_ “e que o sucesso ou o fracasso de um produto não *se* [a] deve tanto à qualidade do mesmo, mas sim como ele *se* [b] encaixa no mercado”;

07_INF1M1_ “Somos influenciados por imagens e frases fazendo com que *se* [a] incaixem nas nossas personalidades”;

05_SAU2F2_ “tem tudo para ser uma boa obra de literatura onde a mesma se [d] encaixa.”;

08_INF2M1_ “que apesar de ser uma obra mais antiga ela ainda se [a] encaixa perfeitamente atualmente sendo assim um texto atemporal.”;

02_SAU1M1_ “num processo em que os bens “intangíveis” se [a] comparam e se [b] vendem sob a forma de mercadorias”;

06_SAU1F2_ “e a realização pessoal, num processo em que os bens “intangíveis” se [b] comparam”;

04_SAU1F2_ “também podemos perceber que nem todos os materiais se [b] combatem mas contêm entre si votos....pelo processo que se [c] vão comprando e vendendo”;

09_GES1M1_ “publicidade é um tipo de ilusão, que vai ganhando prestígio social, os bens intangíveis se [a] compram e vendem de forma de mercadoria”;

11_GES1F1_ “a felicidade e a realização, num processo em que os bens se [a] comparam e se [b] vendem sobre a forma de mercadorias”

07_SAU1F1_ “O produto passa a valer pela imagem que se [a] projeta no mercado.”

04INF1M3_ “o êxito ou fracasso de um produto que não se [d] medem pela qualidade ou falta dela”;

02_GES1F1_ “Assim, o êxito ou fracasso de um produto não se [a] medem tanto pela qualidade ou falta de qualidade do mesmo.”

09_SAU1F1_ “e em que o consumismo é algo romantizado, passou-se [a] a usar a publicidade dita enganosa para que um determinado produto de uma determinada marca se [b] destaque entre os outros...Assim, se [c] cria a identidade de uma marca; as pessoas por si só ficam mais cativadas”

11_SAU1M2_ “temos êxito ou o fracasso, e esse não se [b] pode julgar pela qualidade ou falta da mesma, mas sim de acertar no contexto de valores dos consumidores e que lhes [c] tragam a maior satisfação possível”;

03_SAU1F1_ “o produto ganha uma identidade, que a “linguagem das coisas **se** [a] transforma em “linguagem humana”;

01_DES1M2_ “a valer por uma série de qualidades simbólicas, que são associadas por meio de imagens e frases evocativas, **se** [b] integrando nele”;

02_COM2F2_ “esta obra é excelente no que **se** [d] *propoem*, sendo escrita em tempos idos, ela representa bem o pensamento de um mundo”

11_GES1F2_ “Assim o fracasso de um produto não **se** [c] mostram pela qualidade ou falta de qualidade, mas sim pela sua capacidade de encaixar no mundo”

09_SAU1F1_ “Assim, **se** [c] cria a identidade de uma marca”

07_COM2F2_ “era comparado com Judas por ser falso, egoísta, mentiroso e pela traição e maldade que **se** [b] dá no texto”

11_COM2M2_ “Saliente porque **se** [a] destaca da crítica típica e encontra uma forma muito criativa de contar a história

PRONOME INDETERMINADO:

10_SAU2M1_ “Gosto de teatro pois é uma maneira de **se** [a] exprimir ao vivo ou seja corre mais risco.”

11_SAU2F2_ “Nesta primeira parte achei interessante o facto de **se** [b] tratar generalizando de injustiças e desigualdades”

03_INF1M1_ “e que o sucesso ou o fracasso de um produto não **se** [a] deve tanto à qualidade do mesmo, mas sim como ele *se* [b] encaixa no mercado”;

PRONOME INTRÍNSECO:

06_SAU1F1_ “e passa a valer por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgem associadas, por meio de imagens e frases evocativas, **se** [a] tornam parte integrante deles”;

06_GES1F1_“Na geração que nos encontramos,..., deixou de *se* [b] tornar uma necessidade”;

08_INF1M1_“Progressivamente, a publicidade desses mesmos produtos *vão* ganhando força e uma certa invasão no nosso cotidiano *se* [a] torna inevitável por parte das empresas”;

08_SAU1F1_“Desta maneira, faz com que as pessoas *se* [a] esqueçam de comprar os seus bens-materiais”;

08_SAU1F3_“acho que as pessoas deviam *se* [d] focar mais no que é necessário”;

13_SAU1F1_“tornou-*se* vital a intervenção de publicidade que, por recusa a um sistema de diferenciação, *se* [a] responsabiliza pela criação ”;

08_GES1F1_“a intervenção da publicidade que, por recurso a um sistema de diferenciação simbólica, *se* [a] responsabiliza pela criação”;

04_INF1M1_“por recurso a um sistema diferenciado que é simbólico que *se* [b] responsabiliza pela criação.”

05_SAU1F1_“a intervenção da publicidade que, por recusa a um sistema de diferenciação simbólica, *se* [b] responsabiliza pela criação de uma identidade própria para cada um.”

05_GES1F1_“Na ausência de fontes naturais, utilizou-*se* [a] a publicidade que *se* [b] responsabiliza”

PRONOME EXPLETIVO:

02_COM2F1_“e como o mesmo também desapareceu após anos *o* [a] procurando e nada dele..., Madalena decide seguir em frente e *se* [b] casa com D. Manuel e com ele tem uma filha, tempo *se* [c] passa”;

03_GES1F1_“O texto fala sobre os dias que *se* [a] correm, onde existe superprodução e consumismo”

07_INF2M1_“falar com os peixes e os peixes *se* [a] demonstravam interessados”

Reportando-se ao padrão e não padrão das ocorrências deste estudo, após toda a exposição das ocorrências, em primeiro lugar, são analisadas as colocações do pronome *se* em colocação reflexiva. Sabe-se que este pronome, para poder ser caracterizado como tal, tem de ter a partícula reflexa, neste caso *se*, em correferência com o sujeito da oração, ou seja, o sujeito

é aquele que pratica a ação e que, ao mesmo tempo, é sobre quem recai a ação do verbo, como é o caso do seguinte exemplo/ocorrência:

08_SAU1F2_ “...Começam a querer comprar caro só para *se* acharem mais bonitas”.

Neste exemplo escrito pelo informante, verifica-se que a partícula *se* se refere tanto ao sujeito da oração, expresso pelo verbo “achar” (alguém/indeterminado), como ao agente (aquele em quem a ação recai), ou seja, alguém acha mais bonito a si mesmo (espelho da ação).

09_SAU1F1_ “Assim, *se* [c] cria a identidade de uma marca; as pessoas por si só ficam mais cativadas”

01_DES1M2_ “a valer por uma série de qualidades simbólicas, que são associadas por meio de imagens e frases evocativas, *se* [b] integrando nele”;

No primeiro exemplo, uma vez que existe uma vírgula após o advérbio “assim” que separa as orações, dando início a uma nova oração, a colocação do pronome *se*, por norma, seria enclítica e não proclítica, assim como no segundo exemplo, onde o início de uma oração dá-se através da colocação da vírgula, e que, para além disso, são orações positivas, ou seja, sem proclisadores. Verifica-se que não se cumpriu o padrão da colocação pronominal nestas situações.

Relativamente aos usos padronizados, viram-se exemplos como:

02_COM2F2_ “esta obra é excelente no que *se* [d] propõem, sendo escrita em tempos idos” – conjunção subordinativa “que”

02_GES1F1_ “o êxito ou fracasso de um produto não *se* [a] medem tanto pela qualidade” – frase negativa, advérbio de negação “não”

11_SAU2F2_ “achei interessante o facto de *se* [b] tratar generalizando de injustiças” – preposição “de”

Estes exemplos demonstram que estes informantes seguiram a norma válida para estes tipos de orações: conjunção subordinativa “que”, frases negativas, com o advérbio de negação “não” e frases com a partícula “de”, pois são estruturas frásicas que pedem a colocação proclítica do pronome, ou seja, antes da forma verbal correspondente. Quanto a esta forma verbal, verifica-se que, nas duas primeiras ocorrências, o verbo é simples e encontra-se no plural. Na terceira ocorrência, a forma verbal é complexa: um verbo no infinitivo (tratar) e outro no gerúndio (generalizando), cuja posição do clítico é mais complexa, uma vez que alude a erro, por duas opções. Neste caso, e conforme já mencionado por Cunha & Cintra (2002, 314-316), nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio, dá-se “sempre a ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio”, pelo que o pronome clítico aparece antes da

forma infinitiva, seguindo o estipulado por estes gramáticos. Uma outra resolução é pelo facto do verbo ser impessoal “tratar-se”, cuja partícula “se”, perante um proclisador, antecede o verbo, pelo que é aceite a forma “*de se tratar*”.

Além dos exemplos já dados anteriormente, nos casos em que não houve utilização da norma, existem casos de orações coordenadas, com a partícula copulativa “e”:

02_COM2F1_ “Madalena decide seguir em frente e **se** [b] casa com D. Manuel e com ele tem uma filha” – conjunção coordenativa copulativa “e”

08_COM2M1_ “Os peixes andam em cardumes e **se** ajudam” – conjunção coordenativa copulativa “e”

08_COM2M2_ “e acaba por ver como alguns peixes são unidos e os humanos egoístas e **se** [b] traem

Pode-se verificar, através destas transcrições, que estes dois alunos usam a próclise em vez da ênclise em frases coordenadas com a conjunção copulativa *e*. Esta colocação é explicada por Ana Martins na *Gramática do Português* (2013, 2296-2297) na medida em que defende as orações coordenadas com a posição clítica pós verbo: “As orações coordenadas copulativas, assindéticas ou introduzidas pelas conjunções *e* ou *nem*, ...manifestam os mesmos padrões de colocação dos pronomes clíticos que as orações simples. ...As orações coordenadas copulativas e adversativas apresentam ênclise...”.

A colocação proclítica aparece, também, nalgumas frases com o verbo principal no infinitivo e no gerúndio. Uma vez que a *Gramática do Português* (2013, p.2278 e 2279) dita que, nas orações infinitivas simples, sem preposição, as regras não se afastam muito das utilizadas para as estruturas normais das afirmativas e das negativas e caso não existam proclisadores, ocorre sempre a ênclise nas orações infinitivas simples. Quanto às orações com complexos verbais com dois ou mais verbos não finitos, existem diversas opções no que diz respeito à escolha da forma verbal a que clitiza, podendo ser colocada no verbo principal infinitivo ou no verbo auxiliar. Já Cunha & Cintra (2002, 314-316) defendem que, nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio, dá-se “sempre a ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio”. No entanto, quando ocorrem condições para a anteposição do pronome pessoal clítico, dá-se a próclise ao verbo auxiliar e, por fim, a ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam condições proclisadoras. Vejam-se alguns exemplos retirados do *corpus*:

08_SAU1F3_ “acho que as pessoas deviam **se** [d] focar mais no que é necessário”

06_INF2M2_ “tinha acabado de perder o marido na guerra e acaba **se** [b] casando logo após a morte”

Nestas ocorrências, o pronome *se* aparece antes das formas verbais principais no infinitivo “focar” e no gerúndio “casando”. A ocorrência 08_SAU1F3 pode ter uma análise mais ambígua, uma vez que o verbo auxiliar “dever” pode vir ou não acompanhado da preposição “de” dependendo da modalidade expressa. Quando utilizamos o verbo “dever” sem preposição, está-se a dar uma obrigação, uma certeza ao contexto, enquanto “dever de” (dever + de) já implica probabilidade, suposição, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dever-de/4260>, e, nesse caso, uma vez que a preposição “de” é um proclisador, a posição do pronome já estaria de acordo com a norma padrão (de + próclise). A colocação pronominal desta ocorrência (auxiliar + preposição + v. principal no infinitivo) vai contra a regra estipulada por Cunha & Cintra (2002), concordando, no entanto, com a norma da *Gramática do Português* (2013), assim como, a segunda ocorrência. No primeiro exemplo, existe o proclisador “que” e, no segundo, dá-se uma oração coordenada copulativa que alude à posição enclítica, neste contexto, à forma verbal gerundiva.

02_COM2F1_ “e como o mesmo também desapareceu após anos *o* [a] procurando e nada dele..., Madalena decide seguir em frente e **se** [b] casa com D. Manuel e com ele tem uma filha, tempo *se* [c] passa”;

Antes de se fazer a análise à colocação do pronome, far-se-á uma análise ao tipo de verbo usado nestas construções frásicas, o verbo “casar-se”. De acordo com Maria Helena Rebelo, em *Os Porquês do Português* (p.87-88), o verbo casar é visto como um ato de “contrair matrimónio”: Dizer casar e casou-se não se dá alteração substancial de sentido. Ao dizer ele casou, sem o uso do pronome reflexo *se*, ou seja, sem complemento de OD, enuncia-se o ato de casar em si (ele casou, o João e a Maria casaram). Quando se usa este pronome reflexo (ele casou-se, eles casaram-se, realça-se o ato como sendo uma escolha do sujeito. A ação que praticou recai sobre ele próprio, foi uma escolha livre. Foi o sujeito que casou ele próprio. O ato de casar é realizado por eles e o facto de expressar o objeto reflexivo, vincula o sujeito confirmando a sua opção. A construção pronominal reflexa, comportará a informação de “liberdade” e de “responsabilidade” do sujeito que é, simultaneamente, objeto da ação, salientar o compromisso do sujeito no ato de casar.

Estas estruturas são também interpretadas como pronominal reflexa, na medida em que tem um complemento reflexivo “o Pedro casou-se há um mês” – o sujeito que pratica a ação

coincide com o objeto dela, e evidência que o sujeito “se casa a si próprio”, visto que é o objeto da ação, destacando que o ato é da sua responsabilidade e da sua vontade, fazendo refletir a ação sobre si próprio. Este verbo, sem o reflexo *se*, “casou”, representa enunciar apenas a ação em si, à qual se podem associar objetos da ação diversos do sujeito

Para além das situações analisadas anteriormente, considera-se, igualmente importante, a análise das seguintes ocorrências, visto possuírem um sentido não literal ao exposto:

01_INF1F2_ “Em soma, este texto mostra que a sociedade só quer o melhor para si, **se** [b] cegando e consumindo cada vez mais e estas publicidades que são mostradas ao público com frases evocativas”

06_INF1M2_ “A qualidade de um produto já não é suficiente para vendê-lo se não tiver uma boa qualidade, é uma maneira manipuladora de sedução à qual as pessoas **se** [d] entregam para ser bem vistas”

Nestas duas ocorrências, as observações vão para o sentido metafórico dos verbos e não para a colocação do pronome clítico, por se considerar passível de erro, se não for explicado o seu sentido. Assim, no primeiro exemplo, 01_INF1F2, dando atenção ao verbo “se cegando”, na medida em que o mesmo não evidencia as pessoas se cegarem literalmente a si próprias, mas no sentido de não ter noção da situação, perder o rumo ou a razão ou a calma. No seguinte exemplo, 06_INF1M2, a forma verbal “se entregam”, tem sentido conotativo de “dedicar-se, trabalharem em prol de alguma coisa”.

ii) Posição enclítica

Conforme exposto no ponto anterior, neste analisar-se-á a posição do pronome clítico *se* após a forma verbal, a ênclise, utilizada pelos informantes desta pesquisa, nas variadas formas de uso, desde a forma reflexiva, à forma expletiva, quantificando a sua colocação, dentro e fora do uso padrão. A sua análise e explicação são feitas no final da transcrição dos excertos frásicos.

PRONOME REFLEXIVO:

02_SAU2F1_ “falar com os peixes, porque são bons ouvintes e calam-**se** [a] em situações perigosas”

02_SAU2F2_ “que muitas vezes os Homens colocam-**se** [b] em situações perigosas”

09_INF2M2_ “passado uma grande quantia de anos, D. Madalena casa-se [b] mais uma vez”

PRONOME APASSIVANTE:

09_SAU1F1_ “e em que o consumismo é algo romantizado, passou-se [a] a usar a publicidade dita enganosa para que um determinado produto de uma determinada marca se [b] destaque entre os outros.....

10_SAU1F2_ “usadas imagens e frases evocativas para que obtenha-se [a] uma personalidade”

05_GES1F1_ “Na ausência de fontes naturais, utilizou-se [a] a publicidade, que se [b] responsabiliza pela identidade própria de cada um.”

06_SAU2F2_ “A estrutura divide-se [c] em exórdio; a exploração e a confirmação.”

09_INF2M3_ “A história complica-se [c] com o retorno inesperado de D. João.”

12_SAU1F2_ “que a linguagem das coisas transforma-se [c] em “linguagem humana”

01_SAU2F1_ “Esta obra, a meu ver, destacou-se [a] pois fala sobre as virtudes e louvores”

13_SAU2F1_ “é uma obra interessante de ler-se [a]

02_DES1F1_ “o êxito ou fracasso de um produto mede-se [a] pela sua capacidade de encaixar”

02_INF1M2_ “É como uma linguagem de sedução, rendem-se [b] aos produtos que usam”

PRONOME INDETERMINADO:

05_GES1F1_ “Na ausência de fontes naturais, utilizou-se [a] a publicidade que se [b] responsabiliza”

04_INF1M2_ “publicidade que centra em torno delas que por experiência com vários sujeitos vai-se [c] progressivamente ganhando um estatuto”

05_INF2M2_ “Deste modo conclui-se [b] que o texto tem muitos pontos positivos e que pode-se [c] determinar um texto que deixa desejos de ler mais.”

09_INF1M1_ “Avaliou-se [a] que, a melhor publicidade no lugar parte das vezes ganha, pelo facto que falam bem”

PRONOME INTRÍNSECO:

08_INF1M2_ “as empresas são egoístas e importam-se [b] com vender e não um bom produto”

12_SAU1F3_ “é que a publicidade tornou-se [d] essencial para qualquer venda ”

13_SAU1F1_ “A ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos, tornou-se vital a intervenção de publicidade que, por recusa a um sistema de diferenciação, se [a] responsabiliza pela criação de uma identidade”

01_DES1M1_ “os objetos tornaram-se [a] necessariamente a intervenção da publicidade”

12_SAU1F2_ “ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos tornou-se [b] vital a intervenção de alguma publicidade”

09_COM2M2_ “e a sua filha tornar-se [b] ilegítima”

05_SAU1F1_ “A ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos, tornou-se [a] vital a intervenção da publicidade.....”

06_GES1F3_ “Desta forma a publicidade tornou-se [e] mais cativante”

02_INF2M1_ “a linguagem utilizada pode ser confusa e em algumas partes tornou-se [a] chato”

04_GES1F2_ “já que tornaram-se parte integrante de sua personalidade”

04_GES1F1_ “a publicidade tornou-se [a] essencial para o sistema de diferenciação onde tornou-se [b] a criação própria para cada um”

13_SAU1F3_ “por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgirem associadas, por meio de imagens e frases evocativas, tornou-se [d] parte integrante dele ”

04_INF1M1_ “Na ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre o objeto, tornou-se [a] vital a intervenção da publicidade...”

06_SAU2F1_ “Representa uma alegoria, dirigindo-se [a] aos peixes mas na verdade dirigese [b] aos homens”

07_SAU2F1_ “Representa uma alegria dirigindo-se [a] aos peixes mas na verdade dirige-se [b] aos homens” ¹¹

09_SAU2F2_ “*vieira* começa o sermão dirigindo-se [b] aos peixes em tom satânico”

06_COM2F2_ “e os pegadores que aproveitavam-se [b] dos outros”

03_INF2M1_ “em que este mesmo é um traidor e aproveita-se [a] dos outros”

01_INF1F3_ “e imagens de outro mundo que agradam os clientes, isto chama-se [c] marketing”

14_SAU1F1_ “a intervenção de publicidade de um sistema de diferenciação simbólica, é vital e responsabiliza-se [a] por criar uma identidade”

PRONOME EXPLETIVO

12_COM2M1_ “assim como uns peixes comem-se uns aos outros e os maiores comem aos mais pequenos”

Explica-se e exemplifica-se, de seguida, alguns excertos frásicos relativamente à colocação enclítica, que merecem análise em particular. Nas ocorrências abaixo, verifica-se que a maior percentagem de uso é adquirida em situações que se regem pelo padrão dessa colocação, como é o caso de algumas frases afirmativas e coordenadas com a conjunção “e”:

08_INF1M2_ “as empresas são egoístas e importam-se [b] com vender e não um bom produto” - orações coordenativas – conjunção copulativa “e”

09_INF1M1_ “Avaliou-se [a] que, a melhor publicidade no lugar parte das vezes ganha, pelo facto que falam bem” – início de frase

09_INF2M1_ “A história de “Frei Luís de Sousa” passa-se [a] em uma era medieval” - frase afirmativa

¹¹ Algumas destas ocorrências têm excertos frásicos idênticos, pois a temática escolhida para o trabalho escrito é igual para todos.

Quanto ao uso enclítico não regular das ocorrências acima transcritas, verifica-se alguma percentagem:

05_INF2M2_ “Deste modo conclui-se [b] que o texto tem muito pontos positivos e que pode-se [c] determinar um texto que deixa”

02_SAU2F2_ “que muitas vezes os Homens colocam-se [b] em situações perigosas”.

12_COM2M1_ “assim como uns peixes comem-se [a] uns aos outros e os maiores comem os mais pequenos”

Estes exemplos de ocorrências não seguem o padrão fixado pela gramática de português, uma vez que as frases com a conjunção *que* pedem a posição proclítica do pronome pessoal clítico e não a posição pós-verbal, como são os casos. Uma outra interpretação pode ser feita para o primeiro exemplo, relativamente à locução conjuntiva “deste modo”, que não se encontra separada do verbo por uma vírgula, o que seria o esperado, e funcionava como um aposto, tornando a colocação pronominal adequada ao contexto sintático. Contudo, e embora não esteja separada por uma vírgula, é considerada na mesma dentro da norma regular para esta situação. Já no uso do segundo pronome [c], a colocação clítica está fora da regra gramatical, pois o “que” é um proclisador que obriga à anteposição do pronome à forma verbal, neste caso, sendo o verbo “poder-se”, ficaria “que se pode”. O mesmo acontece para a terceira ocorrência com a locução conjuntiva “assim como” que pede anteposição do pronome clítico “se comem uns aos outros”. Este excerto frásico, referente à análise da obra de António Vieira *Sermão de Santo António aos Peixes*, cuja obra e temática se fundamentam numa alegoria aos peixes/ homens, esta expressão tem valor meramente metafórico e figurativo, representando a ganância, a inveja e a astúcia dos homens, que fazem de tudo para atingir os seus objetivos. Nestas ocorrências, verificou-se que o verbo “tornar-se” é aquele que aparece mais vezes, com 13 usos, como pronome intrínseco.

Ainda na análise do pronome clítico *se*, verificou-se, também, ao longo deste estudo, que houve alguma ocorrência de colocação mais complexa e duvidosa, podendo depender do contexto sintático da frase, tendo, assim, mais do que uma possível interpretação. Dão-se os seguintes exemplos:

03_INF1M1_ “e que o sucesso ou fracasso de um produto não se deve tanto à qualidade do mesmo, mas sim como ele se encaixa no mercado”.

07_SAU2F1_ “Representa uma *alegria* dirigindo-se aos peixes mas na verdade dirige-se aos homens”

Na primeira ocorrência, 03_INF1M1, está-se perante um caso de complexidade, pois há duas formas possíveis de interpretar o uso do pronome *se*. Se se analisar pelo início de frase com a conjunção adversativa “mas”, a frase seria considerada não padronizada, pois segundo as regras gramaticais “As orações coordenadas copulativas e as orações coordenadas adversativas introduzidas pela conjunção *mas* manifestam os mesmos padrões de colocação dos pronomes clíticos que as orações simples ou as orações principais de frases complexas”, *Gramática do Português* (2013, p. 2296). Por outro lado, tem a partícula “como” que indica próclise. Então, como analisar? A próclise ou a ênclise?

Neste contexto, a partícula “como”, pertencente à classe das palavras das conjunções, tem o valor significativo de indicar o modo ou a forma como alguma coisa está a ser feita ou dita, colocando o pronome segundo a regra das frases afirmativas e das conjunções que indica que a próclise é o padrão comum neste tipo de frase/oração, pelo que esta colocação foi considerada dentro do padrão gramatical. No segundo exemplo, uma vez que a frase é composta pela conjunção adversativa, “mas”, dá-se a ênclise, conforme já citado e explicado acima.

Quanto aos casos que se seguem:

02_SAU1M1_ “num processo em que os bens “*intagíveis*” **se** comparam e **se** vendem sob a forma de mercadoria.

09_SAU1F1_ “Assim, **se** cria a identidade de uma marca”.

02_COM2F1_ “e com ele, tem uma filha, tempo **se** passa e D. Manuel recebe a proposta de ter o rei de Espanha a passar o tempo na sua casa”

Nestes exemplos, o uso do pronome clítico alude, igualmente, a alguma complexidade e dúvida, uma vez que é possível interpretar de duas formas, de acordo com as conjunções e/ou tipos de frases. Assim, o pronome *se* nestas frases foi colocado pelos alunos em posição proclítica. O primeiro exemplo, a forma verbal (**se** comparam) tem como proclisador a conjunção “que”, e sendo uma continuação de ideias/ações, a segunda forma verbal é obrigada a seguir a mesma colocação que a primeira, isto é, a próclise, pelo que nestas ocorrências a colocação está conforme a regra gramatical. Relativamente ao segundo exemplo “09_SAU1F1_ “Assim, **se** cria a identidade de uma marca””, é analisado com alguma dualidade, pois, por um lado, existe a conjunção coordenada conclusiva “assim” e como explicado na *Gramática do Português* (2013), as orações coordenadas normalmente têm ênclise e, além disso, temos uma vírgula a separar a conjunção, dando-se início de oração, que pede, igualmente, a colocação enclítica, pelo que a forma normal seria “cria-se”. Por fim, no terceiro exemplo “02_COM2F1_ “e com ele, tem uma filha, tempo **se** passa e D. Manuel recebe a

proposta de ter o rei de Espanha a passar o tempo na sua casa””, por ser uma frase declarativa afirmativa, sem elemento proclisador, dá-se a ênclise, regra das orações/frases declarativas afirmativas, por ser a colocação comum dos pronomes clíticos, como afirma Mateus *et al.* (852) “a ênclise é o padrão básico de colocação dos pronomes clíticos na variedade europeia do português moderno....o padrão enclítico obtém-se em frases finitas de todos os tipos”.

Continuando com a observação de elementos do *corpus*, verifique-se estes dois exemplos:

08_SAU1F3_ “acho que as pessoas deviam **se** focar mais no que necessário”.

06_INF2M2_ “tinha acabado de perder o marido na guerra e acaba **se** casando logo após a morte” .

Segundo a *Gramática do Português* (2013), tanto o infinitivo, como o gerúndio, na ausência de elementos proclisadores, a colocação mais comum do pronome clítico é a ênclise. No primeiro exemplo acima, apesar de ter uma forma verbal infinitiva, tem igualmente um elemento proclisador “que” obrigando à ocorrência do pronome antes do verbo principal, na forma de infinitivo. Nesta ocorrência, como se verifica, a estrutura verbal é complexa, ou seja, dá-se o uso de mais do que um verbo, no caso, um auxiliar/ modal (deviam) e um principal (focar). No segundo exemplo, com a forma verbal gerundiva, e sem preposição ou elemento que obrigue à próclise, a forma padrão seria a ênclise (casando-**se**), além disso, estamos perante uma oração coordenada copulativa “e”, que obriga, igualmente, à ênclise ao verbo principal “casar”.

Prosseguindo com a análise de excertos, dá-se conta do seguinte:

04_GES1F1_ “a publicidade tornou-**se** essencial para o sistema de diferenciação onde tornou-**se** a criação própria para cada um”.

Neste exemplo, composto por duas orações, a primeira ocorrência de “se” é de uso padronizado, pois a oração é simples e afirmativa. Na segunda, com a inclusão de um proclisador, o pronome relativo “onde”, por norma dar-se-ia a colocação proclítica (**se** tornou).

Continuando com o estudo dos excertos frásicos dos estudantes deste trabalho, analise-se:

04_INF1M2_ “publicidade que centra em torno delas que por experiência com vários sujeitos vai-**se** [c] progressivamente ganhando um estatuto”

Ao observar-se esta transcrição, apercebe-se que se está perante uma colocação fora das normas, pois o verbo sendo “ganhar-**se**”, a partícula *se* deveria ser enclítica ao verbo principal

que a obriga e não ao verbo auxiliar, como evidenciado. Na ausência de proclisadores, como estipulado pela gramática descritiva de M.H. Mateus, dar-se-á a colocação enclítica.

Continuando, ou melhor, finalizando com a reflexão em torno dos usos de *se*:

06_SAU2F1_ “Representa uma alegoria, dirigindo-se [a] aos peixes mas na verdade *dirigese* [b] aos homens”.

Um outro exemplo a destacar é o mencionado acima, no qual a forma verbal “dirigese” aparece junto ao pronome *se*, em vez de “dirige-se”, com o pronome clítico *se* separado do verbo, o que leva à possibilidade de que este poderá ser um exemplo de influência da língua espanhola (ou castelhano), por ser uma forma verbal usada pelo povo de Espanha e de Castela, em contrapartida ao primeiro verbo “dirigindo-se”, onde o pronome já aparece separado da forma verbal, neste caso, o gerúndio.

3.2. Análise dos pronomes “*lhe(s)*”

Antes de se proceder à análise da utilização do pronome *lhe* nas diversas ocorrências, salienta-se que estes pronomes, *lhe/lhes*, integram o grupo dos clíticos do caso dativo, em terceira pessoa do singular (ele/ela) (3PS) e terceira pessoa do plural (eles/ elas) (3PP), como já demonstrado anteriormente no quadro 3, pág. 25 desta Dissertação. É usado nas frases como função sintática de complemento indireto (C.I.), ligado diretamente à forma verbal que o obriga (através da pergunta *a quem?*).

Segundo referenciado por Aline Bazenga e Lorena Rodrigues em “Usos do clítico *lhe* em variedades do português” (2019), os exemplos em 1 e 2, transcritos abaixo, demonstram que o *lhe* não substitui todos os SP introduzidos por *a*, apenas podem realizar um constituinte com a função de CI, como ilustrado em 3 (citado por Mateus *e al*, 2003, 229):

1 – Pensei muito *neles*/ Pensei-*lhes** muito

2– Eles assistiram *ao espetáculo*/ Eles assistiram-*lhe**

3- O João deu (*à Maria*) um livro (*à Maria*)/ O João deu-*lhe* um livro.

A função do CI é complexa. Esta complexidade está relacionada, entre outros, com a sua não-homogeneidade (referenciando Brito, 2009), pois, não só existem dativos dependentes de três e/ou de dois argumentos, semanticamente diferentes, assumindo interpretações diversas, nomeadamente, as de beneficiário, destinatário e origem:

Verbos transitivos de 3 lugares; verbos de transferência/ mudança de posse

a) O Pedro deu/entregou/vendeu o livro *ao António* (destinatário)

b) O Pedro roubou/ tirou / comprou o livro *ao António* (origem)

c) O Pedro construiu uma casa *aos pais* (beneficiário)

Além destes usos, *lhe* e *lhes* podem ser combinados com os pronomes *o(s)*, *a(s)*, como função de CD, produzindo formas pronominais ou contraídas de *lho(s)*, *lha(s)*. Segundo Cunha & Cintra (2002, 304), o pronome *lhe* pode servir para dar ênfase ao objeto indireto colocado no início da frase, como demonstrado nestes provérbios:

a) *Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes.*

b) *Ao médico e ao abade, fala-lhes sempre a verdade.*

Passemos à análise dos pronomes clíticos *lhe/lhes*, em posições proclítica e enclítica, utilizadas pelos informantes deste estudo.

POSIÇÃO PROCLÍTICA:

05_INF1M1_ "É de facto, uma espécie de “valor acrescentado”, este que a publicidade forja para as coisas que consumimos e que **lhes** [a] confere uma essencialidade que, não deixando de ser *ilusora*”

14_SAU1F2_ “A publicidade forja para os consumidores **lhes** [b] conferindo uma escolaridade não deixando de ser *ilusória*”

03_DES1M1_ “e fazendo com que crie uma constante dependência dos seus utilizadores, fazendo-os [a] pensar que esse produto irá **lhes** [b] dar bens não materiais como prestígio social, amor beleza, etc.”

04_INF2M1_ “só que ele nunca era ouvido e as pessoas não **lhe** [a] davam atenção”

07_INF2M2_ “eu achei que ele era louco por achar que os peixes **lhe** [b] ouviam”

03_SAU2F2_ “casada com D. João e por o mesmo estar desaparecido e ninguém saber nada do que **lhe** [d] aconteceu,”

12_SAU2F1_ “Padre António Vieira quer mandar a mensagem que como as pessoas não **lhe** [a] ouviam ele foi falar com os peixes porque eles sim ouviam-lo [b] e não **lhes** [c] viravam as costas”

06_INF2M3_ “pois seu marido morto **lhe** [d] tinha prometido que ainda *se* [e] veriam neste mundo”

05_COM2M2_ “Santo António não foi ouvido por nenhuma pessoa ninguém queria **lhe** [b] ouvir então ele falou para os peixes”

POSIÇÃO ENCLÍTICA:

04_SAU1F1_”Onde também essa publicidade possa chamar-**lhes** [a] à atenção da boa qualidade”

12_SAU1F1_”têm inúmeros produtos de equivalente função e qualidade, ...as suas propriedades reais e *intrínsecas* não servem já de argumento convincente para conquistar-**lhes** [a] um lugar no mercado.”

03_COM2M1_”e então ele foi falar/desabafar com os peixes e deu-**lhes** [a] nomes”

09_COM2M1_”já com a Dona Madalena casada e com uma filha *chega-le*¹² [a] a notícia que o seu ex marido D. João ainda continuava com vida”

08_INF2M2_”decide ir pregar para os peixes que pelo contrário dos Homens os peixes foram-**lhe** [b] ouvir com atenção a sua mensagem”

Sabe-se que os pronomes *lhe/lhes* assumem, na gramática do português europeu, a função sintática de complemento indireto (C.I.), como já explicado anteriormente, pelo que, estudam-se, de seguida, alguns usos não padronizados pelos informantes deste pronome pessoal. Através das seguintes ocorrências, percebe-se que estes alunos ainda confundem o complemento direto com o complemento indireto e, conseqüentemente, os respetivos pronomes:

07_INF2M2_”eu acho que ele era louco por achar que os peixes **lhe** [b] ouviam” – ouviam quem?

08_INF2M2_”que pelo contrário dos Homens, os peixes foram-**lhe** [b] ouvir com atenção” – ouvir quem?

05_COM2M2_”não foi ouvido por nenhuma pessoa ninguém queria **lhe** [b] ouvir então ele falou” – ouvir quem?

Ao analisar estes exemplos, verifica-se que os verbos pedem a pergunta direta *quem?* e não *a quem?*, pelo que os pronomes correspondentes seriam *o ouviam*, *foram ouvi-lo* e *ninguém o queria ouvir*, revelando alguma confusão pelos informantes relativamente à posição dos complementos direto e indireto. Quanto à segunda ocorrência, 08_INF2M2, dá-se alguma ambiguidade, pois como visto na análise do pronome *se*, face a uma forma verbal complexa, em frases cujo verbo principal está no infinitivo, o pronome pessoal enclitiza essa mesma forma verbal - *foram ouvi-lo*, visto estar-se perante uma estrutura frásica sem proclisador.

¹² O pronome “le” está copiado exatamente como escrito pelos informantes deste trabalho.

Relativamente à terceira transcrição, “*não foi ouvido por nenhuma pessoa ninguém queria **lhe** [b] ouvir então ele falou*”, uma vez que se está perante um pronome negativo, que tem função de proclisador, o pronome respetivo ficaria antes do auxiliar “queria” – *ninguém **o** queria ouvir*, alterando, simultaneamente, o pronome inicial *lhe* para o pronome *o*, uma vez que se dá um complemento direto (ouvir quem?).

Chama-se à atenção para o facto desta confusão entre o C.D. e o C.I. acontecer, nestes casos, com todas as formas verbais de “ouvir” em frases afirmativas.



Gráfico 2 – Função sintática de C.D. (complemento direto)

Analisando a colocação de C.I. em substituição de C.D, verifica-se que, apesar de alguns erros de identificação de função sintática, houve somente 21% das ocorrências (4 vezes) fora de padrão, pelo que não se regista, evidentemente no *corpus* em análise, que houve predisposição para o fator do “lheísmo”, ou seja, “o emprego da forma *lhe* como O.D.” de que Bazenga e Rodrigues abordam em “Usos do clítico *lhe* em variedades do português” que, como citado por estas autoras, é um fator que se encontra em “dados de aquisição do PE (L1 e L2)”. Nas ocorrências estudadas, verificou-se ocorrência de *lhe* em posição de 3PS e 3PP.

Este problema é também abordado por Maria Helena Rebelo, no seu livro *Os Porquês do Português* (2020). Estas e outras questões equivalentes são de foro sintático e morfológico. Como a autora diz que “A gramática tradicional ensina que há predicados de diversos tipos: nominais, verbo-nominais e verbais”. Pega-se no exemplo com o verbo “perdoar” que esta autora utiliza para explicar a diferença e substituição do CI pelo CD. Assim, em “perdo-o”, presente do indicativo, 1.^a pessoa singular, a presença do pronome “o” nesta expressão tem função de complemento direto. Continuando com a sua análise, em “Perdo-o” o pronome “o” representa “a pessoa a quem é perdoado algo” e não “o que é perdoado”. O pronome adequado

seria “lhe” (COI): perdoo-lhe, “perdoo-lhe apesar de não esquecer o que fez”. Nesta situação, o COD tende a ocupar o COI.

Estas situações de erro e confusão, é explicado, ainda, por esta autora como “A tendência é para preferir construções transitivas do verbo “perdoar”, como na frase “A vítima perdoou-o!”” Sem contexto, o pronome “o” pode equivaler a “o ladrão” (a pessoa a quem se perdoa” ou a “o roubo” (o que é perdoado). E continua, a preferência pela construção transitiva direta em vez da indireta estará na origem destes usos com o COD, que se ouvem cada vez mais. É bem provável que estejamos perante uma tendência para supressão de preposições. A variação linguística é uma evidência na língua portuguesa e em qualquer língua viva. Esta situação de preferência pela construção transitiva direta, no lugar da indireta, ocorreu em 21% dos casos neste *corpus* apresentado por estes alunos do ensino profissional.

Ainda quanto às análises mais complexas, verifica-se, no exemplo abaixo, uma possível mesóclise, uma vez que se depara com uma forma verbal do futuro, pelo que o mais usual seria “...o produto dar-*lhes*-á bens não materiais”. Isto vem comprovar o que já tinha sido dito anteriormente relativamente à falta de uso das formas do futuro, pelos estudantes, provavelmente por falta de hábito, quer na escrita, quer na oralidade. Pode-se, igualmente, e seguindo o padrão da colocação dos tempos compostos, na ausência de proclisadores, dá-se a ênclise ao verbo principal, quando no infinitivo ou no gerúndio, seria “irá dar-*lhes*”, exemplificando abaixo:

03_DES1M1_”e fazendo com que crie uma constante dependência dos seus utilizadores, fazendo-os [a] pensar que esse produto irá **lhes** [b] dar bens não materiais como prestígio social, amor beleza, etc.”

3.3 Análise dos restantes pronomes: “me, nos, o, a,.....”

a) Pronome “nos”

Este pronome não tem nenhuma especificidade que o coloque em análise individual, é um pronome, de forma átona, que aparece no plural, na 1.^a pessoa, nós, e é usado no português europeu com função sintática de C.D. e com função sintática de C.I., dependendo do verbo a que obriga e a quem recai a ação. Neste trabalho, este pronome é resultado de uma análise, não pela sua importância ou regra particular, mas sim porque verificou-se que os informantes o usaram em quantidade, tanto como C.D., como C.I., indicador de que estes alunos redigem a sua escrita essencialmente utilizando o plural e a 1.^a pessoa, nós, tornando-a mais subjetiva.

Abaixo, transcreve-se as ocorrências verificadas com este pronome ao longo do estudo do *corpus*.

POSIÇÃO PROCLÍTICA

01_INF2F2_”o “sermão aos peixes” é uma obra inspiradora que **nos** [b] desafia a refletir sobre nossas ações”

06_INF1M1_”A publicidade transmite-*nos* [a] um sentimento de necessidade....embora muitas vezes seja inútil mas parece que **nos** [b] eleva o prestígio social”

13_SAU1F2_”porque às vezes só **nos** [b] interessamos e importamo-*nos* [c] com a imagem”

01_SAU2F2_”e dois olhos virados para baixo para *se* [b] proteger dos outros inimigos..., este peixe diz-*nos* [c] que devemos **nos** [d] lembrar que o céu e as coisas boas estão para cima”

01_GES1M1_”Esse consumismo *estremo* é muito mau para nós próprios *nos* é que não **nos** [a] apercebemos disso”

05_GES1F2_”Contudo, faz que **nos** [c] rendamos, fazendo algo *pra* **nos** [d] chamar à atenção”

06_GES1F1_”Na geração que **nos** [a] encontramos, o consumismo e o “ato” de comprar, deixou de *se* tornar uma necessidade”

06_GES1F2_”Deixamos de querer comprar porque necessitamos, mas sim porque **nos** [c] agradou visivelmente e porque **nos** [d] poderia fazer sentir bem, em casos difíceis.”

07_GES1M1_”usar a publicidade para convencer a população de que bens materiais com apenas a sua “imagem” conhecida **nos** [a] irá aumentar a autoestima, irá **nos** [b] fazer sentir concretizados, irá **nos** [c] fazer de “superiores”

11_GES1F3_”É uma verdadeira maneira de **nos** [d] chamar a atenção”

05_SAU2F2_”É **nos** [c] apresentado um núcleo de família que consiste em D. Madalena, D. Manuel e a filha”

10_COM2M1_”É um texto que também **nos** [a] ajuda a abrir os olhos para a vida, alertando-*nos* [b] de forma a que tenhamos mais cuidado nas nossas ações”

POSIÇÃO ENCLÍTICA

01_INF1F1_”Hoje em dia, o produto é que fala por si, ou seja, dá-**nos** [a] a ilusão de que o produto é essencial para as nossas vidas”

06_INF1M1_ "A publicidade transmite-**nos** [a] um sentimento de necessidade....embora muitas vezes seja inútil mas parece que *nos* [b] eleva o prestígio social"

11_SAU1M1_ "Por vezes este tema mete-**nos** [a] a comprar, investir, a qualidade vem por trás da montra"

13_SAU1F2_ "Na minha opinião isto é muito verdade, porque às vezes nós só *nos* [b] interessamos e importamo-**nos** [c] com a imagem. "

05_INF2M1_ "o texto também conta-**nos** [a] uma história interessante"

06_INF2M1_ "Mostra-**nos** [a] a vida de uma jovem D. Madalena que tinha acabado de perder o seu marido"

06_INF2M4_ "e muda a nossa visão para certas coisas, por exemplo, mostra-**nos** [g] que palavras realmente conseguem mudar o estado de espírito de uma pessoa."

01_SAU2F2_ "e dois olhos virados para baixo para *se* [b] proteger dos outros inimigos..., este peixe diz-**nos** [c] que devemos *nos* [d] lembrar"

10_COM2M1_ "É um texto que também *nos* [a] ajuda a abrir os olhos para a vida, alertando-**nos** [b] de forma a que tenhamos mais cuidado nas nossas ações"

Dentro do estudo deste pronome, transcrevem-se algumas frases escritas pelos informantes e que servem de base para análise:

07_GES1M1_ "de que bens materiais com apenas a sua "imagem" conhecida **nos** [a] irá aumentar a autoestima, irá **nos** [b] fazer sentir concretizados, irá **nos** [c] fazer de "superiores"

Esta transcrição é alvo de alguma dúvida, pois as formas verbais apresentadas são formas compostas por um auxiliar, no tempo futuro, e por um verbo principal, no infinitivo. Assim, esta estrutura verbal é passiva de duas opções, ou se enclitiza o pronome ao verbo principal – irá aumentar-*nos* a autoestima, irá fazer-*nos* de "superiores" – perante ausência de proclisadores, que regulem outra posição que não a enclítica. A segunda opção para este tipo de oração é colocar o verbo no futuro, usando a mesóclise – aumentar-*nos-á* a autoestima/ fazer-*nos-á* sentir concretizados/ fazer-*nos-á* de "superiores"- aplicando as regras dos pronomes nos tempos verbais do futuro e do condicional.

13_SAU1F2_ "porque às vezes só **nos** [b] interessamos e importamo-**nos** [c] com a imagem "

Sabe-se que o advérbio *só* implica a próclise, pelo que a segunda forma pronominal deveria estar colocada antes do verbo, pois seguiria a estrutura da primeira forma – só **nos**

importamos – ainda mais por ser uma oração coordenada copulativa, ligando a primeira oração à segunda, funcionando como uma frase completa.

01_SAU2F2_”e dois olhos virados para baixo para *se* [b] proteger dos outros inimigos..., este peixe diz-**nos** [c] que devemos **nos** [d] lembrar que o céu e as coisas boas estão para cima”

Neste caso, o segundo uso de *nos* (d), uma vez que está colocado junto a uma conjunção subordinativa, “que”, sendo uma conjunção que origina uma próclise, o pronome teria de estar colocado antes da forma verbal *devemos* - .”....*que nos devemos lembrar....*”

05_INF2M1_”o texto também conta-**nos** [a] uma história interessante”

Neste excerto frásico, verifica-se que o pronome *nos* não segue a regra padrão, pois estando junto ao advérbio *também*, com função, igualmente, de proclisador, deveria estar antes do verbo principal *contar* – “o texto também **nos** conta uma história....”

b) Pronomes “o/os”/“a/as”/“lo(s)”/“la(s)”

Estes pronomes (o/os, a/as), que evidenciam o complemento direto numa oração, segundo Rocha Lima (157), são utilizados quando pretendemos substituir um nome que, sem vir precedido de preposição, completam o verbo. Defende ainda que não se pode empregar, na mesma frase, os pronomes clíticos *se* e *o*, e as suas variantes, como por exemplo: “Não *se o* pôde ouvir”. Seguindo para a interpretação de Mateus *et al.* (2003, 837 e 838) sobre estes pronomes, defendem que são pronomes invariáveis que denotam situações e estados de coisas. São clíticos que ocorrem com verbos que selecionam o C.D., como já referido e demonstrado neste exemplo “Que era culpado, ele não *o* declarou abertamente” – não declarou *o quê?*. Além da função de C.D., surge em estruturas copulativas, como fazendo parte de um predicado nominal, com núcleo de orações pequenas, selecionadas pelo verbo “*Umas pestes*, estas crianças, sempre *o* foram”. É um pronome nominal, mas que pode selecionar predicados de outras categorias, como este exemplo “A Ana está *em casa* e a Maria também *o* está”. Esta utilização, segundo Mateus *et al.* (2003, 837 e 838), é de todo estranha para alguns falantes da língua portuguesa, como algo de pouco natural ou normal, sendo, preferencialmente, substituído por uma elipse “A Ana está *em casa* e a Maria também está (-)”. Em posição demonstrativa, este pronome não ocorre em construções de redobro de clítico, contudo, uma vez que possui um conteúdo substantivo (argumental ou predicativo), é legítimo dar-se a saída

simultânea do clítico, como neste exemplo: “Ela não *o* declarou *a si* abertamente”/ “Acho que ela não *o* declarou (-) nem negou (-) abertamente”.

Reportando-se ao uso normal destes pronomes clíticos, sabe-se que a língua portuguesa admite a sua alteração lexical, ou seja, novas formas ou variações, consoante algumas situações específicas. Assim, os pronomes clíticos *o(s)/a(s)* assumem a forma *lo(s)/la(s)* quando o verbo a ele ligado termina em /s/ ou /r/, dando-se simultaneamente o desaparecimento destes elementos (*vê-lo*, *assumi-la*). Pode, também, apresentar-se na forma *no(s)/na(s)* quando o verbo termina em som nasal: (*põem-no*, *dão-na*). Contudo, salienta-se que estas alterações não se registam na língua padrão quando o verbo é seguido de artigos definidos, conforme mencionado e reiterado por Mateus *et al.* (2003, 831), na *Gramática da Língua Portuguesa*.

POSIÇÃO PROCLÍTICA

07_INF2M3_”e até que engraçado ouvir que um homem falava com peixes só porque o povo não **o** [c] ouvia.”

04_SAU2F2_”tem como objetivo fazer com que o público ou as pessoas que **o** [b] leem reflitam e busquem por uma sociedade mais justa”

02_COM2F1_”e como o mesmo também desapareceu após anos **o** [a] procurando e nada dele aparecer,”

06_COM2F1_”o padre António faz um sermão aos peixes porque as pessoas não **os** [a] ouvem”

POSIÇÃO ENCLÍTICA

06_INF2M3_”isso muda completamente a vida dela, deixando-**a** [c] numa vida de tristeza...pois seu marido morto *lhe* [d] tinha prometido que ainda *se* [e] veriam neste mundo, fazendo-**a** [f] pensar que era infiel”

09_SAU2F1_”*santo antónio* fala diretamente aos peixes usando-**os** [a] como metáforas”

11_COM2M2_”deu ênfase à diversidade na vida marítima e enquadra-**a** [b] perfeitamente aos vários tipos”

06_INF1M2_”A qualidade de um produto já não é suficiente para vendê-**lo** [c] se não tiver uma boa qualidade, é uma maneira manipuladora de sedução à qual as pessoas *se* entregam”

01_SAU2F3_”pois de certa forma acaba por abrir os olhos dos alunos e pô-**los** [e] a refletir”

Proceder-se à análise de algumas frases escritas pelos informantes para interpretação mais específica.

02_COM2F1_”e como o mesmo também desapareceu após anos o [a] procurando e nada dele aparecer”

Esta ocorrência poderá ser interpretada de duas formas:

- próclise ao verbo, visto haver um proclisador (advérbio de tempo – *após*),
- ênclise ao verbo, uma vez que se encontra no tempo do gerúndio, o que leva à colocação do pronome clítico após o verbo.

Uma vez que havendo um elemento proclisador na frase, o já anteriormente referenciado advérbio de tempo *após*, o pronome clítico tem de obedecer à sua posição, ou seja, antes da forma verbal, pelo que, esta transcrição segue a regra padrão.

06_INF1M2_“A qualidade de um produto já não é suficiente para vendê-lo [c] se não tiver uma boa qualidade, é uma maneira manipuladora de sedução à qual as pessoas *se* entregam”

Seguindo a regra da composição dos pronomes, nesta transcrição, o informante procedeu de acordo com a norma da variação pronominal, pois, perante uma forma verbal que acaba em *r* (vender), foi-lhe retirado o *r* final e deu-se lugar ao *l + o = lo*.

Verificou-se que, no caso destes pronomes, os alunos cumpriram com as regras da colocação pronominal, provavelmente por serem estes um dos primeiros pronomes a estudar, revelando habituação e um maior conhecimento do que os restantes pronomes. Não se verificou a utilização destes pronomes em formas verbais terminadas com elemento nasal (*no/na*).

c) Análise do pronome “*me*”

Como descrito na gramática de Cunha & Cintra (2002, 315), o pronome átono *me* pode ser empregue, quer como objeto direto, quer como objeto indireto. Quando funciona como C.D. ou quando é parte integrante de um verbo pronominal, não admite a posposição de outra forma pronominal átona. Nestes casos, o objeto direto assume a forma tónica posposicionada. Continuando a percorrer a gramática de Cunha & Cintra (2002, 317), observa-se que estes autores referenciam o pronome *me* como sendo um pronome de interesse. Em frases como as seguintes: “Olhem-*me* para ela: é o espelho das donas de casa! (A. Ribeiro, M, 101)” e “Ânimo, Brás Cubas, não *me* sejas palerma (Machado de Assis, OC, 1,534)”, o pronome *me* não tem qualquer tipo de função. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para

mostrar que está interessada no cumprimento da ação. Este pronome de interesse, também conhecido por dativo ético ou de proveito, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas raramente aparece num texto escrito.

Segundo Cristiane Fonseca (2008), e referenciando Bechara (2005) na estruturação das regras em complexos verbais simples, uma das primeiras regras observados por esta linguista é que não se deve, no português europeu, iniciar uma frase ou período com um pronome átono. Concordando, Rocha Lima (2006) afirma que se deve usar a ênclise quando o verbo abrir período e oração, exceto em orações intercalares. Reportando-se ao PB, Cunha & Cintra (2002, 317), quando comentam a utilização dos pronomes átonos no Brasil, afirmam que “a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma **me**” é real.

Para continuação da análise pronominal clítica, transcreve-se as ocorrências com este pronome:

POSIÇÃO PROCLÍTICA

01_INF2F1_”o “Sermão aos Peixes” de António Vieira é uma obra literária que **me** [a] fascina”

05_SAU2F1_”das duas obras que estudamos, a que mais **me** [a] chamou a atenção foi a segunda onde *nos* [b] apresenta várias personagens e a tragédia que estas passam”

08_SAU2F1_”Os motivos pelos quais **me** [a] levaram a gostar mais desta obra foram por ser uma obra dramática”

10_SAU2M2_”Para terminar esta foi a única que **me** [b] despertou interesse já que as outras não admirei”

11_SAU2F3_”António fez bem em *infatizar* estas situações, o que **me** [c] fez também ter interesse nesta obra”

04_COM2M1_”pois é uma obra que **me** [a] identifico muito e porque compara os peixes com o homem”

POSIÇÃO ENCLÍTICA

05_COM2M1_”foi o que mais gostei de estudar pois foi uma obra que lembra-**me** [a] da sociedade de hoje em dia”

03_SAU2F3_”Refiro-**me** [c] ao facto que D. Madalena não *quis* esperar para ter 100% de certeza de que o seu esposo estava realmente morto”

04_SAU2F1_ "Baseando-**me** [a] na leitura que fiz neste módulo, a obra que mais gostei de estudar foi "O Sermão de Santo António""

11_SAU2F1_ "Baseando-**me** [a] na leitura que fiz neste módulo a obra que mais gostei foi a "Sermão de Santo António""

01_COM2M1_ "Eu não gosto de obras como o "Sermão de Santo António" porque parece **me** [a] aborrecido"

Estudando algumas das ocorrências anteriormente referidas, verifica-se que algumas delas seguem as regras gramáticas da língua portuguesa. Assim:

10_SAU2M2_ "Para terminar esta foi a única que **me** [b] despertou interesse já que as outras não admirei"

Com este exemplo, verifica-se a norma padrão para este tipo de colocação, de acordo com a gramática, pois, está-se perante o uso de uma conjunção subordinativa "que", levando à colocação proclítica do respetivo pronome pessoal (*me*), o que não acontece com alguns dos exemplos transcritos acima e nomeadamente as duas ocorrências mencionadas a seguir, nas quais os informantes utilizam o pronome após a forma verbal.

05_COM2M1_ "foi o que mais gostei de estudar pois foi uma obra que lembra-**me** [a] da sociedade de hoje em dia"

01_COM2M1_ "Eu não gosto de obras como o "Sermão de Santo António" porque parece **me** [a] aborrecido"

Nestas ocorrências, tanto numa situação, como noutra, dá-se a existência de proclisadores. Na primeira, o proclisador "que" e na segunda o proclisador "porque", o que obriga à precedência do pronome relativamente à forma verbal que corresponde.

Como se afere, este pronome não foi o mais usado nos textos dos alunos, no entanto, ainda teve uma percentagem total de 8%, provavelmente pelo tipo de texto usado (texto de opinião).

3.4.A variação do uso dos clíticos na escrita livre

Na escrita livre, a variação do uso dos clíticos pode acontecer por diversos motivos, como o estilo de quem está a escrever, o ritmo da narrativa ou até mesmo a intenção de dar um tom mais coloquial ou informal ao texto. Algumas vezes, os autores optam por usar os clíticos de forma mais frequente para criar uma sensação de proximidade ou naturalidade na fala,

enquanto, em outros momentos, eles podem ser evitados ou colocados de forma mais destacada para dar ênfase. Essa variação ajuda a dar ritmo, expressividade e autenticidade à escrita, tornando a leitura mais interessante e cativante.

Durante este trabalho de pesquisa, numa súmula da análise empreendida neste capítulo, verificou-se que os informantes usaram um tom mais informal nos seus textos, provavelmente pelo tipo de ensino que estão a frequentar ou pela temática abordada. Nesta análise, averigua-se dados, tanto quantitativos, como qualitativos, resultando em percentagens explicativas dos valores apurados. A preocupação, em primeiro lugar, foi perceber o como e o porquê do seu uso. Começou-se por analisar a colocação do pronome *se*, cuja utilização foi em maior número (56%), relativamente aos restantes pronomes clíticos. É um pronome multifuncional, ou seja, tem funções diversas: complemento direto, indireto, sujeito indeterminado, apassivante e expletivo. Relativamente às classificações de reflexivo e de recíproco, são de utilização anafórica, ou seja, apresenta-se sempre perante um antecedente. Procliticamente, o *se* aparece mais vezes como apassivante, seguido de intrínseco e reflexivo. O seu maior uso deu-se nas frases com a conjunção *que*. Os verbos em evidência, nesta posição, foram “encaixar-se” e “responsabilizar-se”. Na posição enclítica, aparece em número superior como intrínseco, seguido de apassivante, em frases afirmativas, e de início de oração, dados que são quantificados no grupo 4 deste trabalho.

A fim de fundamentar e explicitar os usos dos alunos, analisaram-se alguns exemplos padronizados e não padronizados. Apurou-se que a conjunção *que* foi a que teve mais incidência nas colocações proclíticas, demonstrando que estes alunos seguiram as regras, neste tipo de colocação. Nos usos com *se* em início de frase, houve um elevado uso na ênclise, demonstrando poucas dificuldades da aplicação das normas pelos estudantes. Nas afirmativas, foi notória a colocação enclítica, contudo, reportando dificuldades nalguns dos alunos que participaram no *corpus* analisado. Quanto às orações coordenadas, com a conjunção *e*, normalmente após uma vírgula, deu-se a próclise, concluindo que os informantes não seguiram o padrão deste tipo de colocação. Nas frases coordenadas, houve um maior uso na posição enclítica.

Verificou-se outro uso do pronome clítico *se*, com função sintática de C.D., na posição de apassivante, na qual há concordância de sujeito e verbo, mas que não pode ser reflexivo.

Relativamente aos pronomes *lhe/lhes* e formas contraídas com o clítico *o/a (s)*, houve um número elevado de uso na posição proclítica, com 67%, em frases com a conjunção *que* e negativas, cumprindo-se a norma. Estes pronomes clíticos aparecem nas orações com posição de dativo, ou seja, função sintática de C.I., e são usados na 3.^a pessoa do singular e/ou do plural.

Os pronomes, na posição enclítica, tiveram relevância nas frases afirmativas, seguindo o padrão da regra. Quanto ao chamado “lheísmo”, estudado por Bazenga e Rodrigues, apurou-se 21% de colocação do pronome em função sintática de C.D. em vez de C.I., não seguindo a regra. Com menos dificuldades apresentadas pelos alunos, o uso enclítico deu-se em inícios de oração, em frases declarativas e orações coordenadas, demonstrando que alguns alunos seguiram a norma, pelo que detêm algum conhecimento e estudo desta colocação.

Resume-se que os pronomes *lhe/lhes* seguem a norma em orações subordinadas com conjunção *que*, afirmativas e início de frases. Nas frases negativas, só houve aplicação da regra padrão, ou seja, uso do proclítico.

Após a análise do *corpus* constituído por excertos de textos de escrita livre de alunos, verificou-se que, como resultado, estes usaram a próclise, em vez da ênclise, nas orações coordenadas com a conjunção coordenativa *e*. Com algumas conjunções, advérbios e preposições (*que, onde, para, ainda*), os alunos seguiram as regras. Na posição enclítica, houve uma grande ocorrência nas frases afirmativas, seguidas de início de oração e coordenadas. Verifica-se pelos resultados que a maioria dos alunos se baseia na norma padrão para a escrita dos seus textos.

Quanto ao pronome *nos*, sem alguma especificidade, pode afirmar-se que é usado tanto como C.D., como C.I.. É na posição proclítica que se dá uma maior incidência, primeiramente, nas subordinadas com a conjunção *que* e, em segundo lugar, em início de frase, pelo que nesta situação não é aplicado o uso deste tipo de colocação.

Relativamente aos pronomes *o,a,os,as*, Rocha Lima (2016) afirma que estes pronomes são usados em substituição de um nome, cuja função é completar o verbo. Não se empregam na mesma frase os pronomes *se + o*. Já segundo Mateus *et al.* (2003), são de uso invariável. Estes pronomes (*o,a,os,as*) foram usados pelos alunos em número relevante na posição enclítica, com 60%. Analisando separadamente as posições proclíticas e enclíticas, chega-se ao resultado de que, na primeira posição, é usada em destacado número nas frases com polaridade negativa, enquanto a posição enclítica se deu em início de oração.

Por fim, foi analisado o pronome *me* que se apresenta quer como complemento direto, quer como complemento indireto, segundo Cunha & Cintra (2002). Estes gramáticos também defendem que este pronome é usado como pronome de interesse, isto é, a pessoa que fala usa-o para mostrar que está interessada na ação. Nesta situação, o pronome *me* não desempenha função sintática alguma, é apenas “um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida”. De acordo com

estes linguistas, este pronome, também designado de “Dativo ético” é de uso frequente na linguagem coloquial. No *corpus* analisado, aparece em grande percentagem na posição proclítica, com a conjunção *que*, e depois como pronome relativo. Na posição enclítica aparece em maior número em inícios de frase, o que demonstra que os alunos que estão na origem da constituição deste *corpus* cumprem com a regra estabelecida para este tipo de colocação.

Pode verificar-se que, de todos os pronomes e usos referenciados, os pronomes *se* e *lhe/lhes* foram os que trouxeram mais problemas e dúvidas de colocação, quer pela sua ambiguidade de uso, quer pela habituação destes alunos a certos usos orais e diários destes pronomes clíticos. Estas são as hipóteses que se colocam com base na experiência profissional que se tem.

4. DESCRIÇÃO GERAL DOS RESULTADOS

Este trabalho que incide sobre a colocação dos pronomes clíticos em textos escritos por alunos do ensino profissional, estuda os pronomes *se*, *lhe(s)*, *nos*, *o (s)*, *a (s)* e *me* e a forma como devem ser colocados na frase de acordo com regras específicas do português, neste caso do PE. O desenvolvimento de estudos nesta área costuma explorar as diferentes posições possíveis desses pronomes, como a próclise (antes do verbo), a mesóclise (no meio do verbo) e a ênclise (após a forma verbal), de forma a empregar a colocação adequada, com o objetivo de manter a clareza e a correção do texto. Os trabalhos que compõem o *corpus* analisado, também estudam variações de acordo com o estilo, o nível de formalidade, o contexto da comunicação e o tipo de texto, procurando entender as melhores práticas para o uso desses pronomes clíticos na escrita (neste caso em particular). Assim, a colocação dos pronomes clíticos em textos escritos por alunos foi alvo de análise, seguindo algumas regras que ajudaram a tornar a leitura e a escrita mais clara e compreensível, quer do ponto de vista gramatical, quer textual.

4.1. Comparação dos dados obtidos

Após análise do *corpus*, procedeu-se à quantificação de todas as ocorrências e usos dos pronomes, obtendo-se o resultado total final, como exposto nos gráficos nrs. 3 e 4, próclítica e encliticamente, de forma individual, iniciando-se com a contagem do pronome *se*.



Gráfico 3 – Pronome *se* – quantidade de ocorrências na posição próclítica

Contabiliza-se o pronome *se* com 26 ocorrências como pronome apassivante, seguido de intrínseco, com 10 usos, e com apenas 3 dá-se os pronomes indeterminado e o expletivo, sendo as restantes para os usos reflexivo e recíproco, perfazendo uma soma de 54 ocorrências

nesta colocação. Como apassivante, a turma que utiliza este pronome mais vezes é a turma de Técnico de Saúde, de 1.º ano, com 8 usos.

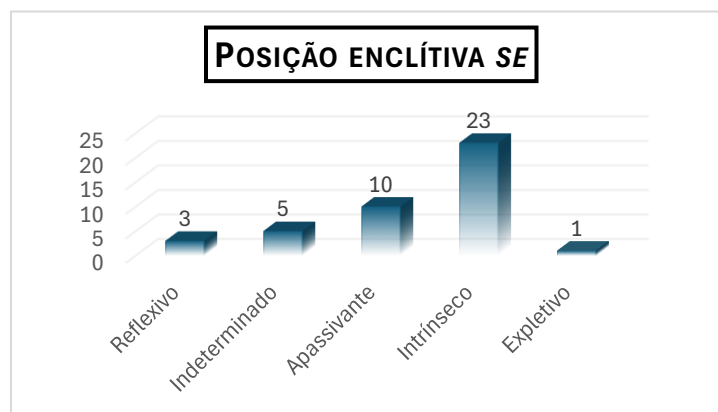


Gráfico 4 – Pronome *se* – quantidade de ocorrências na posição enclítica

Na posição enclítica, conforme demonstra o gráfico 4, verifica-se um total de 42 ocorrências do pronome *se*. O seu uso aparece com maior incidência como intrínseco, com 23 ocorrências, seguido de apassivante, com 10 ocorrências, e de indeterminado, com 5. De acordo com o gráfico seguinte, o gráfico nr. 5, analisando as duas colocações usadas pelos informantes, a colocação proclítica está em maior evidência como pronome *se*, com 56%, relativamente aos 44% da posição enclítica, o que demonstra uma preferência e predisposição para a colocação do pronome antes da forma verbal, embora a nível numérico, haja somente a diferença de 12 usos. Neste *corpus*, verifica-se que a não existência do uso da posição mesoclítica, propõe como hipótese interpretativa que, provavelmente, os jovens desta faixa etária não estão habituados a utilizar os tempos verbais do futuro e do condicional, nos seus textos escritos.

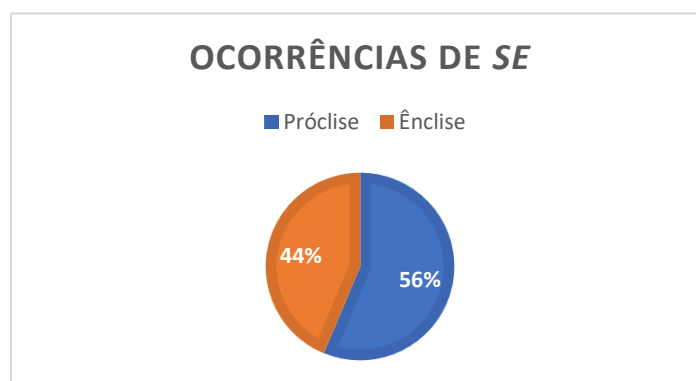


Gráfico 5 – Número de ocorrências com *se*

Segundo o gráfico nr. 6, exposto abaixo, a posição proclítica ocorre em maior percentagem nas orações com a conjunção subordinativa “que”, 43%, indicando que os alunos têm algum conhecimento das regras de uso do pronome em frases deste tipo; seguidamente em orações negativas, com o advérbio “não” (12%), depois em orações coordenadas com a conjunção copulativa “e” e em orações com as preposições “para” e “onde” (11%). Em menor quantidade, verifica-se o uso em orações afirmativas, seguidas de orações com o pronome indefinido.

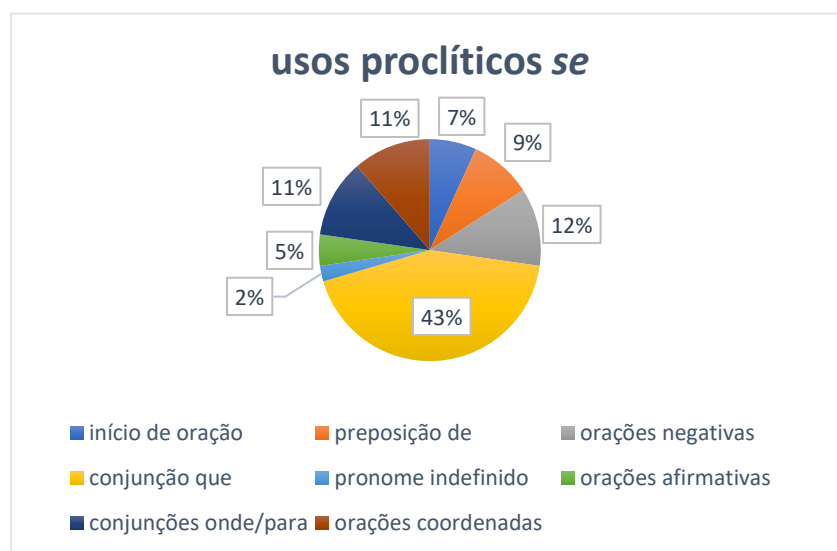


Gráfico 6 – Usos das ocorrências *se* em posição proclítica

Observa-se, com esta análise, que estes informantes seguiram a regra da colocação proclítica não só em orações negativas, como também em orações onde surjam as conjunções “que”, “onde”, “para”, “assim como” e em orações com o advérbio “ainda”. Como já exposto no grupo 2 desta Dissertação, estas são conjunções e advérbio que pedem a colocação do clítico antes da forma verbal.

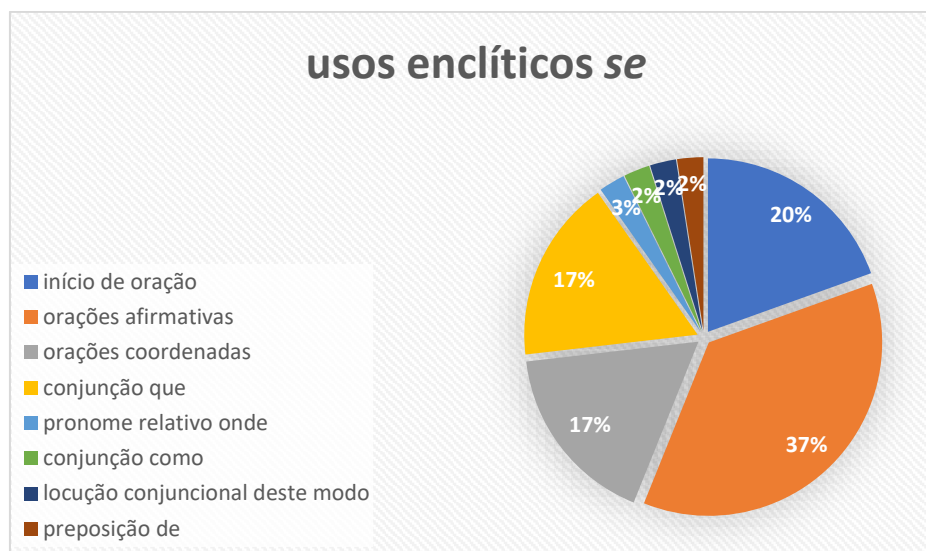


Gráfico 7 – Colocação pronominal enclítica do pronome *se*

Na análise da colocação enclítica, verificou-se um número relativo de ocorrências em frases afirmativas (37%), seguidas de inícios de oração (20%) e, em percentagem menor, em orações coordenadas e subordinadas com a conjunção “que” (17%). Toda esta ambiguidade e dualidade da colocação dos pronomes clíticos poderá estar relacionada com o facto de o PE, como demonstrado por Costa & Lobo (2005 e 2006), ter características distintas de outras línguas já analisadas por eles; permitir, a par da construção do clítico, a construção do objeto nulo; manifestar um padrão diferente de colocação de clíticos, mais concretamente, a alternância entre ênclise e próclise em orações finitas, assim como a hipótese de estar relacionado com fatores maturacionais, de complexidade do sistema linguístico, o que pode levar a uma dificuldade de produção, neste caso, de escrita, condicionada pelo contexto discursivo.

Quanto à análise individual de cada uso em cada situação específica, pode observar-se que, a colocação do pronome clítico *se* em frases e/ou orações subordinadas com a conjunção “que”, houve, segundo os dados recolhidos nos trabalhos relativos ao *corpus* apresentado neste estudo, uma grande relevância em posição proclítica, o que leva ao uso padrão deste tipo de oração e conhecimentos das regras de aplicação por partes dos estudantes desta pesquisa (gráfico nr.7).

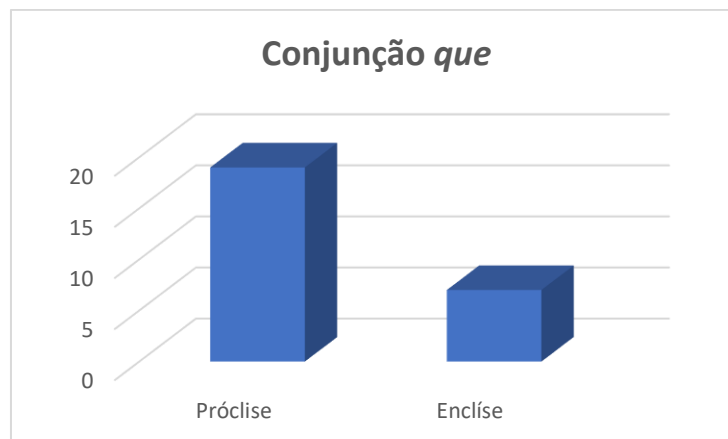


Gráfico 8 – Colocação do pronome *se* em frases com conjunção “que”

Relativamente à colocação do pronome clítico em início de oração, usualmente, após uma vírgula, verificou-se que os alunos responderam em maior percentagem com a colocação enclítica, conforme demonstrado no gráfico abaixo, confirmando que neste caso a dificuldade de percepção e a aplicação das regras gramaticais estudadas é menor, pelo que os alunos detêm algum conhecimento.



Gráfico 9 – Colocação do pronome *se* em início de oração

Por fim, e analisando a colocação pronominal em estruturas declarativas, coordenadas simples, ou seja, frases afirmativas, com uma única forma verbal, conclui-se que os informantes usaram, em percentagem superior, com uma grande diferença numérica, a posição enclítica, pelo que indica que têm mais facilidade na colocação do pronome *se* nestas frases simples, seguindo a regra para este tipo de estrutura frásica. Veja-se os dados quantitativos nos gráficos 10 e 11.

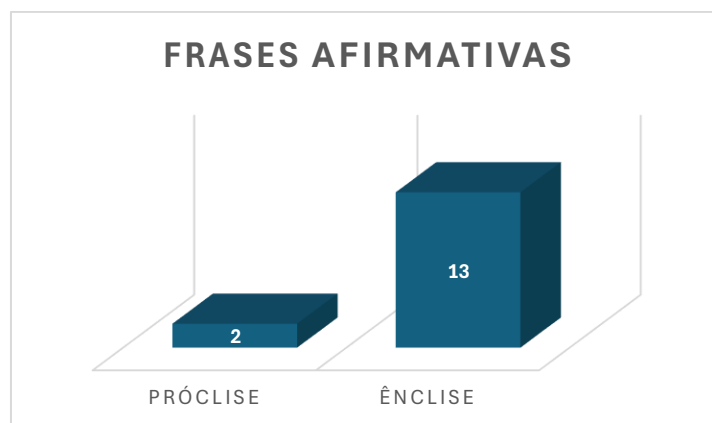


Gráfico 10– Colocação do pronome *se* em orações afirmativas

Dentro destes tipos de frase e pelos resultados expostos nos gráficos *supra*, observa-se que os alunos seguem a norma, em maior percentagem, em orações subordinadas com a conjunção *que*, em frases afirmativas e em posição de início de oração. Verifica-se que nas estruturas frásicas negativas ou com um elemento de negação só se deu a colocação proclítica (uso padrão). Ainda nesta análise, apura-se que, e especificamente, as orações coordenadas tiveram uso acentuado na posição enclítica, embora a diferença desta posição para a posição proclítica seja muito reduzida, o que equivale a alguma confusão por parte dos alunos deste estudo, provavelmente pelo desconhecimento das regras nestes tipos de orações.

Na análise das frases com orações coordenadas, obtiveram-se os seguintes dados:

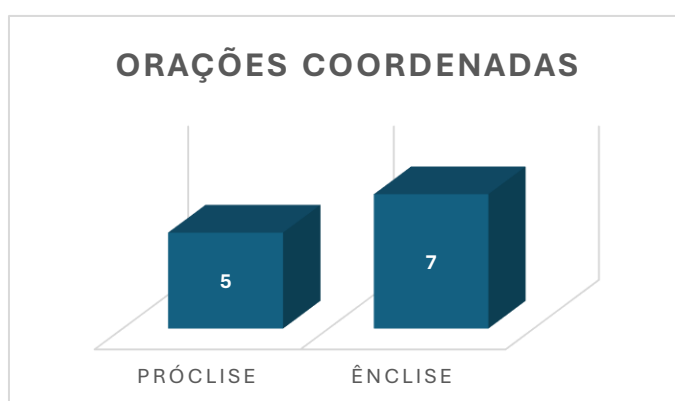


Gráfico 11 – Uso do pronome *se* em orações coordenadas

A fim de elucidar este gráfico nr. 11, transcreve-se alguns exemplos das ocorrências registadas neste trabalho, relativamente à análise de orações coordenadas, cujo maior número de usos deu-se na posição após a forma verbal:

02_SAU2F1_“falar com os peixes, porque são bons ouvintes e calam-se [a] em situações perigosas”

08_INF1M2_“as empresas são egoístas e importam-se [b] com vender e não um bom produto”

Após estes resultados com o pronome *se*, avalia-se, nos gráficos seguintes, a colocação dos pronomes *lhe/lhes*. De acordo com o estudo que se faz à colocação destes pronomes, e apesar de se registar que as orações subordinadas com a conjunção “que” tenham seguido as regras da gramática, apura-se, contudo, que 17% foi utilizado como forma não regular do uso das regras. Como resultado da leitura dos exemplos facultados, pode-se comprovar que os pronomes *lhe/lhes* são usados em percentagem notória na posição proclítica, com 67% em relação aos 33% da posição enclítica.



Gráfico 12 – Colocação dos pronomes *lhe(s)*

Observou-se no *corpus* deste estudo que os pronomes *lhe/lhes* têm como usos proclíticos os apresentados no gráfico seguinte e cuja análise faz-se de seguida:

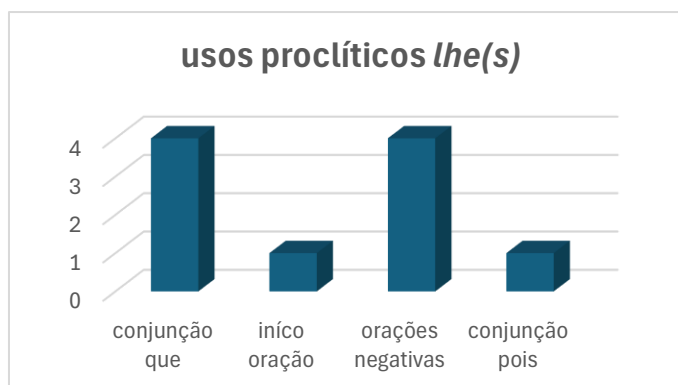


Gráfico 13 – Colocação proclítica dos pronomes *lhe(s)*

O seu uso, na posição proclítica, deu-se em maior número nas frases com a conjunção *que* e nas orações negativas ou com um elemento de negação, revelando padrão de colocação nestes tipos de frases, conforme demonstra o gráfico nr.13. Quanto à posição enclítica, o uso dos pronomes *lhe/lhes* deu-se mais vezes nas frases afirmativas, embora com pouca margem de diferenciação, cuja colocação segue a norma da gramática do português.

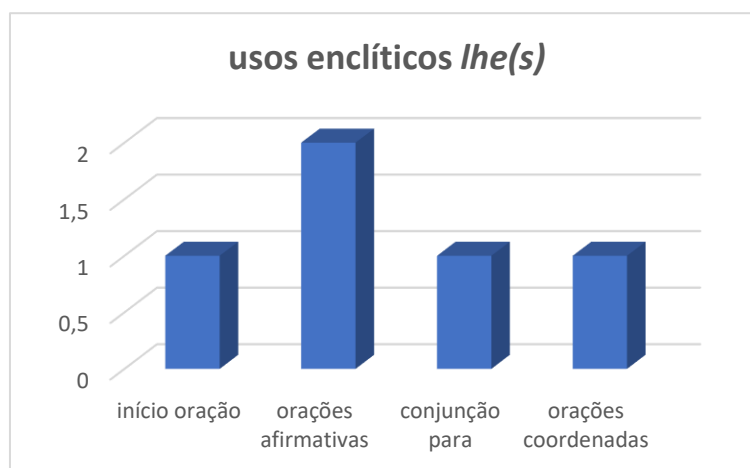


Gráfico 14 – Usos enclíticos dos pronomes *lhe(s)*

Relativamente ao pronome a seguir estudado, o pronome pessoal *nos*, forma do plural, quer em posição proclítica, quer em posição enclítica, apura-se o seguinte gráfico:

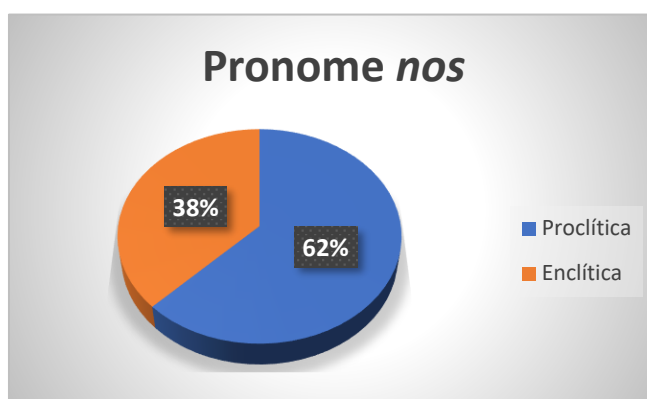


Gráfico 15 – Posição do pronome *nos*

Averigua-se, através dos dados expostos no gráfico 15, que os informantes usaram este pronome em grande número na posição proclítica, com 62%. Considera-se, neste gráfico, legível para resultados, a colocação proclítica em relação ao verbo principal em locuções verbais, ou seja, formas com um verbo auxiliar e um verbo principal, (*irá nos levar*) e não a

proclitização ao verbo auxiliar (*nos irá levar*), norma não padronizada na gramática do português, no entanto considerada e defendida por alguns gramáticos.

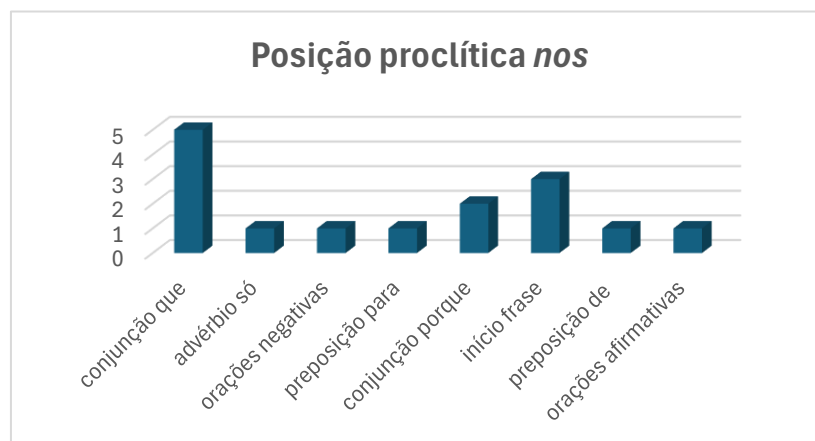


Gráfico 16 – Usos proclíticos do pronome *nos*

Continuando com a pesquisa do pronome *nos*, no gráfico nr. 16, verifica-se que este pronome átono, com posição proclítica, foi usado pelos informantes com maior relevância nas orações subordinadas com a conjunção *que*, de seguida em início de frase, não cumprindo o padrão que rege a gramática, e, em terceira utilização, em orações com a conjunção *porque*. Nas orações com o uso das conjunções *porque* e *que*, os alunos seguiram a regra abordada na gramática de português.

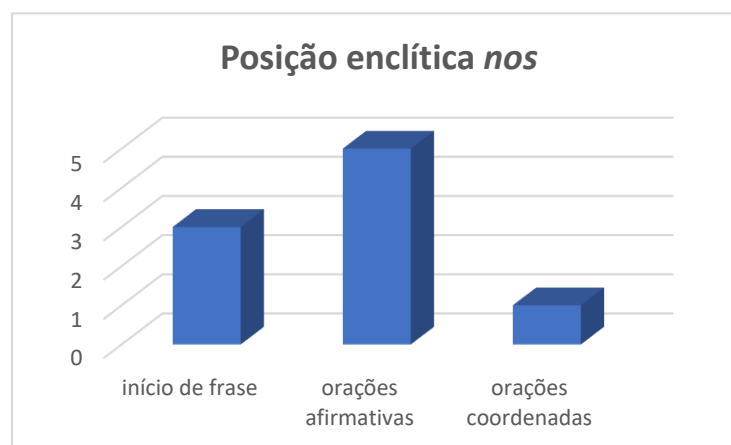


Gráfico 17 – Usos enclíticos do pronome *nos*

Neste gráfico 17, fica claro que o pronome átono *nos* seguiu, na maior parte das vezes, o padrão estipulado pelas regras de colocação, sendo que a sua utilização se destacou em orações afirmativas, seguido de inícios de frase, revelando, por parte dos informantes desta

pesquisa, conhecimento básico das regras de uso da posição enclítica do pronome, ou seja, após a forma verbal, nestes tipos de oração. Exemplificando:

01_INF1F1_ “Hoje em dia, o produto é que fala por si, ou seja, dá-**nos** [a] a ilusão de que o produto é essencial para as nossas vidas”

06_INF1M1_”A publicidade transmite-**nos** [a] um sentimento de necessidade....embora muitas vezes seja inútil mas parece que *nos* [b] eleva o prestígio social”.

Apresenta-se, de seguida, alguns gráficos demonstrativos e exemplificativos dos resultados aferidos na contagem dos pronomes incluídos no *corpus* usado nesta Dissertação.

Quantificando os pronomes *o,a,os,as*, obteve-se o gráfico seguinte:

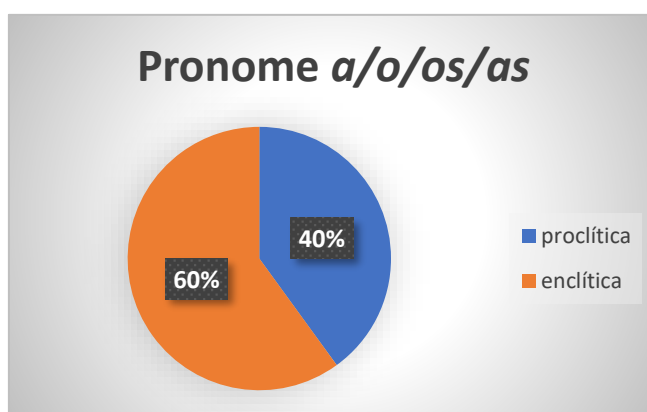


Gráfico 18 – Colocação dos pronomes *a/o/as/os*

Pela leitura deste gráfico (nr. 18), verifica-se que estes pronomes contabilizaram 10 ocorrências, sendo a posição enclítica, com 60%, a mais usada. Com percentagem inferior, a colocação pronominal proclítica indicou que a sua utilização se deu mais nas frases com elemento negativo, seguindo-se as orações com conjunção *que* (uso padrão) e, em igual posição, as orações com o advérbio *após*. Esta observação foi resultado da análise dos elementos expostos no gráfico 19, apresentado abaixo.

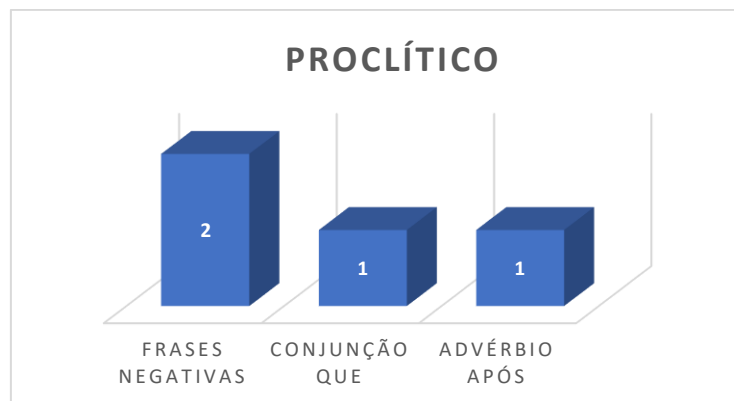


Gráfico 19 – Posição proclítica dos pronomes *a/o/as/os*

Relativamente à posição pronominal enclítica, verifica-se que o seu uso padrão se deu em maior quantidade no início de frase, logo de seguida em orações coordenadas copulativas (conjunção *e*). Em menor percentagem, a sua colocação deu-se em orações com a preposição *para* que implica um padrão proclítico e não enclítico como referenciado por estes estudantes.

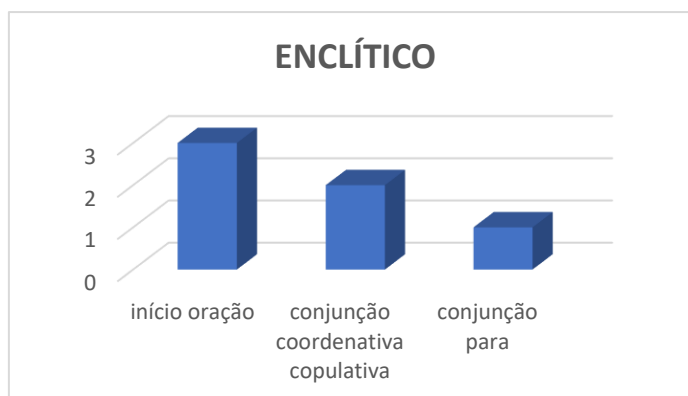


Gráfico 20 – Posição enclítica dos pronomes *a/o/as/os*

Os gráficos seguintes, os nrs. 21 e 22, explicam os resultados do estudo do pronome *me*, obtendo-se as percentagens expostas:

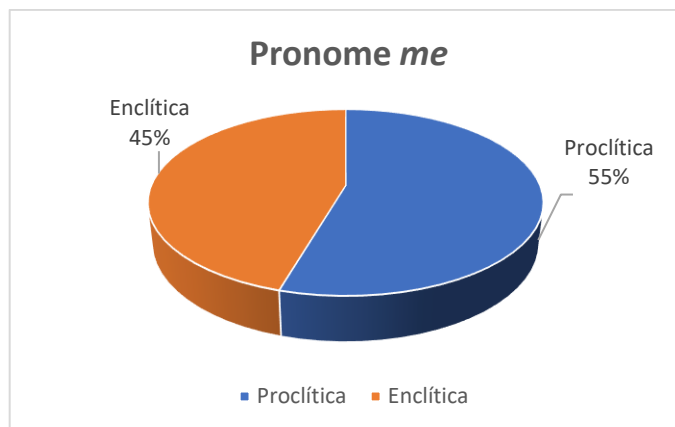


Gráfico 21 – Colocação do pronome *me*

Pode aferir-se que o pronome *me*, que retrata a primeira pessoa do singular, demonstrando subjetividade na comunicação, quer oral, quer escrita, é utilizado pelos informantes nos seus excertos frásicos em número mais elevado na posição proclítica, com 55%, isto analisando o gráfico nr. 21, e com 45% surgem os usos na posição pós verbal. Pesquisando mais especificamente, apura-se os seguintes resultados:

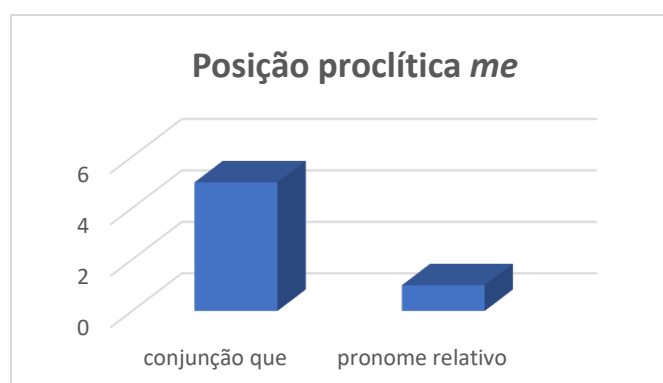


Gráfico 22 – Posição proclítica *me*

Deste modo, referenciando, separadamente, cada colocação pronominal, relativamente à posição do pronome antes da forma verbal, verificou-se, nas ocorrências dos informantes, que o maior uso foi em frases com a conjunção subordinativa *que*, com número relevante relativamente ao uso do pronome relativo, pelo que se comprova que foi seguido o padrão da gramática portuguesa. Quanto à posição enclítica, demonstrada no gráfico nr. 23, averigua-se que houve grande destaque na colocação em inícios de oração, com 60% de uso total, cumprindo, também, a regra estipulada para esta posição clítica, seguida das orações com as conjunções *que* e *porque*, não cumprindo a regra padrão.

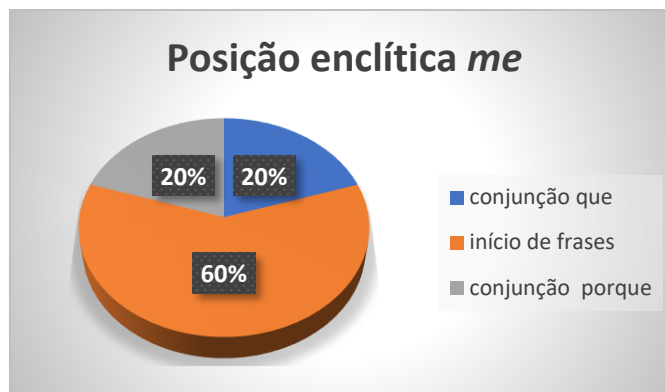


Gráfico 23 – Usos enclíticos do pronome *me*

Após toda esta pesquisa e resultados, pode-se aferir que os alunos deste estudo predominam com a colocação proclítica, com 57%, em detrimento da colocação enclítica, com 43%, havendo uma diferença notória de 14% entre estas duas colocações de pronome, conforme se constata no gráfico nr. 24:

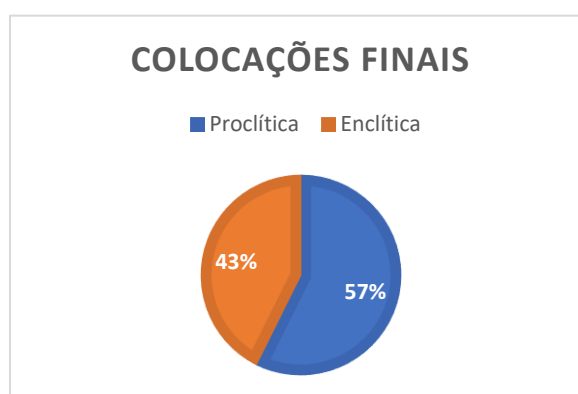


Gráfico 24 – Total da colocação dos pronomes

Pelo que se estuda nos gráficos expostos ao longo deste 4º grupo, os alunos intervenientes nesta pesquisa têm mais facilidade em usar as regras gramaticais que compõem as orações com a conjunção subordinativa *que*, orações negativas e em posição de início de frase.

Pode-se deduzir e supor que estes alunos têm alguma facilidade com o uso da gramática nesta área de estudo e um conhecimento básico das diversas regras que fazem parte da colocação dos pronomes clíticos, em certos tipos de frases.

4.2. Propostas de intervenção

Uma abordagem, provavelmente, eficaz, no contexto do ensino profissional, para uma melhor aprendizagem das regras gramaticais, relativas à correta colocação dos pronomes clíticos, poderão incluir-se atividades que reforcem essas mesmas regras, como exercícios de reescrita, em que os alunos praticam a colocação correta dos pronomes em diferentes contextos, promover debates e discussões, em contexto de sala de aula, sobre a colocação adequada e a sua importância, para a clareza e a correção do texto. Poderão ser também usados exemplos de textos para ilustrar as regras e estimular a análise comparativa. Outra estratégia interessante é acompanhar o aluno em aula de forma mais personalizada e individual, destacando os acertos, apontando melhorias de forma construtiva e esclarecendo dúvidas que existam. Desta forma, os alunos sentir-se-ão mais confiantes e conscientes das regras, melhorando a sua escrita pelo estudo de forma gradual e consistente.

A resolução de exercícios de reescrita, em sala de aula, nos quais os alunos pratiquem e relembrem a colocação correta dos pronomes em diferentes estruturas frásicas, como, por exemplo, orações coordenadas, subordinadas, afirmativas, negativas e interrogativas é uma estratégia eficaz para consolidar e praticar a norma padrão da língua. Esta prática pode ser enriquecida com debates e discussões entre os alunos e com a intervenção do professor, que incentivam a análise crítica da língua em uso, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Dentro destas práticas, exemplifica-se exercícios de reescrita e memorização das regras pronominais, cujo objetivo principal é trabalhar a colocação pronominal (ênclise, próclise e mesóclise) por meio de exercícios práticos e discussão em grupo. Como resultado, espera-se um maior domínio e aplicação correta dos pronomes clíticos, quer na escrita, quer na oralidade.

Uma outra abordagem eficaz para o ensino da gramática, dentro desta temática, é a utilização de textos variados (literários, jornalísticos, publicitários e outros) como ponto de partida para trabalhar, de forma comparativa, as estruturas linguísticas e pronominais. Em vez de ensinar regras isoladamente, apresenta-se e trabalha-se situações práticas de uso da língua para que os alunos identifiquem e analisem as diferentes regras. A análise destes textos servirá para estimular a reflexão sobre a norma versus variações linguísticas, perceber os diferentes pronomes e saber aplicá-los nas diferentes frases e orações.

Estas formas de intervenção e de estudo servirão não só para que o aluno consiga, de forma simples e junto com os colegas e o professor, consolidar a matéria estudada, servindo-se

de uma autoavaliação final que o fará ter consciência dos conhecimentos linguísticos adquiridos até ao momento.

CONCLUSÃO

A presente Dissertação teve como propósito analisar os padrões de colocação dos pronomes clíticos na produção escrita de alunos do ensino profissional. Como observado ao longo desta pesquisa, viu-se que a colocação dos pronomes clíticos é condicionada por fatores linguísticos e sintáticos específicos. Nos dados quantitativos demonstrados neste estudo, aferiu-se que a próclise é o padrão mais marcado pelos alunos deste estudo, com 56% de utilização, em relação à posição enclítica, com 44% de usos. Estes dados estão baseados nos tipos de frases que foram usadas pelos informantes, resultando das temáticas abordadas em dois anos letivos.

Ao longo deste trabalho, foram tidos em consideração 126 excertos frásicos e 134 transcrições de pronomes de 7 cursos do 1.º e do 2.º ano do ensino profissional. Destas transcrições, estudou-se o pronome *se*, que aparece, procliticamente, 41 vezes e, encliticamente, 38. Aferiu-se que, nesta última posição, está em maior número como apassivante, 22 vezes, seguido de intrínseco, 10 vezes. Como apassivante, foi na turma do curso de Técnico de Saúde de 1.º ano que se usou mais este pronome. Em posição enclítica, deu-se a predominância do pronome na turma de Técnico de Saúde, 1.º ano, como intrínseco, ou seja, o pronome é usado para dar ênfase à ação, pelo que pode ser retirado da frase sem prejudicar o sentido e contexto. Seguidamente estudou-se os pronomes *lhe/lhes* que aparecem procliticamente em número mais elevado, com 9 ocorrências, e encliticamente com 5 ocorrências. Na posição proclítica, teve mais usos na turma de Informática de 2.º ano e, encliticamente, com o mesmo número de ocorrências, nas turmas de Técnico de Saúde de 1.º ano e Design de Comunicação de 2.º ano. O pronome *nos* teve evidência como proclítico, com 12 ocorrências, enquanto na posição enclítica teve 5 ocorrências. Procliticamente, teve mais usos na turma de Gestão de 1.º ano, e encliticamente na turma de Informática de 2.º ano. Quanto aos restantes pronomes: *o, a, os, as, lo, la*, os usos estiveram equilibrados entre as turmas, provavelmente, por serem pronomes que não contabilizaram tantas ocorrências como *se, lhe/lhes* e *nos*. Na posição proclítica, houve 4 usos e na enclítica 5, sendo que, procliticamente, foi a turma de Design de Comunicação de 2.º ano que teve mais ocorrências e, encliticamente, foi a turma de Técnico de Saúde de 2.º ano que usou mais este pronome. Da última análise feita neste estudo, a do pronome *me*, verificaram-se 6 usos na posição proclítica e 5 na enclítica. Foi procliticamente, com a turma de Técnico de Saúde de 2.º ano, que houve mais usos deste pronome.

Apurando quantitativamente os resultados, o pronome proclítico conta-se em maior número no uso de *se*, com 41 ocorrências, seguido de *nos* com 12 ocorrências. A posição

enclítica evidencia-se com o pronome *se*, com 38 usos, seguido do pronome *nos*, com 9 usos, e com 5 usos os restantes pronomes.

Ao longo desta pesquisa, estudou-se o assunto e apuraram-se resultados referentes à colocação pronominal clítica dos pronomes utilizados por informantes em textos escritos, nomeadamente, quanto aos pronomes *se*, (nas suas diversas classificações: reflexivo, recíproco, apassivante, impessoal, intrínseco e expletivo) *lhe/lhes*, *me*, *nos*, *o/os*, *a/as*, nos seus variados usos. De acordo com estes resultados, é possível evidenciar que, na produção escrita, mais concretamente em tarefas de produção escrita livre de adolescentes (dos 15 aos 19 anos), não se encontraram grandes problemas em contextos enclíticos e proclíticos, como em orações subordinadas, com a conjunção “que”, em orações negativas, em início de orações e em orações afirmativas. As dificuldades centraram-se, primordialmente, nas orações coordenadas, através das quais se comprovou haver alguma hesitação em distinguir entre a colocação proclítica ou a enclítica. As frases com elementos negativos foram classificadas, na sua maioria, dentro da norma. Através destes indicativos, verificou-se que estes estudantes não usaram a mesóclise. Houve, contudo, algumas situações, muito poucas, com complexos verbais, cujo auxiliar estava no futuro ou condicional e cuja cliticização se deu como proclítica ou enclítica, mas nunca como mesóclise. Isto poderá ter acontecido porque estes alunos ou não estão habituados a usar o futuro e o condicional ou, de facto, não têm conhecimento da regra. De uma forma autónoma, escolhem a próclise ou a ênclise, conforme explicado e exemplificado ao longo do ponto 3 (Uso dos clíticos em textos livres: análise qualitativa e quantitativa), onde se observou que os pronomes clíticos ocorrem, na maioria das vezes, numa posição adjacente à esquerda ou à direita a um hospedeiro verbal.

Este estudo revelou que os alunos do ensino profissional não apresentaram grandes dificuldades na aplicação dos pronomes clíticos. No entanto, e devido a questões menos assertivas, a análise do *corpus* provou que a dúvida sobre colocar o pronome antes (próclise) ou depois do verbo (ênclise) é uma dificuldade constante na expressão escrita. É de sublinhar que os informantes demonstraram seguir as regras da colocação pronominal, cuja correta utilização é importante para a coerência e coesão gramatical e textual, compreendendo-se melhor o que está a ser expresso. O conhecimento e a aplicação das regras que regem a posição destes clíticos servem para que o uso da língua portuguesa – neste caso a variedade europeia – não tenha frases agramaticais como: “*Lhe canta os parabéns!*”.

Ao longo de todo este trabalho, a bibliografia utilizada foi de extrema importância e um auxílio nas questões de carácter morfossintático. Por fim, refira-se que, durante este estudo, se

procurou analisar a gramática relativa ao português europeu em usos escritos no âmbito do ensino profissional. Contudo, para fundamentar, exemplificar e comparar as questões inerentes ao assunto, foram consultados autores e gramáticas do português do Brasil. Assim, o presente trabalho demonstrou que a colocação dos pronomes pessoais clíticos representa um desafio linguístico para os alunos do ensino profissional. Através da análise aleatória dos segmentos frásicos produzidos por estes estudantes, ficou evidente que a questão inicial proposta nesta dissertação — "onde colocar o pronome?" — reflete, ainda, alguma insegurança generalizada no momento da escrita.

Em suma, este estudo respondeu à problemática inicial, na medida em que se apurou que uma parte destes informantes revela dificuldades com a colocação pronominal, que continua a ser um dos tópicos mais problemáticos do ensino da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRAFIA

- Bazenga, A. & Rodrigues, L. (2019), Usos do clítico *lhe* em variedades do português. *Pelos Mares da Língua Portuguesa* 4, Universidade de Aveiro, 17-33.
- Barbosa, Jorge M. *et al.* (org.), (1999), Lêm-se livros? Lê-se livros?. In *Gramática e Ensino das Línguas*, pp. 19-26, FLUC, Coimbra: Almedina.
- Bechara, E. (1989), *Moderna Gramática Portuguesa*, cursos de 1º e 2º graus, Campanha Editorial Nacional.
- Bechara, E. (2009), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37. Ed., Editoras Nova Fronteira e Lucerna.
- Cunha, C. & Cintra, L. (2002), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 17. Ed., Brasil: Léxico Editora Digital.
- Costa, J., Fiéis, A. & Lobo, M., (2016), A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In A.M. Martins & E. Carrilho (eds), *Manual de Linguística Portuguesa*, pp. 365-386, Berlin/ Boston: De Gruyter.
- Costa, J. & Grolla, E. (2017), Pronomes clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão. In M. J. Freitas & A. L. Santos (eds), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, pp. 177-199, Berlin: Language Science Press.
- Duarte, I. (2003), Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In M. H. M. Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 847-867, Lisboa: Caminho.
- Fonseca, C. G. (2008), A ordem dos clíticos em léxias verbais simples: uma análise das gramáticas tradicionais. *Só Letras*, nr. 15, pp. 75-83, Faculdade de Formação de Professores.
- Galves, C. & Lobo, T. (2009), Ordem dos clíticos. In T. Lobo & K. Oliveira, *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, pp. 174-207, EDUFBA, Scielo Books.
- Lima, Rocha (2011), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 49. Ed., Rio de Janeiro: Editora José Olympo.
- Lopes, M. C. A. *et al.* (2020), *Da Comunicação à Expressão – Gramática Prática de Português*, 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, Lisboa: Raiz Editora.
- Lopes, Eloisa M. Barbosa e Namiuti-Temponi, Cristiane (2017), A ordem e a função do clítico SE no Português Clássico. *Entrepalavras*, Fortaleza, pp. 151-169.
- Mateus, M.H.M *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editora Caminho.

Martins, A. M. (2016), A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A. M. Martins & E. Carrilho, *Manual de Linguística Portuguesa*, pp. 401-430, Berlin/ Boston: De Gruyter.

Marçalo, M. J.. (2007), Dos chamados verbos “reflexivos e pronominais”. *Domínios de Linguagem*, Revista Eletrónica de Linguística, Ano 1, nº1 – 1º Semestre, Universidade de Évora.

Rodrigues, L. & Bazenga, A. (2017), A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: “estou estudando ela” em perspectiva sociolinguística. *Pelos Mares da Língua Portuguesa* 3, Universidade de Aveiro, pp. 981-993.

Rodrigues, L. & Bazenga, A. (2019), Variação linguística dos pronomes pessoais da terceira pessoa no português falado no Brasil e na Madeira. In L. Moutinho, R. Coimbra, E. Rei, X. Sousa & A. Bautista, *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*, pp. 236-247, Universidade de Aveiro.

Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B. do, Mota, M. A. C. da, Segura, L. & Mendes, Amália, Colaboração: Vicente, G. & Veloso, R. (2013), *Gramática do Português*, Vol. I, II, III, Fundação Calouste Gulbenkian.

Rebelo, Maria H. (2017), *Erro ou Desvio*, Funchal: Editora 5Livros.pt..

Rebelo, Maria H. (2017), *Problemas de Português com Soluções*, Funchal: IA Imprensa Académica.

Rebelo, Maria H. (2021), *Os Porquês do Português*, Funchal: Editora Colibri.

Vigoroux, Salvador Maria do Canto de Noronha (2024), *Os comportamentos do clítico SE — a norma e o uso*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Nova FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

<https://dicionario.acad-ciencias.pt/>

https://www.anqep.gov.pt/np4/cursos_profissionais.html.

<https://www.dgeste.mec.pt/>

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dever-de/4260>

APÊNDICE

Corpus

01_INF1F1_ “Hoje em dia, o produto é que fala por si, ou seja, dá-**nos** [a] a ilusão de que o produto é essencial para as nossas vidas”

01_INF1F2_ “Em soma, este texto mostra que a sociedade só quer o melhor para si, **se** [b] cegando e consumindo cada vez mais e estas publicidades que são mostradas ao público com frases evocativas”

01_INF1F3_ “e imagens de outro mundo que agradam os clientes, isto chama-**se** [c] marketing”

02_INF1M1_ “Assim os produtos deixam de ser meros produtos e passam a ser uma capacidade de **se** [a] encaixar e valer ao consumidor”

02_INF1M2_ “É como uma linguagem de sedução, rendem-**se** [b] aos produtos que usam”

03_INF1M1_ “e que o sucesso ou o fracasso de um produto não **se** [a] deve tanto à qualidade do mesmo, mas sim como ele **se** [b] encaixa no mercado”

04_INF1M1_ “Na ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre o objeto, tornou-**se** [a] vital a intervenção da publicidade por recurso a um sistema de diferenciado que é simbólico que **se** [b] responsabiliza pela criação.”

04_INF1M2_ “publicidade que centra em torno delas que por experiência com vários sujeitos vai-**se** [c] progressivamente ganhando um estatuto”

04_INF1M3_ “o êxito ou fracasso de um produto que não **se** [d] medem pela qualidade ou falta dela”

05_INF1M1_ “E de facto, uma espécie de “valor acrescentado”, este que a publicidade forja para as coisas que consumimos e que **lhes** [a] confere uma essencialidade que, não deixando de ser *ilusora*”

06_INF1M1_ “A publicidade transmite-**nos** [a] um sentimento de necessidade....embora muitas vezes seja inútil mas parece que **nos** [b] eleva o prestígio social”

06_INF1M2_ “A qualidade de um produto já não é suficiente para vendê-**lo** [c] se não tiver uma boa qualidade, é uma maneira manipuladora de sedução à qual as pessoas **se** [d] entregam para ser bem vistas”

07_INF1M1_ “Somos influenciados por imagens e frases fazendo com que **se** [a] *incaixem* nas nossas personalidades”

08_INF1M1_ “Progressivamente, a publicidade desses mesmos produtos vão ganhando força e uma certa invasão no nosso quotidiano **se** [a] torna inevitável por parte das empresas”

08_INF1M2_ “as empresas são egoístas e importam-**se** [b] com vender e não oferecem um bom produto”

09_INF1M1_ “Avaliou-**se** [a] que, a melhor publicidade no lugar parte das vezes ganha, pelo facto que falam bem”

01_SAU1F1_ “O produto passa a vender pela imagem de que **se** [a] projeta no mercado”

02_SAU1M1_ “num processo em que os bens “*intagíveis*” **se** [a] comparam e **se** [b] vendem sob a forma de mercadorias”

03_SAU1F1_ “o produto ganha uma identidade, que a linguagem das coisas **se** [a] transforma em “linguagem humana”.

04_SAU1F1_ “Onde também essa publicidade possa chamar-**lhes** [a] à atenção da boa qualidade

04_SAU1F2_ “também podemos perceber que nem todos os materiais **se** [b] combatem mas contêm entre si votos....pelo processo que **se** [c] vão comprando e vendendo”

05_SAU1F1_ “A ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos, tornou-**se** [a] vital a intervenção da publicidade....por recusa a um sistema de diferenciação simbólica, **se** [b] responsabiliza pela criação de uma identidade própria para cada um.”

06_SAU1F1_ “e passa a valer por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgem associadas, por meio de imagens e frases evocativas, **se** [a] tornam parte integrante deles”

06_SAU1F2_ “e a realização pessoal, num processo em que os bens *intagíveis* **se** [b] comparam e **se**[c] vendem sob a forma de mercadorias”

07_SAU1F1_ “O produto passa a valer pela imagem que **se** [a] projeta no mercado

08_SAU1F1_ “Desta maneira, faz com que as pessoas **se** [a] esqueçam de comprar os seus bens-materiais”

08_SAU1F2_ “Começam a querer comprar sempre mais para **se** [b] mostrar e fazer parte da sociedade. Começam a querer comprar caro só para **se** [c] acharem mais bonitas”

08_SAU1F3_ “acho que as pessoas deviam **se** [d] focar mais no que é necessário”

09_SAU1F1_ “e em que o consumismo é algo romantizado, passou-**se** [a] a usar a publicidade dita enganosa para que um determinado produto de uma determinada marca **se** [b]

destaque entre os outros..... Assim, **se** [c] cria a identidade de uma marca, as pessoas por si só ficam mais cativadas.”

10_SAU1F2_ “usadas imagens e frases evocativas para que obtenha-se [a] uma personalidade”

11_SAU1M1_ “Por vezes este tema mete-**nos** [a] a comprar, investir, a qualidade vem por trás da montra”

11_SAU1M2_ “temos êxito ou o fracasso, e esse não **se** [b] pode julgar pela qualidade ou falta da mesma, mas sim de acertar no contexto de valores dos consumidores e que **lhes** [c] trazem a maior satisfação possível”

12_SAU1F1_ “têm inúmeros produtos de equivalente função e qualidade, ...as suas propriedades reais e *intrínsecas* não servem já de argumento convincente para conquistar-**lhes** [a] um lugar no mercado.”

12_SAU1F2_ “ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos tornou-se [b] vital a intervenção de alguma publicidade”

12_SAU1F2_ “que a linguagem das coisas transforma-se [c] em “linguagem humana”

12_SAU1F3_ “é que a publicidade tornou-se [d] essencial para qualquer venda ”

13_SAU1F1_ “A ausência de verdadeiras fronteiras naturais entre os objetos, tornou-se vital a intervenção de publicidade que, por recusa a um sistema de diferenciação, **se** [a] responsabiliza pela criação de uma identidade”

13_SAU1F2_ “Na minha opinião isto é muito verdade, porque às vezes nós só **nos** [b] interessamos e importamo-**nos** [c] com a imagem. ”

13_SAU1F3_ “por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgirem associadas, por meio de imagens e frases evocativas, tornou-se [d] parte integrante dele ”

14_SAU1F1_ “a intervenção de publicidade de um sistema de diferenciação simbólica, é vital e responsabiliza-se [a] por criar uma identidade ”

14_SAU1F2_ “A publicidade forja para os consumidores **lhes** [b] conferindo uma escolaridade não deixando de ser ilusória ”

01_DES1M1_ “os objetos tornaram-se [a] necessariamente a intervenção da publicidade”

01_DES1M2_ “a valer por uma série de qualidades simbólica, que, são associadas por meio de imagens e frases evocativas, **se** [b] integrando nele”

02_DES1F1_ “o êxito ou fracasso de um produto mede-se [a] pela sua capacidade de encaixar”

03_DES1M1_“e fazendo com que crie uma constante dependência dos seus utilizadores, fazendo-**os** [a] pensar que esse produto irá **lhes** [b] dar bens não materiais como prestígio social, amor beleza, etc.”

01_GES1M1_“Esse consumismo *estremo* é muito mau para nós próprios *nos* é que não **nos** [a] apercebemos disso”

02_GES1F1_“Assim, o êxito ou fracasso de um produto não **se** [a] medem tanto pela qualidade ou falta de qualidade do mesmo.”

03_GES1F1_“O texto fala sobre os dias que **se** [a] correm, onde existe superprodução e consumismo”

04_GES1F1_“a publicidade tornou-**se** [a] essencial para o sistema de diferenciação onde tornou-**se** [b] a criação própria para cada um”

04_GES1F2_“já que tornaram-**se** parte integrante de sua personalidade”

05_GES1F1_“Na ausência de fontes naturais, utilizou-**se** [a] a publicidade, que **se** [b] responsabiliza pela identidade própria de cada um.”

05_GES1F2_“Contudo, faz que **nos** [c] rendamos, fazendo algo pra **nos** [d] chamar à atenção”

06_GES1F1_“Na geração que **nos** [a] encontramos, o consumismo e o “ato” de comprar, deixou de **se** tornar uma necessidade”

06_GES1F2_“Deixamos de querer comprar porque necessitamos, mas sim porque **nos** [c] agradou visivelmente e porque **nos** [d] poderia fazer sentir bem, em casos difíceis.”

06_GES1F3_“Desta forma a publicidade tornou-**se** [e] mais cativante”

07_GES1M1_“usar a publicidade para convencer a população de que bens materiais com apenas a sua “imagem” conhecida **nos** [a] irá aumentar a autoestima, irá **nos** [b] fazer sentir concretizados, irá **nos** [c] fazer de “superiores”

08_GES1F1_“a intervenção da publicidade que, por recurso a um sistema de diferenciação simbólica, **se** [a] responsabiliza pela criação”

09_GES1M1_“publicidade é um tipo de ilusão, que vai ganhando prestígio social, os bens intangíveis **se** [a] compram e vendem de forma de mercadoria”

11_GES1F1_“a felicidade e a realização, num processo em que os bens **se** [a] comparam e **se** [b] vendem sobre a forma de mercadorias”

11_GES1F2_“Assim o fracasso de um produto não **se** [c] mostram pela qualidade ou falta de qualidade, mas sim pela sua capacidade de encaixar no mundo”

11_GES1F3_“É uma verdadeira maneira de **nos** [d] chamar a atenção.”

01_INF2F1_ “o “Sermão aos Peixes” de António Vieira é uma obra literária que **me** [a] fascina”

01_INF2F2_ “é uma obra inspiradora que **me** [b] desafiou a refletir”

02_INF2M1_ “a linguagem utilizada pode ser confusa e em algumas partes tornou-se [a] chato”

03_INF2M1_ “em que este mesmo é um traidor e aproveita-se [a] dos outros”

04_INF2M1_ “só que ele nunca era ouvido e as pessoas não **lhe** [a] davam atenção”

04_INF2M2_ “e ele reparou que os peixes prestavam atenção e não **o** [b] ignoravam”

05_INF2M1_ “o texto também conta-**nos** [a] uma história interessante”

05_INF2M2_ “Deste modo conclui-se [b] que o texto tem muitos pontos positivos e que pode-se [c] determinar um texto que deixa desejos de ler mais.”

06_INF2M1_ “Mostra-**nos** [a] a vida de uma jovem D. Madalena que tinha acabado de perder o seu marido”

06_INF2M2_ “tinha acabado de perder o marido na guerra e acaba **se** [b] casando logo após a morte”

06_INF2M3_ “isso muda completamente a vida dela, deixando-a [c] numa vida de tristeza...pois seu marido morto **lhe** [d] tinha prometido que ainda **se** [e] veriam neste mundo, fazendo-a [f] pensar que era infiel”

06_INF2M4_ “e muda a nossa visão para certas coisas, por exemplo, mostra-**nos** [g] que palavras realmente conseguem mudar o estado de espírito de uma pessoa.”

07_INF2M1_ “falar com os peixes e os peixes **se** [a] demonstravam interessados”

07_INF2M2_ “eu acho que ele era louco por achar que os peixes **lhe** [b] ouviam”

07_INF2M3_ “que um homem falava com peixes só porque o povo não **o** [c] ouvia”

08_INF2M1_ “que apesar de ser uma obra mais antiga ela ainda **se** [a] encaixa perfeitamente atualmente sendo assim um texto atemporal.”;

08_INF2M2_ “decide ir pregar para os peixes que pelo contrário dos Homens os peixes foram-**lhe** [b] ouvir com atenção a sua mensagem

09_INF2M1_ “A história de “Frei Luís de Sousa” passa-se [a] em uma era medieval”

09_INF2M2_ “passado uma grande quantia de anos, D. Madalena casa-se [b] mais uma vez”

09_INF2M3_ “A história complica-se [c] com o retorno inesperado de D. João”

01_SAU2F1_ “Esta obra, a meu ver, destacou-se [a] pois fala sobre as virtudes e louvores”

01_SAU2F2_ “e dois olhos virados para baixo para **se** [b] proteger dos outros inimigos..., este peixe diz-**nos** [c] que devemos **nos** [d] lembrar”

01_SAU2F3_ “pois de certa forma acaba por abrir os olhos dos alunos e pô-**los** [e] a refletir”

02_SAU2F1_ “falar com os peixes, porque são bons ouvintes e calam-**se** [a] em situações perigosas”

02_SAU2F2_ “que muitas vezes os Homens colocam-**se** [b] em situações perigosas”

02_SAU2F3_ “Refiro-**me** [c] ao facto que D. Madalena não quis”

03_SAU2F2_ “casada com D. João e por o mesmo estar desaparecido e ninguém saber nada do que **lhe** [d] aconteceu,”

04_SAU2F1_ “Baseando-**me** [a] na leitura que fiz”

04_SAU2F2_ “que o público ou as pessoas que **o** [b] leem reflitam”

05_SAU2F1_ “a que mais **me** [a] chamou a atenção foi a segunda onde **nos** [b] apresenta várias personagens”

05_SAU2F2_ “É **nos** [c] apresentado um núcleo de família que consiste em D. Madalena, D. Manuel e a filha - tudo para ser uma boa obra de literatura onde a mesma **se** [d] encaixa.”;

06_SAU2F1_ “Representa uma alegoria, dirigindo-**se** [a] aos peixes mas na verdade *dirigese* [b] aos homens”

06_SAU2F2_ “A estrutura divide-**se** [c] em exórdio; a exploração e a confirmação.”

07_SAU2F1_ “Representa uma *alegria* dirigindo-**se** [a] aos peixes mas na verdade dirige-**se** [b] aos homens”

08_SAU2F1_ “Os motivos pelos quais **me** [a] levaram a gostar mais desta obra”

09_SAU2F1_ “santo antónio fala diretamente aos peixes usando-**os** [a] como metáforas”

09_SAU2F2_ “vieira começa o sermão dirigindo-**se** [b] aos peixes em tom satânico”

10_SAU2M1_ “Gosto de teatro pois é uma maneira de **se** [a] exprimir ao vivo ou seja corre mais risco.”

10_SAU2M2_ “Para terminar esta foi a única que **me** [b] despertou interesse”

11_SAU2F1_ “Baseando-**me** [a] na leitura que fiz neste módulo”

11_SAU2F2_ “Nesta primeira parte achei interessante o facto de **se** [b] tratar generalizando de injustiças e de desigualdades”

11_SAU2F3_ “em enfatizar estas situações, o que **me** [c] fez também ter interesse nesta obra”

12_SAU2F1_ “Padre António Vieira quer mandar a mensagem que como as pessoas não **lhe** [a] ouviam ele foi falar com os peixes porque eles sim ouviam-**lo**[b] e não **lhes** [c] viravam as costas”

13_SAU2F1_ “é uma obra interessante de ler-**se** [a]”

01_COM2M1_ “Sermão de Santo António” porque parece **me** [a] aborrecido”

02_COM2F1_ “e como o mesmo também desapareceu após anos **o** [a] procurando e nada dele..., Madalena decide seguir em frente e **se** [b] casa com D. Manuel e com ele tem uma filha, tempo **se** [c] passa e D. Manuel recebe a proposta de ter o rei de Espanha a passar o tempo na sua casa”

02_COM2F2_ “esta obra é excelente no que **se** [d] propoem, sendo escrita em tempos idos, ela representa bem o pensamento de um mundo”

03_COM2M1_ “e então ele foi falar/desabafar com os peixes e deu-**lhes** [a] nomes

04_COM2M1_ “pois é uma obra que **me** [a] identifico muito e porque compara os peixes”

04_COM2M2_ “caracteriza os homens como pessoas que **se** [b] gabam e que são egoístas”

05_COM2M1_ “pois foi uma obra que lembra-**me** [a] da sociedade de hoje”

05_COM2M2_ “Santo António não foi ouvido por nenhuma pessoa ninguém queria **lhe** [b] ouvir então ele falou para os peixes”

06_COM2F1_ “faz um sermão aos peixes porque as pessoas não **os** [a] ouvem”

06_COM2F2_ “e os pegadores que aproveitavam-**se** [b] dos outros”

07_COM2F1_ “do padre falar aos peixes porque as pessoas não **lhe** [a] davam atenção”

07_COM2F2_ “era comparado com Judas por ser falso, egoísta, mentiroso e pela traição e maldade que **se** [b] dá no texto”

08_COM2M1_ “Os peixes andam em cardumes e **se** [a] ajudam, e como podemos ver tem bastantes pessoas que andam em grupo”

08_COM2M2_ “e acaba por ver como alguns peixes são unidos e os humanos egoístas e **se** [b] traem.”

08_COM2M3_ “Os peixes sempre **se** [c] ajudam, talvez se alguns humanos comessem de pensar só em si próprios seria melhor.”

09_COM2M1_ “já com a Dona Madalena casada e com uma filha chega-**le** [a] a notícia que o seu ex marido D. João ainda continuava com vida”

09_COM2M2_ “e a sua filha tornar-**se** [b] ilegítima”

10_COM2M1_ “É um texto que também **nos** [a] ajuda a abrir os olhos para a vida, alertando-**nos** [b] de forma a que tenhamos mais cuidado nas nossas ações”

11_COM2M2_ “Saliente porque **se** [a] destaca da crítica típica e encontra uma forma muito criativa de contar a história”

11_COM2M3_ “deu ênfase à diversidade na vida marítima e enquadra-**a** [b] perfeitamente aos vários tipos”

12_COM2M1_ “assim como uns peixes comem-**se** uns aos outros e os maiores comem aos mais pequenos”

LISTA DE ABREVIATURAS

INF1 – curso de Informática, 1.º ano

INF2 – curso de Informática, 2.º ano

COM1 – curso de Desenho e Comunicação, 1.º ano

3D2 – curso de Design 3D, 2.º ano

SAU1- curso de Auxiliar de Saúde, 1.º ano

SAU2 – curso de Auxiliar de Saúde, 2.º ano

GES1- curso de Técnico de Gestão, 1.º ano

F – género feminino

M – género masculino

C.D – complemento direto

C.I. – complemento indireto

C. Oblq. – complemento oblíquo

RAM - Região Autónoma da Madeira

OBS - observação